UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS - DCG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

JOSÉ SILVAN BORBOREMA ARAÚJO

O ESPAÇO PERIURBANO ENTRE OS MUNICÍPIOS DE CAMPINA GRANDE E LAGOA SECA, PARAÍBA: UM ESTUDO SOBRE A DINÂMICA SOCIOECONÔMICA E CULTURAL QUE DEFINE AS VÁRIAS FORMAS DE USO DO SOLO.

Recife/PE, março de 2012.

JOSÉ SILVAN BORBOREMA ARAÚJO

O ESPAÇO PERIURBANO ENTRE OS MUNICÍPIOS DE CAMPINA GRANDE E LAGOA SECA, PARAÍBA: UM ESTUDO SOBRE A DINÂMICA SOCIOECONÔMICA E CULTURAL QUE DEFINE AS VÁRIAS FORMAS DE USO DO SOLO.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel.

Recife/PE, março de 2012

Catalogação na fonte

Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

A663e Araújo, José Silvan Borborema.
O espaço periurbano entre os municípios de Campina Grande e Lagoa Seca, Paraíba : um estudo sobre a dinâmica socioeconômica e cultural que define as várias formas de uso do solo / José Silvan Borborema Araújo. – Recife: O autor, 2012.
135 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Programa de Pós–Graduação em Geografia, 2012.
Inclui bibliografia e anexos.

1. Geografia. 2. Solo – Uso. 3. Campina Grande (PB) – Condições econômicas. 4. Campina Grande (PB) – Condições sociais. 5. Lagoa Seca (PB) – Condições econômicas. 6. Lagoa Seca (PB) – Condições sociais. I. Maciel, Caio Augusto Amorim (Orientador). II. Título.

910 CDD (22. ed.) UFPE (CFCH2012-37)

JOSÉ SILVAN BORBOREMA ARAÚJO

O ESPAÇO PERIURBANO ENTRE OS MUNICÍPIOS DE CAMPINA GRANDE E LAGOA SECA, PARAÍBA: UM ESTUDO SOBRE A DINÂMICA SOCIOECONÔMICA E CULTURAL QUE DEFINE AS VÁRIAS FORMAS DE USO DO SOLO.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel.

Aprovada em _____ de março de 2012.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel – Orientador

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

_____

Prof. Dr. Claudio Ubiratan Gonçalves – Examinador

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE

_____

Prof. Dr. Paulo Sérgio Cunha Farias – Examinador

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG

Dedico este trabalho à minha mãe Maria Sônia Borborema Araújo e à minha madrinha Stelamares Borborema da Silva, pessoas que representam muito em minha vida e que sempre estiveram ao meu lado apoiando as minhas decisões e, acima de tudo, torcendo sempre pelo meu sucesso e contribuindo para que os meus objetivos fossem alcançados. Mais uma etapa está sendo concluída e vocês fazem parte direta dessa realização.

AGRADECIMENTOS

Nesse momento, não poderia deixar de agradecer a tantas pessoas que contribuíram para a conclusão desse trabalho e que estiveram ligadas direta ou indiretamente para a efetiva contribuição científica do mesmo.

Agradeço primeiramente ao Pai supremo, criador de nossas vidas, por estar presente em minha vida em cada momento, me encorajando em continuar caminhando firme em um caminho cheio de novidades.

Sou muito grato à minha família: Meus pais (João e Sônia), irmãos (Solange e Silvio), sobrinhas (Mª Clara e Mª Cecília), madrinha (Stelamares) pela confiança que sempre depositaram em mim e apoio que me deram em prosseguir caminhando na carreira acadêmica, mesmo sabendo que às vezes essa escolha nos afasta das pessoas que mais amamos.

Ao meu orientador, professor Dr. Caio Augusto Amorim Maciel, sou grato pela presteza em aceitar a orientação desse trabalho. Uma pessoa alegre, divertida, com uma grande bagagem de conhecimento, que muito me ensinou nesses anos que convivemos juntos.

Aos componentes da banca, Claudio Ubiratan e Paulo Sérgio, por aceitarem o convite e se disponibilizarem em dar suas contribuições para o melhor entendimento de espaços periurbanos.

Especialmente a Paulo Sérgio, que desde as primeiras séries da segunda fase do ensino médio me apresentou a Geografia de uma forma apaixonante. Por ter acompanhado meu desenvolvimento dentro dessa ciência encantadora e ter se transformado em um referencial de muitas coisas que aprendi dentro desta ciência. Muito obrigado por tudo!!

Aos professores e funcionários da pós-graduação de Geografia pela convivência e aprendizado durante esses dois anos.

Aos amigos da pós (Val, Eline, Carlos, Geórgia, Luiz Arthur, Lúcia, Gleyce, Hugo) que dividimos muitos momentos de angústias, desânimos, mas também uma

diversidade de momentos alegres, divertidos, entre uma aula e outra. Foi muito bom ter conhecido vocês e poder carregá-los comigo na certeza que além da Geografia que nos liga como profissionais, construímos um laço muito maior chamado amizade!

Meus agradecimentos à Geórgia e a Naiana, que dividiram comigo apartamento durante todo esse período. Entre tantas mudanças, e sempre juntos, fomos nos tornando membros de uma mesma família. Agora somos irmãos e a ideia de separação já me deixa com lágrimas nos olhos!

Aos meus amigos em Boa Vista – PB (Fátima, Josenir, Kally, Taty, Karol, Naty, Cleide) os meus agradecimentos por entender que a distância que nos separou de algumas confraternizações foi necessária pelo objetivo maior que tenho em minha vida. Obrigado pela compreensão e força que sempre tiveram.

Sou grato ao amigo Girlan do LECgeo, pela ajuda imprescindível na construção de alguns mapas.

Ao CNPQ pela bolsa concedida, sem a qual esse trabalho não teria chegado ao fim.

Aos amigos Thamires, Jaqueline, Diego Mentor e Ariela, à primeira que disponibilizou tanto tempo em me acompanhar durante a pesquisa de campo, os meus mais sinceros agradecimentos pela sua companhia e amizade. À segunda, por tantas vezes emprestar sua câmera para que o registro fotográfico desse trabalho tivesse sido concluído. Já Diego, com suas intervenções no processo de formatação do trabalho e com ajuda de sua irmã Karina, na construção dos croquis. Já Ariela me auxiliou bastante no processo de entrevistas com os moradores dos condomínios fechados. Obrigado amigos!

Aos moradores e comerciantes da área entre as cidades de Campina Grande e Lagoa Seca, por concederem entrevistas e ajudar na efetiva conclusão deste trabalho.

Se porventura, me esqueci de citar nomes, saibam que sou grato por todas as contribuições que me foram prestadas. Muito obrigado!

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS

LISTA DE QUADROS

LISTA DE TABELAS

LISTA DE GRÁFICOS

LISTA DE SIGLAS

RESUMO ABSTRACT

INTRODUÇÃO..... 17

I - CAMPO-CIDADE E RURAL-URBANO: conceitos e delimitações..... 22

1.1 - Antagonismos e complementaridade entre o campo e a cidade..... 23

1.2 - Rural e o urbano: Complexidades e funcionalidades..... 31

1.3 - O rural e o urbano em Campina Grande e Lagoa Seca..... 38

1.4 – Processo de periurbanização: das teorias às modificações espaciais entre Campina Grande e Lagoa Seca – PB..... 46

II - FORMAÇÃO E EXPANSÃO DAS ÁREAS URBANAS DE CAMPINA GRANDE E LAGOA SECA – PB..... 56

2.1 - As mudanças nas dinâmicas socieconômicas de Campina Grande e de Lagoa Seca – PB: Da Fazenda à cidade..... 58

2.2 - Impactos da expansão urbana sobre as áreas rurais de Campina Grande e Lagoa Seca – PB..... 74

III - A FORMAÇÃO DA ÁREA PERIURBANA ENTRE LAGOA SECA E CAMPINA GRANDE – PB..... 83

3.1 - Processo de periurbanização e modificação espacial entre Campina Grande e Lagoa Seca – PB..... 83

3.2 - As modificações e permanências na área periurbana entre Campina Grande e Lagoa Seca – PB..... 88

3.3 - As relações socioeconômicas no espaço periurbano entre Campina Grande e Lagoa Seca – PB..... 111

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 125

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 128

ANEXOS..... 132

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Localização da área de estudo: Mesorregião do Agreste Paraibano e Microrregião de Campina Grande..... 39

FIGURA02: Utilização do solo em Lagoa Seca – PB..... 43

FIGURA 03: Coroas Periurbanas..... 52

FIGURA 04: Correntes de povoamento pernambucano e baiano no interior nordestino..... 57

FIGURA 05: Descentralização de atividades para áreas mais afastadas do centro da cidade..... 68

FIGURA 06: Influência que Campina Grande desempenha em relação a outras regiões do estado daParaíba..... 70

FIGURA 07: Regiões agrícolas de Lagoa Seca – PB..... 77

FIGURA 08: Placa afixada às margens da BR entre Campina Grande e Lagoa Seca..... 85

FIGURA 09: Propaganda de um "Bairro Planejado" entre Campina Grande e Lagoa Seca..... 86

FIGURA 10: Croqui do espaço periurbano entre Campina Grande e Lagoa Seca a partir de imagem de satélite de 2005..... 89

FIGURA 11: Croqui do espaço periurbano entre Campina e Lagoa Seca a partir de imagem de satélite de 2011..... 90

FIGURA 12: Ilustração do condomínio Sierra Home Resort em Campina Grande..... 91

FIGURA 13: Viaduto Elpídio de Almeida em Campina Grande..... 93

FIGURA 14: Loja de artesanato, às margens da BR-104, ao lado de condomínios fechados..... 94

FIGURA 15: Vista do condomínio Nações Residence Privé, entre Campina Grande e Lagoa Seca – PB..... 98

FIGURA 16: Rua Ezequias Trajano de Lima..... 99

FIGURA 17: Área urbana do município de Lagoa Seca..... 101

FIGURA 18: Entrada do loteamento Juracy Palhano, com *outdoor*..... 106

FIGURA 19: A parte mais antiga do loteamento Juracy Palhano, Lagoa Seca-PB..... 107

FIGURA 20: Na parte mais recente do loteamento Juracy Palhano, Lagoa Seca-PB..... 107

FIGURA 21: Placa de restaurante no espaço periurbano entre Campina Grande e Lagoa Seca..... 113

FIGURA 22: Placa às margens da BR-104 informando local de venda de plantas ornamentais..... 113

FIGURA 23: Placas de restaurante e de venda de lotes do condomínio Nações Residence Privé..... 114

FIGURA 24: Restaurante às margens da BR-104, bem próximo ao condomínio Nações Residence Privé e ao Atmosphera Eco Residence..... 114

FIGURA 25: Panorama do Sítio Oiti, em Lagoa Seca, a partir da BR-104..... 117

FIGURA 26: Lavoura de hortaliças no sítio Oiti, Lagoa Seca-PB..... 117

FIGURA 27: Plantação de hortaliças no sítio Oiti, Lagoa Seca-PB..... 118

FIGURA 28: Irrigação manual em plantação de hortaliça, Sítio Oiti, Lagoa Seca-PB.... 119

FIGURA 29: Entrada de granja no sítio Vale das Nascentes, em Lagoa Seca – PB..... 120

FIGURA 30: Entrada de granja no sítio Vale das Nascentes, Lagoa Seca - PB..... 121

FIGURA 31: Entrada de granja no sítio Vale das Nascentes, Lagoa Seca – PB..... 121

FIGURA 32: Entrada da pousada Magia do Verde, em Lagoa Seca – PB..... 122

FIGURA 33: Área social da pousada Magia do Verde, em Lagoa Seca – PB..... 123

FIGURA 34: Apartamentos tipo chalé na pousada Magia do Verde. Percebe-se uma área de preservação vegetal ao fundo..... 123

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01: Origem e significados das palavras..... 26

LISTA DE TABELAS

TABELA 01: Utilização das terras em Campina Grande – PB..... 74

TABELA 02: Utilização das terras em Lagoa Seca – PB..... 75

TABELA 03: Produção nas lavouras permanentes e temporárias de Campina Grande – PB..... 78

TABELA 04: Produção nas lavouras permanentes e temporárias do município de Lagoa Seca – PB..... 79

TABELA 05: Contingente pecuário do município de Campina Grande – PB..... 80

TABELA 06: Contingente pecuário do município de Lagoa Seca – PB..... 81

TABELA 07: condomínios nas bordas da cidade de Campina Grande 97

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01: Atuação do governo municipal na área do Nações Residence Privé, de acordo com X moradores entrevistados, Lagoa Seca-PB..... 102

GRÁFICO 02: Pertencimento territorial do imóvel a partir da opinião dos moradores do residencial Nações Residence Privé, Lagoa Seca-PB..... 103

GRÁFICO 03: Serviços públicos prestados à população, na opinião dos entrevistados do bairro Juracy Palhano, Lagoa Seca-PB..... 104

LISTA DE SIGLAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Goegrafia e Estatística

IPTU – Imposto Predial Territorial Urbano

ITR – Imposto Territorial Rural

PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

RESUMO

O presente trabalho busca entender as várias formas de uso do solo no entorno das cidades de Campina Grande e Lagoa Seca, na Paraíba, à luz das relações socioeconômicas e culturais, com o intuito de analisar se há características de espaço periurbano. Nesse sentido, as mudanças e permanências percebidas na paisagem, no modo de vida da população, nas relações sociais de trabalho, dentre outros, são focos de nossa investigação. A área em questão localiza-se na Mesorregião do Agreste paraibano mais precisamente na Microrregião de Campina Grande, numa área de transição entre os municípios supracitados, onde se territorializa pelo espaço, principalmente ao longo da BR – 104 condomínios horizontais fechados, restaurantes, bares, lojas de plantas ornamentais e de artesanatos, que funcionam como atividades solidárias a este espaço periurbano, além de loteamentos populares, entremeados por bolhas de povoamento mais simples e áreas de agricultura familiar. Adentrando pelas estradas vicinais à rodovia federal mencionada, ainda percebe-se uma série de chácaras que funcionam como segunda moradia em período de férias, feriados e outras datas comemorativas, pousadas e sítios que são especializados na produção de hortaliças, frutas, dentre outros, que são comercializados nas feiras, supermercados de Campina Grande, de Lagoa Seca e até em estados vizinhos. Sendo assim, as relações socioeconômicas nesse espaço se manifestam de formas diferentes, uma vez que, para a população que já residia nessa área, a agricultura ainda é a fonte de renda mais importante de reprodução e manutenção familiar, ao passo que para a população que se instalou nesses novos objetos residenciais suas vidas estão ligadas as atividades de serviços, desenvolvidas na cidade de Campina Grande. Dessa forma, este trabalho objetiva compreender as relações socioeconômicas e culturais entre os municípios mencionados, observando a dinâmica existente para a formação e evolução de um espaço periurbano. Para isto, foi necessário fazer leituras em bibliografias especializadas, com o intuito de se apropriar cada vez mais do conceito de espaços periurbanos. Em seguida, com o suporte da pesquisa de campo e cartográfica, se chegou com mais precisão aos elementos característicos desse espaço, com uma maior aproximação das áreas de moradia, de comércio, bem como as de agricultura, além de perceber o intenso fluxo diário de pessoas e de mercadorias entre as cidades de Campina Grande e Lagoa Seca. Nesse sentido, sob uma análise histórico-geográfica espera-se chegar ao término deste trabalho com uma maior compreensão do espaço estudado e das forças que atuam para a sua mobilidade, tentando desvendar se existe, de fato, a formação de uma área periurbana nesta fração do território.

Palavras-chaves: Espaço periurbano; uso do solo; relações socioeconômicas; Campina Grande; Lagoa Seca-PB.

ABSTRACT

This paper aims at comprehending different forms of land use around cities of Campina Grande and Lagaa Seca, in Parahyba state, through socio-economic and cultural relations, in order to inspect whether there are features of a suburban space. Accordingly, any changes and remaining in the landscape, the way of population life, in social work, among others, are focus of our investigation. The underlying analyzed area is located in Parahyban Wild Greater Region, specifically in Campina Grande, a transition area between the towns above, where there is a space territorialization, especially along the BR Highway - 104 private enclosed condominiums, restaurants, bars, ornamental plant shops as well as handicrafts, which develop sympathetic activities in this suburban area, and popular allotments, surrounded by simpler settlement areas and family farming. Stepping into the roads of federal highway above mentioned, we still can notice a considerable number of farms which act as second homes for vacation, holidays and other important dates, hostels and country houses which are expert in the growth of vegetables, fruit, among others, which are sold at fairs, supermarkets in Campina Grande, Lagoa Seca and even in neighboring states. In this manner, the prevailing connections in this socioeconomic scenery are shown by different ways, once for the population who have lived in this area, farming is still the most important source of income for replication and family maintenance, whereas for the population who have been settled in these new residential objects, their lives are linked to service activities, developed in the city of Campina Grande. Thus, this study aims to understand the socioeconomic and cultural connections between the cities above mentioned, noticing the current dynamic for formation and evolution of a suburban area. Thereunto, it was required a deep reading in specialized bibliographies readings in order to acquire the concept of a periurban area. After that, supported by a field and cartographic research, we were able to define more precisely the peculiar elements of this space, with a bigger approximation of the housing areas, business, as well as farming, not to mention noticing the daily intense flux of people and products between the cities of Campina Grande and Lagoa Seca. Consequently, upon a historic-geographical analysis is expected to reach the end of this study with a greater understanding of the area which was studied and the forces which work for its mobility, trying to figure out if there is, in fact, the formation of a periurban area in this area of the territory.

Key Words: periurban area, land use, socioeconomic connections, Campina Grande – PB, Lagoa Seca – PB

INTRODUÇÃO

O estudo dos espaços rurais e urbanos sempre esteve presente nos trabalhos acadêmicos, muitas vezes como espaços antagônicos, divergentes, que mostravam as características intrínsecas de cada área como se não houvesse uma continuidade entre elas. A cidade podia se desenvolver autônoma, sendo associada ao movimento, ao tempo rápido, enquanto que ao campo estava designado como o lugar do fazer, do tempo lento. Nesse sentido, verifica-se que para a cidade era dada outra significação, mais moderna, enquanto que ao campo foi relegado um caráter mais tradicional.

Porém, com o tempo, as relações estabelecidas entre esses espaços foram sendo cada vez mais intensificadas, seja pela troca de mercadorias entre eles seja pelo crescimento exacerbado das cidades que iniciaram um processo de territorialização pelas áreas mais afastadas, englobando, dessa forma, as áreas mais limítrofes dos centros urbanos.

A partir dessa nova organização espacial, começa a surgir nas bordas das cidades um *mix* de relações, aproximando os modos de vidas urbano e rural, formando um espaço totalmente diferenciado daquele que se tinha até certo tempo atrás. Este espaço tem ganhado várias nomenclaturas, entre elas, espaço rurbano, franja rural-urbano, espaço periurbano. Adotaremos nesta análise a terminologia francesa de espaço periurbano.

No espaço periurbano, as relações socioeconômicas, culturais se dão de forma muito diferenciadas, visto que a população que se muda para essa área possui um ritmo de vida ligado à cidade, além de que as relações de trabalho, educação, saúde por eles estabelecidas está em função do grande centro urbano. Dessa forma, essas pessoas estabelecem um movimento pendular diário entre a residência que se localiza no espaço periurbano e tem função exclusiva de moradia, e os locais de trabalho, escola, divertimento, entre outros. Sendo assim, entendemos que nas áreas que margeiam as cidades os "processos de modificação do uso do solo [são] muito intensos e diversificados, graças, sobretudo, a proximidade do núcleo urbano, dos processos

especulativos e de políticas locais que privilegiam as atividades urbanas em detrimento das atividades rurais" (GUALDANI; BRAGA; OLIVEIRA, 2005, p. 01).

Nesse sentido, estudar os espaços periurbanos se traduz num enfoque ainda recente em nosso país, tendo em vista que esse processo de povoamento das áreas mais afastadas dos centros urbanos das cidades, em especial das grandes aglomerações populacionais, teve início por volta da década de 1990, contudo, tal fenômeno já acontecia nos países da Europa e Estados Unidos desde os fins da década de 1960 início de 1970.

Na porção territorial entre as cidades de Campina Grande e Lagoa Seca, o espaço periurbano começou a ganhar forma no final da década de 1990, com a desapropriação de algumas áreas rurais para a construção de condomínios horizontais fechados, que serviriam para uma população de classe média e alta proveniente da primeira cidade. O setor imobiliário, apoiado pelo poder da mídia que agrega as vantagens de se viver mais próximo da natureza, ao ar puro, longe do barulho e violência dos centros urbanos, impulsionou esse tipo de moradia na cidade e conquistou muitos adeptos, configurando uma auto-segregação em espaços homogeneizados social e economicamente.

Em volta desses empreendimentos, também surgem outras atividades solidárias como lojas de plantas ornamentais, lojas de artesanato, bares, restaurantes, postos de combustíveis, além de loteamentos populares, bairros verdes, pousadas, chácaras que servem como segunda moradia, e algumas áreas rurais que desenvolvem atividades ligadas à agricultura de frutas e hortaliças.

Nesse sentido, as relações estabelecidas nessa área se dão de variadas formas tendo em vista que são muitos modos de vida, diversas habilidades profissionais envolvidas, ritmos de vida diversos, que preenchem este espaço dotando-o de muita dinâmica e diversidades.

Nessa perspectiva, partimos da ideia de que este espaço periurbano possui várias formas de relações socioeconômicas e culturais que influem de maneira decisiva nas variadas formas de uso do solo e que constituem aspectos fundamentais para tornar-lo vivo e cheio de movimento.

Nesse contexto, esta abordagem histórico-geográfica constitui um estudo de caso da relação cidade-campo entre Campina Grande e Lagoa Seca – PB, levando em consideração a dinâmica socioeconômica que define as formas de uso e ocupação do solo nesse espaço de características periurbana e pauta-se em uma leitura que entende as formas, funções e estrutura em processo constante de mudanças ativadas pelas contradições inerentes às suas e as outras escalas (estadual, regional, nacional e global). Nesse sentido, a análise/síntese aqui exposta se assenta nos aspectos qualitativos dos fenômenos sob investigação. Sendo assim, elegemos como categorias de análise o espaço periurbano, a relação cidade-campo, o processo de territorialização das áreas envolvidas na pesquisa, que através da observação *in loco*, da revisão bibliográfica em livros, dissertações, teses, revistas, dentre outros, tentamos alcançar o entendimento do que venha a ser cada definição e conceito utilizado, além disso, nos apoiamos em entrevistas com moradores dos condomínios horizontais fechados, das chácaras, dos loteamentos, das lojas de artesanatos, de plantas ornamentais, etc. dos bares, dos restaurantes, dentre outros, com o intuito de juntar informações relevantes sobre a área e sobre possíveis vantagens/desvantagens de se viver e trabalhar nesse espaço periurbano. Além disso, entrevistas com moradores das áreas rurais foram de grande importância no intuito de desvendar o que foi transformado e o que ainda permanece na área de atuação da agricultura.

Vale ressaltar que a base cartográfica nos ajudou a pontuar com mais exatidão o espaço periurbano, destacando as áreas de moradia fechada, de loteamentos, bairros verdes, de comércio, de agricultura, dentre outros.

Sendo assim, no decorrer do trabalho procuramos analisar e discutir cada termo utilizado tentando unir o teórico ao empírico, numa forma de validar a nossa pesquisa e torná-la mais operacionalizável, com o intuito de mostrar que o espaço geográfico contém muito movimento, é dotado de peculiaridades, mas que também é um espaço uno e deve ser percebido nessa unicidade.

Assim, o primeiro capítulo discute conceitos e delimitações dos termos campo-cidade, rural-urbano e formação de espaços periurbanos. Nesse sentido, trazemos as discussões a respeito do tema, focalizando os antagonismos e complementaridades entre esses termos, uma vez que a cidade e o urbano foram por muito tempo vistos como

sendo os lugares do mandar enquanto o campo e o rural como os lugares do fazer, da obediência, aumentando cada vez mais as complexidades existentes entre eles a partir das funcionalidades que cada espaço exercia. No mesmo quadro relativo, discutimos essa relação rural-urbano nas cidades alvo de nossa pesquisa (Campina Grande e Lagoa Seca), mostrando a importância que cada área exerceu para o desenvolvimento municipal. Posteriormente faz-se uma discussão a respeito do processo de formação do espaço periurbano no mundo, no Brasil e mais especificamente no território entre Campina Grande e Lagoa Seca.

O segundo capítulo analisa o processo de formação e expansão das áreas urbanas de Campina Grande e de Lagoa Seca, enfocando as modificações na dinâmica socioeconômica dos municípios supracitados, mostrando essa evolução do início do povoamento, quando se constituiu como fazendas e se desenvolveram apoiados em uma atividade econômica, até a fundação da cidades, quando já contavam com um número considerável de habitantes, sua economia estava consolidada em alguma atividade e figuravam com certa importância para a economia estadual como um todo. Diante desse contexto, os impactos dessa expansão urbana sobre as áreas rurais mereceram atenção, visto que a partir desse processo as bordas das cidades começaram a ganhar outra importância para o capital imobiliário e o espaço periurbano teve seu desenvolvimento, modificando toda a área que antes possuía características típicas de rural.

Enfim, chegamos ao terceiro capítulo investigando o processo de formação da área periurbana entre as cidades de Campina Grande e de Lagoa Seca, mostrando como se deu esse processo e as modificações espaciais na área entre os dois municípios, destacando a paisagem como categoria mais sensível para o observador. Nesse sentido, destacar as modificações e as permanências foi de grande importância, porque é através delas que percebemos a intensidade com que esses novos objetos no espaço e suas respectivas funções influenciam/interferem no comportamento da sociedade e da economia local.

Nesse sentido, o espaço periurbano entre as cidades de Campina Grande e de Lagoa Seca se apresenta como o novo em uma área que até a década de 1990 preservava em sua quase totalidade características de zona rural, contudo, a partir da formação e desenvolvimento desse espaço as atividades econômicas, as relações sociais, o modo de

vida da população que já residia nessa área sofreram algumas modificações e o espaço se constitui com fortes características tanto do rural como do urbano, apresentando uma dinâmica espacial dotada de contradições.

I - CAMPO-CIDADE E RURAL-URBANO: CONCEITOS E DELIMITAÇÕES

As tentativas de se conceituar bem como delimitar as áreas urbanas e rurais, o campo e a cidade, são numerosas em diversas áreas do conhecimento e tornam-se cada vez mais distantes de um resultado consensual, uma vez que, com o processo de globalização movido pelo capitalismo em estado de desenvolvimento elevado, essas áreas adquirem constantemente novos elementos na paisagem e assumem novas funções no espaço geográfico, como indústria, serviços além das atividades ligadas classicamente à agricultura, tornando-as participantes de uma dinâmica recente no território nacional, em que não se define nem se delimita com precisão o que seja campo, cidade, rural e urbano. Tal realidade é válida tanto para o panorama mundial quanto nacional, resguardadas as especificidades de cada nação.

Nesse sentido, buscaremos encontrar um caminho que nos aproxime ao máximo da conceituação e delimitação dos termos supracitados tentando entender as diversas modificações nesses espaços no decorrer do tempo histórico e as relações postas entre os mesmos no caso brasileiro e, mais especificamente, no paraibano.

Dessa forma chegaremos ao estágio de desenvolvimento dessas áreas, destacando suas peculiaridades, bem como suas reações híbridas. Assim, José Eli da Veiga (2005) alerta sobre a relação abstrata entre o rural e urbano para o desenvolvimento regional, destacando, no mínimo, três situações concretas básicas:

> a) a de regiões essencialmente urbanas, como é o caso das áreas metropolitanas; b) a de regiões essencialmente rurais, quase sempre remotas, nas quais os ecossistemas originais foram preservados ou passam a ser conservados; e c) a de numerosas regiões intermediárias, ou ambivalentes, nas quais são extremamente heterogêneas as participações relativas de ecossistemas parcialmente alterados e ecossistemas dos mais artificializados, como são os casos das aglomerações, cidades, e mesmo certas vilas (VEIGA, 2005, p. 09).

Nesse contexto, a delimitação e conceituação dessas regiões intermediárias, que surgem e se multiplicam no país com certa intensidade, tornam-se complexas exigindo uma reflexão mais cuidadosa para se chegar a uma clarificação de cada termo no

momento de defini-lo como área urbana, rural ou até mesmo intermediária, no caso de interesse desta dissertação o espaço periurbano.

1.1 – Antagonismos e complementaridades entre o campo e a cidade

A construção dos conceitos para se definir o campo e a cidade não é de todo fácil, e os mesmos não se encontram prontos, uma vez que as suas diferenças estão contidas seja na origem, na função, no aspecto da paisagem ou até mesmo nos objetivos práticos (administrativos) de cada classificação. Diferenças primordiais estão baseadas na divisão territorial do trabalho, que tem o trabalho material e intelectual como categorias estabelecidas (BAGLI, 2006).

Dessa forma, entendemos que a ligação entre o campo e a cidade sempre foi muito forte desde o princípio, visto que, no processo de desenvolvimento das comunidades humanas, a ligação com a terra esteve muito presente. Esta identidade relacional se traduz pelo fato de que, a partir da terra extraímos nossa subsistência e as realizações da sociedade humana como um todo. Por isto, Raymond Williams considera a própria cidade como sendo uma dessas realizações, como uma forma distinta de civilização e que foi construída a partir do campo.

É a partir dessa ligação em comum que aproxima o campo e a cidade, que vão surgir as primeiras diferenças definidoras desses espaços tomando como base as atividades econômicas a que estavam encarregadas e o perfil da população residente em cada área.

Neste contexto, Raymond Williams interpreta a visão a respeito da cidade e do campo, com base na civilização inglesa, explicitando que,

> O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida - de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a ideia de centro de realizações – de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação (WILLIAMS, 1989, p. 11).

Nessa mesma linha de pensamento Lefebvre (1969) *apud* Bagli (2006) “afirma que a cidade ficou incumbida do trabalho intelectual: funções de organização e direção,

atividades políticas e militares, elaboração do conhecimento teórico (filosofia e ciências). Ao campo ficou, portanto, o trabalho prático/material." [1]

Ainda comentando sobre as contradições entre o campo e a cidade, no decorrer do processo histórico, Roberto José Moreira discorre sobre algumas tendências que afirmam a cidade como sendo o espaço das realizações, do mandar, em contraposição ao campo:

> Enquanto o território urbano foi simbolicamente referido ao tempo contínuo, ao mecanismo do relógio e ao espaço geométrico horizontal-vertical das ruas e dos edifícios, o território rural foi associado ao tempo sazonal e ao espaço ecossistêmico da natureza (MOREIRA, 2007, p. 76).

Contudo, com o desenrolar da história, o urbano e o rural absorveram muitas outras atividades com características diferentes daquelas predeterminadas pelos esquemas explicativos das ciências, formando um híbrido de atividades entre esses espaços, como por exemplo, o campo desenvolvendo atividades industriais e de serviços e a cidade desenvolvendo agricultura em manchas da malha urbana. Esta possibilidade de diversificar e intercambiar suas atividades primordiais causa, na atualidade, uma inversão nos modos de ver o campo e a cidade.

É tanto que Lívia Miranda tece alguns comentários a respeito dessa nova organização espacial, sublinhando que algumas diferenças podem, todavia, acentuar-se:

> As relações cidade-campo, no contexto capitalista, estabelecem-se denotando uma aproximação crescente dos espaços urbano e rural, contudo, as suas diferenças acentuam-se cada vez mais sociologicamente, a partir de um progressivo distanciamento entre os "modos de vida" urbano e rural (MIRANDA, 1997, p. 28).

Dessa forma, percebe-se que o espaço físico da cidade e do campo está cada vez mais próximo devido ao processo de territorialização da cidade que avança em direção ao campo. Nesse processo, as relações sociais entre essas áreas vão se dando de formas diferenciadas, uma vez que, os hábitos, modos de vida, de quem vive na cidade e que

[1] As reflexões acerca dos contrastes entre o campo e a cidade em Williams e em Lefebvre se referem à civilização clássica.

caracteriza os costumes urbanos invade o campo e partilha as relações rurais e vice-versa. Assim, ocorre uma dificuldade considerável na identificação dessas diferenças.

Nesse sentido, as diferenças podem ir se tornando desigualdades, no momento em que se tratam as relações entre as pessoas sob uma égide hierárquica, apoiada em definições que qualificam os moradores da cidade positivamente em detrimento dos habitantes do campo, que recebem definições negativas e que podem ser mais bem analisadas a partir do quadro esquemático abaixo:

QUADRO 01: Origem e significados das palavras cidade/urbano – campo/rural.

CIDADE-URBANO	CAMPO-RURAL
Civitas *f.* **1.** Condição de cidadão. **2.** Conjunto de cidadãos. **3.** Sede do governo; Estado; cidade; pátria. **4.**= urbs.	**Campus** *m.* **1.** Planície; terreno plano; veiga; campina cultivada. **2.** Campo ou terreno para exercícios. **3.** Campo de batalha. **4.** Os exercícios do Campo de Marte; os comícios; as eleições. **5.** Produtos da terra.
Civis *m.* e *f.* **1.** Cidadão livre; cidadã livre, membro livre de uma cidade, a que pertence por origem ou adopção. **2.** Concidadão; concidadã. **3.** Habitante. **4.** Soldado Romano. **5.** Companheiro.	**Campesis** *adj.* **1.** Relativo aos campos; campestres. **2.** Epíteto de Isis que tinha um templo no Campo de Marte.
Urbs *f.* **1.** Cidade (em opos. a *rus* ou a *arx*) **2.** A cidade por excelência. **3.** Cidade, população duma cidade; os cidadãos; Estado. **4.** Morada; asilo.	**Rus** *n.* **1.** Campo (em opos. a *domus* "casa" e *urbs* "cidade"). **2.** Terras de lavouras. **3.** Casa de campo. **4.** Território; região. **5.** *Fig.* Rusticidade; rudeza. **6.** *Pl.* Propriedade rural; o campo (em geral).
Urbanus *adj.* **1.** Da cidade (em opos. a *rusticus*); Da cidade de Roma; urbano. **2.** Civil (em opos. a *castrensis*); pacífico. **3.** Polido; fino; delicado; urbano. **4.** Espituoso; engraçado; engenhoso. **5.** Divertido; folgazão; gracejador. **6.** Elegante; esmerado (fal. do estilo); que usa linguagem apurada. **7.** Impudente, desavergonhado; indiscreto.	**Rusticus** *adj.* **1.** Dos campos; do campo; rústico; campestre; rural. **2.** *Fig.* Rústico; agreste; rude; inculto; grosseiro; tosco; labrego; saloio; desajeitado; sem elegância. **3.** Simples; ingênuo; pouco atilado; estúpido. **4.** Inacessível ao amor; esquivo; bisonho. **5.** Camponês; lavrador; campônio.

FONTE: TORRINHA, Francisco. Dicionário Latino-português. *Apud* BAGLI, Priscilla, 2004, p. 44.

A partir dessas definições, o campo e a cidade não são vistos como um *continuum*, como um espaço único dotado de características e peculiaridades próprias,

mas como espaços antagônicos, dotados de desigualdades que foram se acentuando no decorrer do tempo histórico.

Verifica-se esse processo de definição de campo e cidade já na civilização clássica, onde as classes mais abastadas moravam no alto das colinas e os demais, sem muitos direitos, se contentavam em estabelecer suas residências na base das colinas. Da mesma forma se seguiu no período medieval em que:

> O castelo do nobre ou do rico dominava a paisagem da cidade, dividida em paróquias religiosas; a propriedade da terra pertencia a ricos senhores ou, mais comumente, a entidades religiosas que, através desse mecanismo, exerciam o controle do espaço de diferentes ofícios exercido na cidade, entre outras coisas (PINTAUDI, 1999, p. 132-133 *apud* BAGLI, 2004, p. 45).

Smith (1996) considera que os habitantes das antigas repúblicas da Grécia eram primordialmente proprietários de terras, e que estas foram divididas entre eles. Como forma de defesa normal, esse povo construiu suas casas uma perto das outras, além de murá-las, dando assim um caráter de aglomeração aquela área, que até então, possuía poucas e escassas edificações.

Por outro lado, este mesmo autor comenta que após a queda do Império Romano esses proprietários de terras localizaram-se nos castelos fortificados em meio aos seus inquilinos e dependentes, ficando as cidades habitadas por negociantes e artífices.

Contudo, "por mais servil que possa ter sido a condição original dos habitantes das cidades, não há dúvida de que obtiveram a liberdade e a independência muito antes do que os moradores do campo (SMITH, 1996, p. 390)."

Nesse sentido, o espaço das cidades foi se tornando espaço de domínio e influência da burguesia, que começava a ganhar expressivo destaque socioeconômico e político, subalternizando ainda mais o campo, como afirma Moreira (2003):

> Ao derrotarem os antigos regimes, os regimes burgueses projetaram-se como sociedades urbanizadas e industrializadas. Configuraram uma visão de rural subalterno sujeito ao seu domínio. Projetaram instituições e políticas agrárias e agrícolas, dentre as quais as de ensino, pesquisa e extensão rurais e as de profissionalização das ciências agrárias, agrônomas e extensionistas, dentre outras (MOREIRA, 2003).

Sendo assim, a burguesia vai consolidando o espaço da cidade como o local de concentração, em que o centro se torna a área mais procurada, em detrimento da periferia, das bordas da área urbana, que fica reservada para as classes mais pobres.

É a partir da divisão territorial e social do trabalho que a cidade capitalista vai se constituindo, afirmando a divisão entre o campo e a cidade e as atividades a que cada uma estava designada. Sobre esse período histórico John Merrington (1977), lembrado por Maia (1994), demonstra as causas de tal separação:

> A separação da produção e consumo provocada pela troca urbano-rural foi causa daquela "revolução" mediante a qual a auto-suficiência da economia rural foi minada pelos padrões de consumo urbano, destruindo a ordem estática da autoridade patriarcal baseada na posse da terra, na qual o "consumo não é um prêmio mas um preço da subordinação" (MAIA, 1994, p. 33-34).

A partir de então, o campo não produz apenas para o abastecimento próprio, uma vez que, as cidades começam a crescer e exigir um aumento dessa produção para o abastecimento das áreas urbanas. Com esse aumento da cidade, o processo de urbanização vai se estendendo cada vez mais até as áreas rurais, levando a estas os meios e insumos industriais (máquinas, equipamentos, procedimentos) para o aumento da produção.

Contudo, o que chama a atenção no período histórico atual é esse processo de territorialização das cidades em direção ao campo cada vez mais em estágio crescente generalizado. Destarte, Sposito (2006) comenta a respeito dessas continuidades territoriais:

> (...) O que nos parece relevante para compreender o campo e a cidade, no período contemporâneo, é o fato de que, no século XX, predominou tendência à extensão territorial muito mais intensa que a observada nos séculos anteriores do longo processo de urbanização, alterando as morfologias urbanas e tornando muito difícil distinguir, no plano das formas espaciais, a cidade do campo (SPOSITO, 2006, p. 121).

Já Lefebvre (1973) destaca também que o alargamento das áreas das cidades se aproxima do campo e influenciam a implantação de alguns elementos no território:

> *La sociedad y La vida urbana, conducidas por el tejido urbano, penetran en el campo. Semejante manera de vivir implica sistemas de fines y sistemas de valores. Los elementos más conocidos del sistema urbano de fines son el água, la eletricidad, el gás (butano en el campo), acompañadas del coche, la television, los utensilios de plático, el mobiliário "moderno", lo que implica nuevas exigências em lo relativo a los servicios* (LEFEBVRE, 1973, p. 26-27)[2].

A esses elementos ainda acrescentamos o próprio movimento do mercado capitalista que amplia as áreas de influência e comando da economia, instalando indústrias cada vez mais distantes das regiões próximas e centrais das cidades. Com isso, áreas periféricas e as já mais distantes, caracterizadas como rurais, começam a absorver essas indústrias, tornando-as integrantes de seu espaço e o campo passa a se comunicar com mais intensidade com a cidade, absorvendo elementos desta e ao mesmo tempo emprestando dos seus caracteres à vida urbana.

Contudo, a produção no campo é submetida a um processo de geração de valor que recaem na renda da terra. Dessa forma, necessita-se examinar a lógica de ordenação em que está o território, porque além das questões de delimitações estão implícitas as relações de poder e suas contradições oriundas do próprio processo econômico. Se o processo de urbanização do campo pode ser concebido enquanto um fenômeno generalizado, suas formas concretas e localizadas de ocorrência variam de acordo com características, potencialidades e entraves do território, isto é, possuem uma evidente geograficidade.

Assim, Marques (2002) *apud* Paulino (2010) considera que:

> Para compreender as imagens do campo e da cidade é preciso examinar os processos sociais concretos de alienação, separação, exterioridade e abstração de modo crítico. É preciso também recuperar a história do capitalismo rural e urbano, afirmando as experiências de relações diretas, recíprocas e cooperativas que são descobertas e redescobertas muitas vezes sob pressão. Nem a cidade irá salvar o campo, nem o campo irá salvar a cidade (PAULINO, 2010, p. 124).

[2] Lefèbvre ainda complementa: A sociedade e a vida urbana, conduzidas pelo tecido urbano, penetram no campo. Semelhante maneira de viver implica sistemas de fins e de valores. Os elementos mais conhecidos do sistema urbano de fins são a água, a eletricidade, o gás (butano no campo), acompanhados do carro, a televisão, os utensílios de plástico, o mobiliário "moderno", que implica novas exigências no que diz respeito aos serviços. (*Idem, Ibidem*)

Com efeito, evidencia-se que o processo de expansão das cidades em direção ao campo não se dá só na forma física, uma vez que, os objetos que vão dar configuração a esse espaço carregam significação própria, além de terem os aspectos cognitivos do contingente humano que os anima. Nesse sentido, as relações estabelecidas nessa área de confluência do campo com a cidade não devem ser vistas de formas separadas, uma vez que, o espaço é único e contínuo, onde as relações socioeconômicas, políticas e culturais se dão sem separação, dotando este espaço de dinâmica e contradição.

Vale (2005, p. 66), auxiliando-se dos escritos de Nel-lo, afirma que a situação existente destas denominações (e acrescenta cidade-região, cidade-território, cidade-difusa) não deve ser encarada como o resultado da simples expansão dos limites urbanos, mas da desagregação dos conceitos de cidade e de campo.

Na verdade, as delimitações entre o extremos supracitados são sociais, administrativas, que supõem uma melhor ordenação e aplicação de normas e regras ao território. Uma forma de como o território deve se comportar a partir da dinâmica social que lhe dá movimento.

Priscilla Bagli (2006) explica tal divisão, mostrando que:

> Campo e cidade são construções sociais. São espaços produzidos por relações sociais diferenciadas que, por sua vez, formam realidades diferenciadas, embora impulsionadas pela mesma lógica produtiva. Caracterizam pelo conteúdo que possuem, seja ele urbano ou rural. É esse conteúdo que define as formas e as funções existentes em cada espaço, adjetivando-os: o campo, por seu conteúdo, qualifica-se como espaço rural e a cidade como espaço urbano (BAGLI, 2006, p. 62).

Dessa forma, as definições que classificam o campo e a cidade como rural e urbano, respectivamente, são elaboradas de acordo com as formas e as funções que eles desempenham no espaço e que vão se moldando às mudanças que acontecem no decorrer do tempo histórico. Contudo, essas delimitações se confundem quando percebemos atividades de um sendo desenvolvidas no espaço do outro. A estranheza se dá pela quebra na ordem que existia até então, de conteúdos do campo definirem um espaço e vida rural, assim como conteúdos da cidade aflorarem a vida urbana.

É sob a égide do capitalismo que essa ruptura nas delimitações entre campo e cidade, rural e urbano começam a aflorar com mais força, porque o capital começa a penetrar com mais intensidade nas áreas que antes não se imaginava, como no caso do campo, e traz consigo um estranhamento e uma mudança de comportamentos de quem vive nessas áreas e precisa se adequar a um novo ritmo de vida.

Enfim, vale salientar que a cidade e o campo são os espaços onde os estilos e modos de vida urbana e rural se manifestam, embora não se tenha uma delimitação clara e definida atualmente, de onde termina um e começa o outro. Mas é importante se ter a ideia de que estes espaços, mesmo tendo suas peculiaridades e hierarquias (culturais, econômicas, políticas, dentre outros), se complementam, uma vez que o campo desenvolve ainda um papel muito importante para o desenvolvimento econômico do país, e agora mais do que nunca consegue atrair uma boa parcela da população, que antes residia nos centros urbanos, para viver nas áreas mais afastadas das cidades.

Nesse sentido, não basta entender as categorias campo e cidade, mas também compreender a essência do que sejam os modos de vida rural e o urbano, tendo em vista essas mudanças ocorridas no espaço atualmente que confundem ainda mais na definição precisa.

1.2 – O rural e o urbano: complexidades e funcionalidades

A partir do debate acima esboçado, entende-se nesta dissertação, que o rural e o urbano são construções sociais que estão intimamente vinculados aos termos campo e cidade. Dessa forma, os elementos distribuídos no espaço e as ações desenvolvidas em cada um deles serão associados, de acordo com cada função, ao campo ou a cidade.

As fronteiras entre o urbano e o rural vão ser ponto de discussão em várias partes do mundo, originando diversas definições que delimitem o que seja o rural. Dentre elas, destacamos a *delimitação administrativa* que no Brasil é a mais aceita, bem como em outros países da América Latina. Contudo, esta delimitação apresenta algumas restrições como: a) a definição arbitrária dos poderes públicos municipais que não levam em conta aspectos geográficos, econômicos, culturais de cada área; b) bem como o limite de atuação dos serviços públicos, que considera de urbano a área até onde os serviços públicos como limpeza, transporte público, alcancem; c) o rural é definido pela

carência observada numa determinada área e que não configura como aspecto ideal ou único para se definir um espaço rural.

Outro aspecto adotado para se definir o rural é a importância econômica na ocupação de mão-de-obra da *agricultura*. Em alguns países como Israel e Chile a área é tida como urbana ou não, de acordo com a parcela da população que não exerce atividades ligadas à agricultura. E por fim, existe a definição de rural a partir de certo *patamar populacional*. Nesse sentido, países da Europa (como Espanha, Portugal, Grécia) consideram rural o povoado que aglomera em área contígua até 10 mil habitantes e se encontram com certa distância dos centros urbanos; na França, são rurais as áreas com população inferior a 2 mi habitantes e também da América Latina (a saber, Argentina, Bolívia, Venezuela, México, Honduras, Nicarágua) adotam igualmente esse critério como definidor das áreas rurais, que varia entre 1 mil até 2.500 habitantes na definição de população rural (ABRAMOVAY, 2000).

Destarte, a partir dos critérios adotados no Brasil, associamos ao campo o ritmo de vida rural em que os espaços "apresentam feições paisagísticas e de relações sociais relativamente mais 'esparsas' que os ambientes urbanos, guardando costumes e práticas sócio-espaciais diferenciados dos encontrados na cidade (FERREIRA, 2009, p. 47).

Nesse sentido, a cidade com seu ritmo de urbanização vai exercer o papel de concentração, enquanto que o campo com o seu modo de vida rural, exercerá a função de dispersão, isolamento. A marca dessa diferença entre tais espaços será a divisão do trabalho (SOBARZO, 2006.).

Ferreira (2009), citando Dolfuss, traça alguns aspectos que marcam as características definidoras do espaço rural e que ainda parecem úteis no sentido geral, mesmo que múltiplas situações, no presente, possam ser contraditórias. São eles:

> a) Domínio de atividades agrícolas e pecuárias – função da manutenção da "paisagem" agrícola; b) Relativa "dependência" dos ritmos do meio físico e dos ciclos biológicos – condições pedológicas, climáticas etc; c) Menor densidade do que no espaço urbano – o preço do solo rural é medido em hectare (10.000 m²), sendo relativamente mais baixo do que o urbano, que é medido por metro quadrado (m²); d) Pouca diversidade do ponto de vista profissional e social – a maior parte da população que vive nesses espaços tem ligação com atividades e práticas restritas e conhecidas amplamente pela sociedade local (FERREIRA, 2009, p. 47-48).

Sendo assim, notamos que o espaço rural e o espaço urbano possuem algumas características peculiares que vão tornando-os diferentes, porém eles desempenham funções que se complementam, quando nos referimos a atividades econômicas, por exemplo, e que foram sendo moldadas no decorrer do tempo com a própria mudança do espaço e do seu processo dinâmico.

Vale ressaltar que, os territórios rurais, que foram constituídos por volta dos fins do século XIX, a partir da fragmentação de terras e estabelecimento de uma produção agrícola familiar em pequenas propriedades, apresentam novos objetos espaciais como as indústrias, por exemplo, que são oriundos da expansão de uma cultura urbana que se difunde de maneira acelerada, conformando, no "sentido lefebvriano", novas relações e novos processos no campo (NORONHA, 2008, p. 94-95).

Assim, destacamos no presente estudo as áreas situadas nas bordas das cidades, como o caso das áreas periurbanas, que adquirem características tanto urbanas como rurais, sejam elas econômicas, sociais, culturais, bem como o uso do solo, formando um *mix* de relações.

Dessa forma, o rural não mais é visto como a área em que só se produz atividades ligadas à agricultura e pecuária, e que tem como função abastecer as áreas urbanas. Tais mudanças se devem, principalmente, ao fato de que nas últimas décadas do século passado no Brasil, uma parcela da população de classe média e alta passou a desenvolver hábitos diferenciados, preferindo residir nas áreas mais afastadas dos núcleos urbanos, além de surgir o fato de que com a indústria adentrando nas áreas agrícolas, a população nativa começou a buscar alternativas em outras atividades econômicas para complementar a renda familiar[3].

[3] Vale ressaltar que este processo já acontecia há alguns anos em outros países do mundo, principalmente os países desenvolvidos da Europa e América do Norte.

Nesse sentido, Scussel (2002), lembrado por Vale (2005), fundamenta tal afirmação, indo mais longe:

> A opção de moradia da classe média, que busca no campo, fugir dos problemas das grandes cidades - seja em residências próximas às cidades, que permitem o trajeto diário ao trabalho e à escola, seja em situações de aposentados, que já podem se localizar mais distantes das facilidades da cidade, por não demandarem com a mesma freqüência certos serviços urbanos; alternativas de lazer em moradias de fim-de-semana (sítios, chácaras) e centros de recreio do tipo hotel-fazenda, pesque-pague, *trecking*, etc.; o provimento de infra-estrutura física e mão-de-obra às novas atividades.
>
> São os novos serviços, tipicamente urbanos, que passam a ocupar o trabalhador rural, para prover a demanda decorrente da instalação dessas funções imputadas ao campo - trabalhadores domésticos, faxineiros, motoristas, mecânicos, secretárias, marceneiros, etc. (VALE, 2005, p. 23).

A respeito dessas modificações nas áreas antes tipicamente rurais, destacamos a instalação de residências permanentes e de segunda moradia de parte da classe média de Campina Grande (Paraíba) que se transferiu para a área intermediada com a cidade de Lagoa Seca, além de serviços como pousadas. Quanto aos trabalhadores rurais, boa parte das pessoas que já residiam nessa área, desenvolvem atividades ligadas aos serviços, em sua maioria, atividades relacionadas com a construção civil, seja nos condomínios horizontais fechados no espaço periurbano em questão ou em outras obras localizadas na cidade de Campina Grande, tal como será aprofundado adiante.

Assim sendo, percebe-se que a agricultura e outras atividades ligadas ao setor primário não são as únicas possíveis desenvolvidas no campo. Embora existam áreas dispostas no território nacional em que elas se mostram em maior quantidade e com maior intensidade do que outras atividades como a industrial e de serviços, o chamado "novo rural" vai ganhando espaço no país e se territorializando, cada vez mais, nas áreas mais primitivas da agricultura.

Vale ressaltar que este novo estilo de vida instalado nas regiões mais distantes dos centros urbanos, causa uma modificação nas relações sociais, de produção, na posse da terra das pessoas que sempre residiram nessas áreas e desenvolviam outras atividades, além da mudança na paisagem que vai ganhando conteúdos característicos da vida urbana e instalando um ritmo de vida urbano, numa área que antes se movimentava baseada, sobretudo, no tempo ecossistêmico da natureza.

No passado, o campo estava caracterizado pelo tempo lento, a vida rural era movida pelos astros e mudanças que a natureza impunha e as técnicas empregadas nas atividades agrícolas e acessórias (artesanato) obedeciam ao limite físico das mãos nelas empregadas. Nesse contexto, "o rural sócio-histórico foi assim culturalmente relacionado a sociedades agrárias tradicionais e comunidades locais, bem como temporal e simbolicamente ligado ao passado e à tradição (MOREIRA, 2007, p. 76)."

Já na cidade, as áreas mais centrais eram destinadas à população mais abastada, sinônimo de *status* social, e a as áreas mais afastadas ficavam reservadas para aqueles que não possuíam capital suficiente para residir na área nobre da cidade, bem como para os que estavam migrando do campo para a cidade. Durante muito tempo a periferia das cidades foi relacionada como lugares destinados aos pobres, sem condições de possuírem um imóvel nas áreas mais centrais e bem estruturadas.

Atualmente, percebe-se que ocorreu uma inversão nessas ações e uma mudança considerável nos valores. As áreas mais centrais das cidades foram abandonadas pela classe média e alta e as áreas periféricas começaram a atrair esse tipo de morador urbano, pelo apelo do mercado das melhorias de se desfrutar uma vida mais natural, perto da vegetação, com ar mais puro, mais tranquilidade, que não se encontra mais dentro das cidades – ou pelo menos em seus bairros mais adensados.

Sendo assim, Carlos (2009) orienta para o caso ocorrido nas grandes cidades brasileiras, mas que também verificamos em cidades médias como o caso de Campina Grande, que:

> [...] ocorre geralmente a deterioração do centro e/ou das áreas centrais[4] que passa a ser ocupados por casas de diversão noturna, pensões, hotéis de segunda classe, zonas de prostituição. Isso faz com que os chamados "bairros ricos", localizados perto das áreas centrais, sofram uma mudança de clientela; os antigos moradores "fogem" para áreas privilegiadas mais afastadas, **surgindo os bairros-jardins, as chácaras, os condomínios "fechados"**. É a moradia como sinônimo de *status* (CARLOS, 2009, p. 41). (grifo nosso).

É também com ações de comportamento desse tipo, que o modo de vida urbano vai adentrando ao campo, incorporando-se ao estilo rural e ao mesmo tempo influenciando o mesmo, embora não consiga apagá-lo por completo. Sendo assim, "o

[4] - Vale salientar que a deterioração do centro de Campina Grande se deu apenas pela mudança de funcionalidade de alguns prédios e ruas. Porém o seu centro ainda está vivo, com uma dinâmica muito importante para a cidade.

padrão de vida urbano, produtor e reprodutor de riqueza, estaria integrando os espaços e populações, articulando ideologias, transformando os lugares, costumes, homogeneizando-os, o que seria resultado do próprio movimento do sistema econômico." (ROSA & FERREIRA, 2006, p. 191).

Nesse sentido, a continuidade entre os espaços rurais e urbanos vão se moldando no decorrer do tempo, aproximando cada vez mais estas áreas e junto com elas os modos de vida, as relações que se dão a todo instante, encurtando os espaços e consequentemente o tempo. Assim, "o continuum rural-urbano significa que não existem diferenças fundamentais nos modos de vida, na organização social e na cultura, determinados por sua vinculação social." (ABRAMOVAY, 2000, p. 16).

Entretanto, merece destaque o fato de que, apesar da vida urbana ter adentrado o espaço de movimento rural, ela não conseguiu acabar com o campo e a dinâmica que existe nele. É preciso enfatizar que o campo ainda vive, com suas características, em algumas áreas mais marcantes e mais presentes no cotidiano em detrimento de outras áreas, mas ainda percebe-se uma permanência muito forte da vida rural e das atividades que condicionam este espaço. De fato a manutenção de certas diferenças é que justifica a "fuga" de algumas pessoas para áreas que mantêm qualidades e amenidades valorizadas mercadológica e/ou ideologicamente pela sua escassez alhures; dito de outra maneira, o movimento de assimilação do campo pela cidade precisa contraditoriamente da manutenção de formas e funções no espaço rural.

Noronha (2008) esclarece essas modificações nos espaços rurais e urbanos, destacando a importância da vida rural e negando o seu fim:

> Portanto, entende-se que as transformações em curso no conjunto da sociedade não provocam e nem tem como tendência o desaparecimento do *rural* enquanto realidade espacial, categoria do pensamento e "modo de vida". O próprio movimento contraditório da sociedade o reproduz. O fim do rural e a "urbanização de tudo" é um grande equívoco construído por compreensões que associam, de maneira incorreta, o rural, o agrícola e o agrário como sinônimos (NORONHA, 2008, p. 97).

Como se vê, o rural pode esvaziar-se de funções e formas agrícolas, mantendo uma paisagem campestre; do mesmo modo a urbanização do campo provoca mudanças na divisão da terra, na renda fundiária e em outros aspectos da questão agrária, sem aniquilar a ruralidade daquele espaço. Sobre esta mesma perspectiva, Veiga (2004)

discute as ideias lançadas por Lefebvre (1970) e Kayser (1972) nos anos 1970, em que o primeiro defende a completa urbanização enquanto o segundo reafirma o renascimento rural. As discussões postas mostraram que o campo não desapareceu por completo e a cidade não absorveu todas as áreas rurais e que não houve nem haverá uma substituição completa de um modo de vida pelo outro.

O que aconteceu foi o forte poder de atração que o campo obteve para com os citadinos, sob as estratégias da economia capitalista de obter mais lucro a partir de serviços específicos que o mesmo presta a sociedade.

Assim, Veiga (2004) continua afirmando que:

> Nos últimos vinte anos tornou-se cada vez mais forte a atração pelos espaços rurais em todas as sociedades mais desenvolvidas [e nas menos desenvolvidas também, com menor intensidade]. Mas esse é um fenômeno novo, que pouco ou nada tem a ver com as relações que essas sociedades mantiveram no passado com tais territórios. É uma atração que resulta basicamente do vertiginoso aumento da mobilidade, com seu crescente leque de deslocamentos, curtos ou longos, reais ou virtuais (VEIGA, 2004, p. 07).

Nesse sentido, percebe-se que o rural, mesmo com as mudanças que vem ocorrendo em seu espaço, no mundo e em todo o território nacional, com a inserção de novos objetos, novas técnicas e ações, consegue se adaptar a estas mutações. É um espaço que se abre ao novo e se adapta a ele, mas está composto de permanências o que lhe garante sua reprodução como espaço vivo, dotado de dinâmicas e contradições.

É importante lembrar também, que a população que sempre viveu no campo mantém uma relação maior com a natureza do que os novos moradores rurais, advindos das áreas urbanas. Estes novos moradores contemplam os aspectos naturais como forma de liberdade, como um espaço de uso e deleite para suprir a necessidade de descanso, tranquilidade, sossego, que as áreas urbanas não oferecem mais, enquanto que ao morador que sempre viveu no campo e mantêm hábitos tradicionais do rural, a natureza vai ser muito mais do que um espaço de consumo para saciar o prazer de liberdade. Ele também é o objeto de trabalho, de sustento familiar e é sob este formato que o rural vem se firmando e permanecendo a cada dia para boa parte da população rural do país. Tal aspecto merece tanta atenção quanto o fato de que, para o morador citadino, o espaço rural é também um espaço de modificações e adaptações do modo de vida urbano.

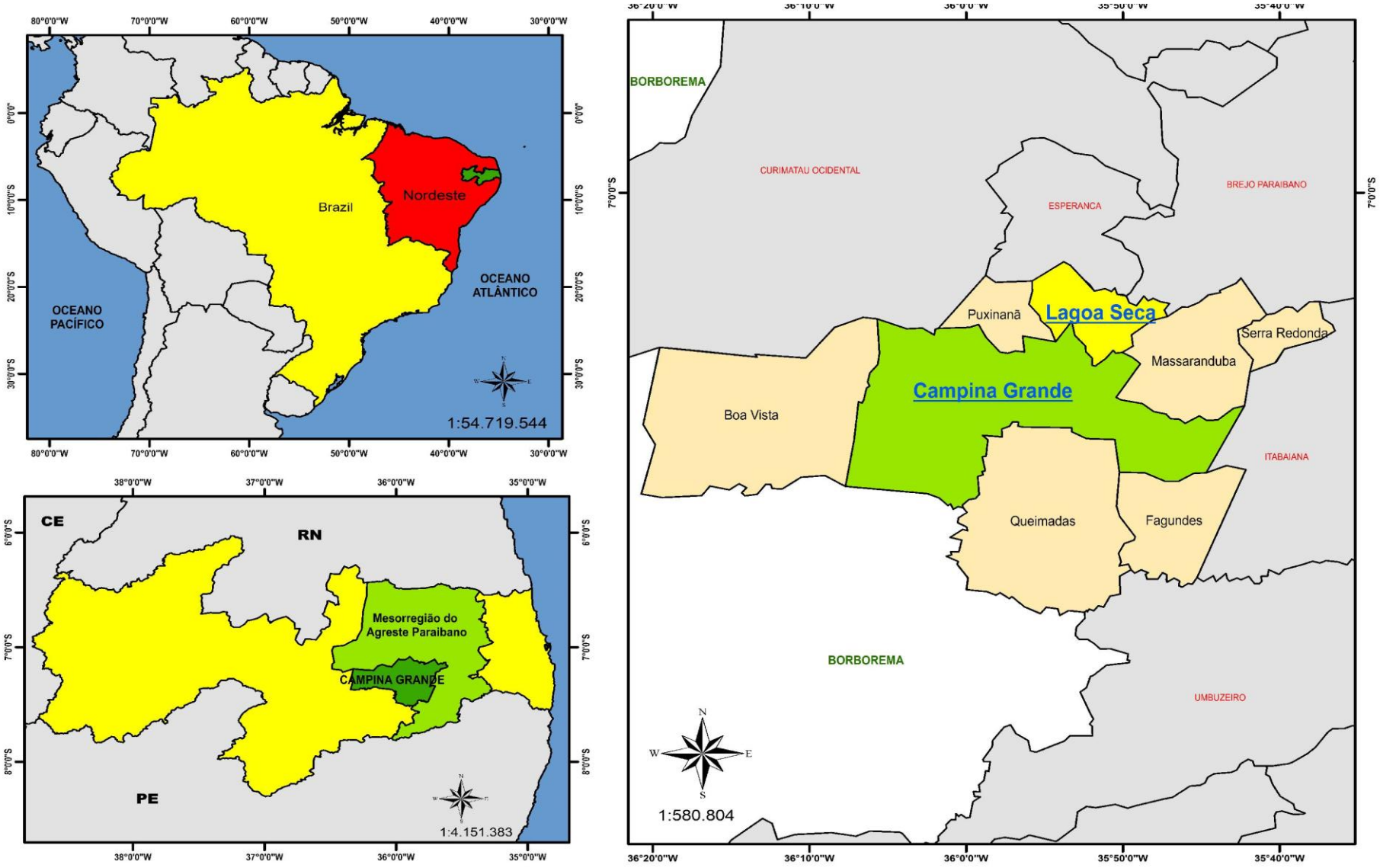
A pequena produção rural que ainda existe no campo brasileiro ilustra bem esta fração da população que continua tendo relações diferenciadas com o ecossistema, mesmo assimilando novos hábitos e estabelecendo novas relações com os vizinhos recém-instalados e oriundos do meio urbano. Tal realidade é verificada na área em estudo, como será apontado no próximo item, levando-se em consideração que a agricultura familiar insere-se num debate maior e que ultrapassa as relações campo-cidade e o escopo desta dissertação.

Enfim, os espaços rurais que margeiam as áreas urbanas de Campina Grande e Lagoa Seca também passaram por tais modificações e continuam em processo de transformações, tendo em vista as dinâmicas que ocorrem no seio da sociedade e que vão influenciar nos modos de vida rural e urbano.

1.3 – O rural e o urbano em Campina Grande e Lagoa Seca

As definições e conceitos sobre o que seja rural, urbano, campo e cidade já foram discutidas anteriormente e, nesse sentido, buscaremos entender o processo de transformações que os mesmos passaram nos territórios de Campina Grande e de Lagoa Seca no decorrer dos tempos, tentando entender os principais condicionantes que marcam a dinâmica desses espaços, e que ao mesmo tempo, acontecem em outras partes do país, como já aconteceram em outras frações do mundo. Vale salientar que estes municípios localizam-se na Mesorregião do Agreste paraibano, mas precisamente na Microrregião de Campina Grande (FIGURA 01).

FIGURA 01: Localização da área de estudo: Mesorregião do Agreste Paraibano e Microrregião de Campina Grande.



Elaboração: Girlan Cândido da Silva. Organização: Araújo, 2012.

Nesse contexto, reafirmamos que o rural e o urbano vão definir e caracterizar os modos de vida de um espaço específico denominados de campo e cidade, respectivamente, e que vão se comportar de forma específica acolhendo qualidades e funções peculiares a cada espaço. Porém, sabemos também que as ações nesses espaços não se comportam mais de forma linear, obedecendo as características de urbano e rural, onde cada fração do território desempenha suas atividades intrínsecas ao seu processo de formação inicial, nem tampouco as pessoas residentes nessas áreas se comportam mais exclusivamente com hábitos de seus locais de origem, porque o mesmo já absorveu a modo de vida urbano como também rural.

Notadamente, as mudanças mais comuns e perceptíveis aos olhos dos mais desatentos se dão pela paisagem, uma vez que, se apresenta de forma mais instantânea no espaço. Sendo assim, no que tange à paisagem que contém ainda objetos naturais, como área de vegetação natural percebe-se que esta sofreu algumas mudanças nas áreas rurais entre as cidades de Campina Grande e Lagoa Seca, com a instalação de condomínios horizontais fechados, chácaras e residências de segunda moradia, restaurantes, bares, lojas de artesanato e de plantas ornamentais, loteamos populares, dentre outros, mas conta também com a presença de pontos de agricultura familiar entremeados a estes novos objetos, causando modificações em toda a sociedade que residia nesses lugares, visto que, outras atividades econômicas começaram a surgir ou a se adequar a outra dinâmica econômica.

É importante lembrar que na área pesquisada encontram-se ainda expressivos contingentes da pequena produção rural. Sabe-se que a agricultura camponesa, agricultura de subsistência, campesinato, dentre outras categorias, fazem parte de uma estrutura maior, denominada de agricultura familiar, e que é fundamental para entender a dinâmica do campo brasileiro. Entretanto, neste estudo, deteremos atenção nos aspectos mais gerais das relações entre espaços rurais e urbanos.

Como quer que seja, é necessário um mínimo entendimento sobre o tema. Nesse caso, "observa-se, de fato, que existe certa dificuldade, do ponto de vista teórico, em atribuir um valor conceitual à categoria agricultura familiar, que se difundiu no Brasil, sobretudo, a partir da implantação do PRONAF" (WANDERLEY, 2009, p. 186).

De fato, com o PRONAF (Programa Nacional de Agricultura Familiar, do governo federal), as atividades ligadas ao campo e a pequena produção se tornaram mais abrangentes no país, garantindo a permanência de práticas e sujeitos sociais que

tendiam a ser vistos como “em extinção” diante da modernização e urbanização do meio rural.

Dessa forma em suas perspectivas sobre o tema, Wanderley (1996) considera agricultura familiar:

> Entendida como aquela em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo. É importante insistir que este caráter familiar não é um mero detalhe superficial e descritivo: o fato de uma estrutura produtiva associar família-produção-trabalho tem conseqüências fundamentais para a forma como ela age econômica e socialmente (WANDERLEY, 1996, p. 03).

Nesse sentido, Ricardo Abramovay, citando Gasson e Errington (1993), também esclarece alguns comentários a respeito de agricultura familiar, onde destaca algumas características definidoras desse tipo de atividade:

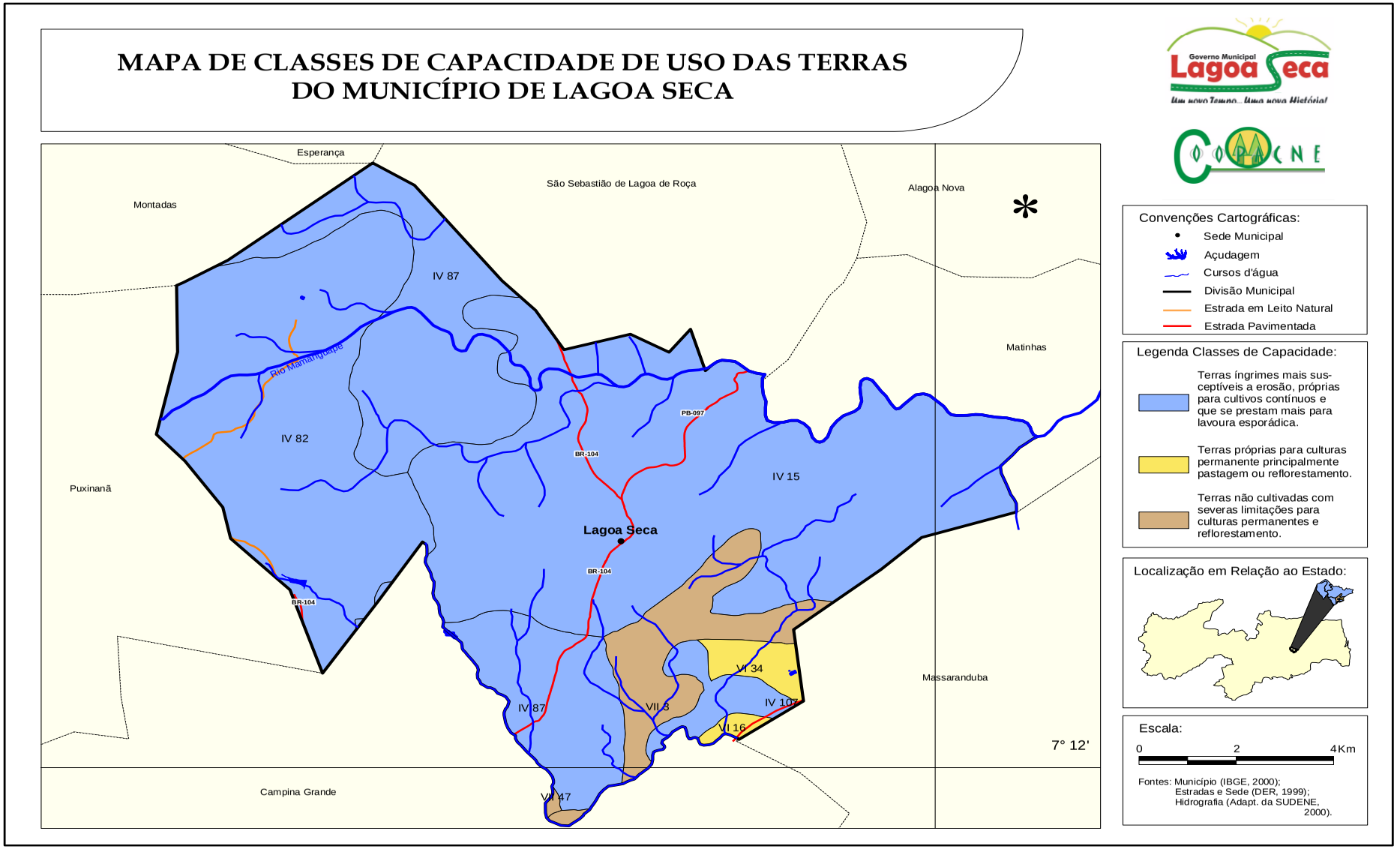
> 1. A gestão é feita pelos proprietários. 2. Os responsáveis pelo empreendimento estão ligados entre si por laços de parentesco. 3. O trabalho é fundamentalmente familiar. 4. O capital pertence à família. 5. O patrimônio e os ativos são objeto de transferência intergeracional no interior da família. 6. Os membros da família vivem na unidade produtiva (ABRAMOVAY, p. 74).

Sendo assim, a partir dessas definições e características, o espaço rural de Lagoa Seca se apresenta como uma área de agricultura tradicional e em modernização que também é agricultura familiar, se destacando no Estado como um expressivo produtor de hortaliças como coentro, alface, pimentão, pepino e batatinha, participando da economia globalizante, uma vez que os pequenos produtores familiares estão cada vez mais integrados aos mercados. Essas culturas são desenvolvidas em áreas familiares que ocupam boa parte do território do município, bastante íngremes, o que tem de certa forma limitado o uso agrícola e/ou conduzido à exploração das encostas, ocasionando a degradação da cobertura vegetal, a qual tem dado espaço ao plantio, principalmente de frutíferas e hortaliças (FIGURA 02) que são comercializadas nas feiras de Campina

Grande e até nos estados vizinhos de Pernambuco e Rio Grande do Norte, bem como vendidos a supermercados instalados na primeira cidade[5].

[5] Informações encontradas no Plano Diretor Participativo da cidade de Lagoa Seca – PB, datado do ano de 2006. Vale ressaltar que as culturas que foram citadas são desenvolvidas na faixa que se limita com a cidade de Campina Grande, embora existam ainda outras culturas desenvolvidas em outras partes do município.

FIGURA 02: Utilização do solo em Lagoa Seca – PB.



FONTE: PLANO DIRETOR DE LAGOA SECA, 2006.

Fazendo-se uma análise mais atenta do mapa anterior, percebe-se que a maior parte do município de Lagoa Seca que se limita com o de Campina Grande possui terras próprias para lavouras, por possuir um solo mais profundo, isento de rochas, facilitando a agricultura da área, proporcionando safras altas e médias das culturas adaptadas. As áreas de relevo mais irregular são mais indicadas para culturas permanentes ou silvicultura. As áreas mais planas e mal drenadas são propícias para o cultivo de capineiras. As principais restrições relacionam-se com problemas de topografia, pedregosidade, erosão, profundidade efetiva e mecanização.

Para a área em amarelo no mapa, verifica-se que são terras impróprias para lavouras, mas apropriadas para vegetação permanente, em geral para pastagem e reflorestamento. Já a porção em marrom compreende terras que além de não serem cultiváveis com culturas anuais, apresentam severas limitações mesmo para certas culturas permanentes protetoras do solo, ou para reflorestamento, sendo altamente susceptíveis à erosão, exigindo cuidados especiais (PLANO DIRETOR DE LAGOA SECA, 2006).

Dessa forma, verifica-se a importância que as atividades agrícolas desenvolvem em Lagoa Seca, se fundamentando como grande fator de contribuição para a economia local, e contribuindo para a permanência da atividade primária no município.

Sobre assunto análogo, Lamarche destaca a importância desse tipo de agricultura familiar para a economia local e sua importância perante a sociedade globalizante:

> Os agricultores familiares são portadores de uma tradição (cujos fundamentos são dados pela centralidade da família, pelas formas de produzir e pelo modo de vida), mas que devem adaptar-se às condições modernas de produzir e de viver em sociedade, uma vez que todos, de uma forma ou de outra, estão inseridos no mercado moderno e recebem a influência da chamada sociedade globalizante (LAMARCHE, 1993 *apud* WANDERLEY, 2009, p. 189).

Em Campina Grande, no trecho contíguo à área em estudo, a atividade agropecuária não ganha tanto destaque para o desenvolvimento econômico do município se comparada com Lagoa Seca, embora sejam desenvolvidas culturas como a do algodão herbáceo, batata-doce, feijão, milho, mandioca, dentre outras nas épocas propícias a cada cultura (IBGE, 2010) e que são destinadas para a comercialização nas

feiras da cidade e em outras localidades do Estado, bem como para garantir a reprodução da unidade familiar.

Importante destacar que na área de transição urbano-rural desta cidade com a de Lagoa Seca, as atividades agropecuárias se configuram como sendo de caráter familiar. As atividades agrícolas mais comuns são as plantações de milho, de feijão, além de cultivo de verduras e de legumes que vão evidenciando uma paisagem característica de rural na área que margeia a rodovia federal BR – 104, bem como nas vias vicinais a esta.

Tanto em Lagoa Seca quanto em Campina Grande, as marcas que foram sendo estabelecidas no campo com a instalação de novos objetos e novas ações, não apagaram por completo a essência do que seja este espaço e o modo de vida rural, em que as atividades ligadas à pecuária, e principalmente à agricultura, ainda conseguem se manter e garantir o sustento de muitas famílias.

Nesse sentido, Santos (1997c) considera que em áreas assim estabelecidas:

> O passado passou, e só a atualidade do espaço tem isto de singular: ela é formada de momentos que foram, estando agora cristalizados como objetos geográficos atuais; essas formas-objetos, tempo passado, são geralmente tempo presente enquanto formas que abrigam uma essência, dada pelo fracionamento da sociedade total. Por isso, o momento passado está morto como "tempo", não porém como "espaço", o momento passado já não é, nem voltará a ser, mas sua objetivação não equivale totalmente ao passado, uma vez que está sempre aqui e participa da vida atual como forma indispensável à realização social (SANTOS, 1997c).

Dessa forma, os objetos instalados no espaço em tempos passados continuam a contar a história desse lugar e ao mesmo tempo participam das dinâmicas ocorridas nele, atuando de forma diferente das que foram criadas, visto que o espaço ganhou componentes novos que adequaram os mais antigos à sua nova dinâmica, mas sem apagar a história do lugar, que está presente nas formas antigas e que ainda reaparecem, em menor proporção.

1.4 – Processo de periurbanização: das teorias às modificações espaciais entre Campina Grande e Lagoa Seca – PB.

No decorrer do tempo histórico, com a modernização das atividades em todos os setores da economia tornando os espaços cada vez mais competitivos, as cidades foram se terrirorializando e expandindo os seus limites em direção às áreas mais afastadas do seu centro. Inicialmente tal processo deu-se com a simples difusão dos tipos de uso do solo, construções e hábitos citadinos em espaços rurais contíguos, mas com o avanço das inovações e do meio técnico-científico a interpenetração cidade-campo tornou-se algo bem mais complexo. Sem a pretensão de se abarcar todas as nuances dessa transformação, a pesquisa buscou ilustrar alguns aspectos deste fenômeno numa área selecionada pela relevância das alterações constatadas empiricamente.

Fundamenta-se assim a difícil tarefa de se delimitar tais espaços, uma vez que, as atividades desenvolvidas por ambos se confundem, perdendo o teor de caracterização que possuíam até certo tempo atrás, onde ao campo eram atribuídas atividades ligadas à agricultura e pecuária, e ao urbano as atividades relacionadas com a indústria e serviços.

Diante desse contexto, os espaços periurbanos se caracterizam principalmente por estarem perto de um centro urbano e mesmo que não façam parte da mancha urbana, não possuem características típicas do rural. Embora a paisagem contenha muitos objetos que remetam ao rural, a sua lógica é tipicamente urbana: são formas/fisionomias que remetem ao campo, mas possuem agora outras funções. O inverso é também verdadeiro, com formas antes tidas como urbanas em plena paisagem “bucólica”, cumprindo novos papéis.

Sendo assim, tomando considerações feitas por Vale (2005), quando cita Nel-lo (1998),

> A situação atual não deve ser compreendida como um resultado da simples expansão dos limites urbanos, mas da dissolução dos conceitos tradicionais de cidade e campo. Hoje temos construções urbanas nas áreas rurais próximas da cidade, e a população residente, que trabalha em atividades urbanas, tem maior facilidade de deslocamento pendular (NEL-LO, 1998 *apud* VALE, 2005, p. 66).

Diante de novas conjunturas, toda essa lógica é estabelecida a partir de uma infraestrutura montada em volta dos centros urbanos e os espaços periurbanos vão se constituindo e ganhando dimensão territorial no espaço, atraindo principalmente a população de classe média e alta, que impulsionada pela propaganda de viver melhor, mais próxima da natureza, cede aos apelos do mercado imobiliário e das ideologias do meio ambiente e buscam neles fixar suas residências.

Um condicionante importante na instalação da infraestrutura dessas áreas é o melhoramento das vias de circulação, que tornam os espaços periurbanos mais atrativos para quem deseja morar ou se instalar nessas áreas nos fins de semana ou feriados, uma vez que diminui a distância relativa (tempo e condições de deslocamento) dessas áreas com os centros urbanos das cidades, como explica Silva (2011), citando Egler (2001),

> [O processo de periurbanização foi] impulsionado pelo progresso nos transportes, que alimentava as novas formas de migrações pendulares, pela evolução das telecomunicações e, muitas vezes, pela intervenção direta das autoridades para facilitar o acesso à moradia individual (EGLER, 2001 *apud* SILVA, 2011, p. 26).

Na verdade, percebe-se que sem a atuação dos poderes públicos para viabilizar a circulação de pessoas e mercadorias, a formação desse espaço não teria se firmado com certa rapidez e não atrairia um contingente considerável à procura desse tipo de moradia que toma conta das grandes e médias cidades do Brasil.

Vale lembrar que o processo de periurbanização se estende para o mundo a partir dos países desenvolvidos da Europa. Sendo assim, nos países desenvolvidos, vemos, então, que a urbanização compacta deu lugar a um fenômeno que gera confusões conceituais: contra-urbanização ou urbanização difusa (Estados Unidos e em parte da Europa); suburbanização (Inglaterra, Espanha e Itália), e rurbanização e periurbanização (França e Espanha)[6]. Para se ter uma idéia, há autores que consideram que todos esses termos possuem significados diferentes (VALE, 2005, p. 67).

[6] - De acordo com Vale (2005), o termo cidade difusa é utilizado para designar um fenômeno caracterizado pela dispersão da população urbana pelo território, inclusive sobre as áreas rurais, sem que exista vínculo algum dessas pessoas com as atividades agrícolas; à suburbanização (aparecimento de periferias metropolitanas, mais ou menos densas, com alguma ligação com a cidade central); à periurbanização (a integração das dinâmicas metropolitanas dos antigos núcleos rurais); à rururbanização (dinâmicas metropolitanas que atingem os espaços rurais mais distantes da cidade).

Contudo, essa nova modalidade de moradia, identificada por nós como espaço periurbano, vai se intensificar no Brasil a partir dos anos 1960, visto que, o processo de industrialização instalado impulsiona um ritmo acelerado da urbanização. Nesse sentido:

> Os efeitos das migrações, as quais, no Brasil, tornam-se mais intensas a partir da década de 1950, são responsáveis pela caracterização atual de diversos lugares. Por isso, contribuem inclusive para a diferenciação dos espaços urbanos ou rurais, como também contribuem para a dinâmica do espaço denominado periurbano, como afirmam Turnowski (1992), Roca (2004), Vale (2005) e outros (FERREIRA, 2009, 55).

Dessa forma, entender a formação dos espaços periurbanos nos remete ao início do processo de industrialização do país, uma vez que a população que se localizava nas áreas mais afastadas dos centros urbanos foi atraída para a cidade com o intuito de melhorar de vida. Contudo, como o processo de acumulação de capital não aconteceu para a população de classe baixa, essas pessoas começaram a se localizar nas áreas mais periféricas da cidade e podiam desenvolver outras atividades ligadas à agricultura e pecuária, já que estavam perto da área rural. Esse processo, como lembra Vale (2005), pode ser considerado como uma suburbanização inversa ou às avessas do que ocorreu nos países desenvolvidos, já que, nesses países, quem se estabelecia nas áreas mais distantes do centro da cidade era a população de classe mais alta. Sendo assim, citando outros autores, Vale complementa:

> [...] Porque essas periferias são constituídas por populações pobres, com elevadas taxas de subemprego, carentes em serviços urbanos, físicos e sociais, enquanto nos países desenvolvidos, o processo de suburbanização está associado a uma qualidade de vida muito superior, exatamente nos arredores das grandes cidades, com casas unifamiliares, espaços verdes amplos, etc., que caracterizam o padrão de vida de famílias de classe média-alta (FAISOL; MOREIRA; FERREIRA, 1987, p. 86 *apud* VALE, 2005, p. 74).

Com o processo de expansão da área urbana das cidades, estas vão montando áreas especializadas em diferentes atividades em toda sua extensão territorial. Desse modo, áreas que se localizavam mais distantes do centro vão ganhando novas funcionalidades, que posteriormente vão atraindo o interesse econômico de outros setores que visam o abastecimento desses serviços.

Nesse propósito, as áreas mais afastadas vão ficando mais atrativas para o capital, que vai incrementar cada vez mais os serviços nessas áreas com o intuito de torná-las progressivamente mais povoadas e acessíveis ao público consumidor. Sendo assim, a função das áreas mais distantes do centro que serviam como ponto de acolher a população mais pobre vai deixando de ter validade e se tornando área mais seletiva, de uma classe social que visa outros desejos, com necessidades de voltar às áreas mais tranquilas, mais homogêneas do ponto de vista físico, social e econômico. Porém, essa mesma área não se torna exclusiva dessa população de classe média e alta, uma vez que essas periferias de amenidades não apagam a existência das periferias pobres.

Destarte, Vale (2005) ainda nos esclarece esse movimento contrário da nossa população com relação ao processo de suburbanização:

> [...] Nos últimos anos, essa suburbanização, típica dos países ricos, vem se disseminando em diversas cidades brasileiras (especialmente nas metrópoles), destina-se ao atendimento da classe média alta e se expressa pela expansão dos chamados condomínios horizontais fechados, vendidos pela mídia como paraísos habitacionais (VALE 2005, p. 76).

Nesse sentido, essas áreas mais afastadas do centro da cidade vão ganhando novas funções, destinadas a um público muito mais exigente e de poder aquisitivo maior. Daí se justifica o fato da população mais carente ser forçada a se estabelecer em outros lugares mais distantes dessa nova organização espacial, em lugares que não sejam nenhuma ameaça ao funcionamento normal e prometido pela mídia a esse público extremamente seletivo. Com isso, o centro das grandes cidades que foram abandonados por essa nova classe passa a ser opção para a população mais pobre, principalmente a população das grandes metrópoles brasileiras. Vale destacar que no caso de Campina Grande, o centro não se tornou espaço de morada exclusivo da população pobre, tendo em vista que ainda existe uma camada de nível social mais alto que reside em bairros bem próximos a ele

Sendo assim, toda uma organização espacial que existia até então, com a maioria das atividades da cidade sendo desenvolvida no centro e em volta dele, foi modificada com o processo de industrialização do país que vai dotando várias áreas da cidade de funcionalidades diferentes e que, por conseguinte vai atraindo para junto dessa organização espacial, outras atividades solidárias.

Nesse caso, as bordas das cidades vão ganhando especificidades diferentes das que possuíam a um tempo anterior desse processo, e aí surge a dificuldade de definição e delimitação do que seja o urbano e o rural, de sorte que é necessário ampliar o entendimento do processo de periurbanização para a correta interpretação do espaço entre Campina Grande e Lagoa Seca, na Paraíba.

É a partir dessas modificações que o estudo dos espaços periurbanos se torna necessário, porém, vale destacar, que não só existe essa denominação para esses espaços, merecendo uma explicação mais detalhada.

Miranda (1997) nos alerta para a variedade de denominações, embora todas elas possuam o mesmo significado, mudando apenas a terminologia adotada por cada país:

> Na literatura especializada, os espaços de transição rural-urbano recebem diferentes denominações, entre elas: 'pefireria rural-urbana', 'franja rural-urbana', 'franja periurbana', 'periferia urbana' ou, simplesmente 'periferia'. Estas denominações, inclusive, podem ser utilizadas como sinônimos, considerando critérios técnicos, político-administrativos, morfológicos etc. (MIRANDA, 1997, p. 29).

Vale (2005) também nos alerta para a variedade de terminologias para designar o mesmo conceito e nos traz essa variedade que explicam o mesmo processo em vários países diferentes:

> A mesma confusão terminológica, conseqüentemente, também ocorre com o espaço dito periurbanizado ou rururbanizado, ou simplesmente, o espaço rural no entorno urbano sobre o qual se expandem as cidades. Espaço periurbano (termo mais utilizado pelos franceses) é uma das muitas denominações utilizadas para designá-lo (...). Todavia, convém mencionarmos outros conceitos empregados, tais como: franja rural-urbana, franja urbana ou rururbana, sombra urbana, subúrbio, exurbano, região urbana e semi-urbano (VALE, 2005, p.).

Na mesma direção de pensamento, Souza (2005) nos coloca o porquê da dificuldade de se identificar e delimitar esses espaços ao afirmar que:

> Não, decididamente a coisa não é tão simples, principalmente, porque, nas bordas da cidade, é comum existir uma "faixa de transição" entre o uso do solo da terra tipicamente rural e o urbano. Essa faixa de transição é chamada, entre os geógrafos anglo-saxões, de franja rural-urbana, e, entre os franceses, comumente, de espaço periurbano. No Brasil ambas as expressões são empregadas pelos estudiosos. Quanto maior a cidade, em geral, mais complexo tende a ser o espaço periurbano (SOUZA, 2005, p. 27).

Vale lembrar mais uma vez, que esse processo se caracteriza pelo avanço não-linear das áreas urbanas sobre as rurais, causando uma modernização parcial dessas áreas com a atração de novos serviços e de uma população diferenciada, com costumes de vida predominantemente urbana, diferentemente do que ocorre com o processo de suburbanização. Aqui o povoamento das áreas mais fronteiriças da cidade se dá por uma população de classe mais baixa e com modos de vida muito mais ligados às atividades do campo, já discutido anteriormente.

Sendo assim, a formação e desenvolvimento dos espaços periurbanos no Brasil é mais recente, fruto das mudanças ocorridas na economia e no papel que o país desempenha frente ao mercado exterior, passando de um país agrário-exportador para um país urbano-industrial, o que provocou uma mudança social e tecnológica (SILVA, 2011).

Para Vale (2005) a terminologia espaço periurbano, que é adotada por nós, só chegou ao Brasil mais recentemente, por volta da década de 1990 quando esse novo modo de vida começou a se difundir pelo território nacional. Porém o termo franja urbana já teria sido usado mais antigamente em outros países onde esse processo já estava em curso.

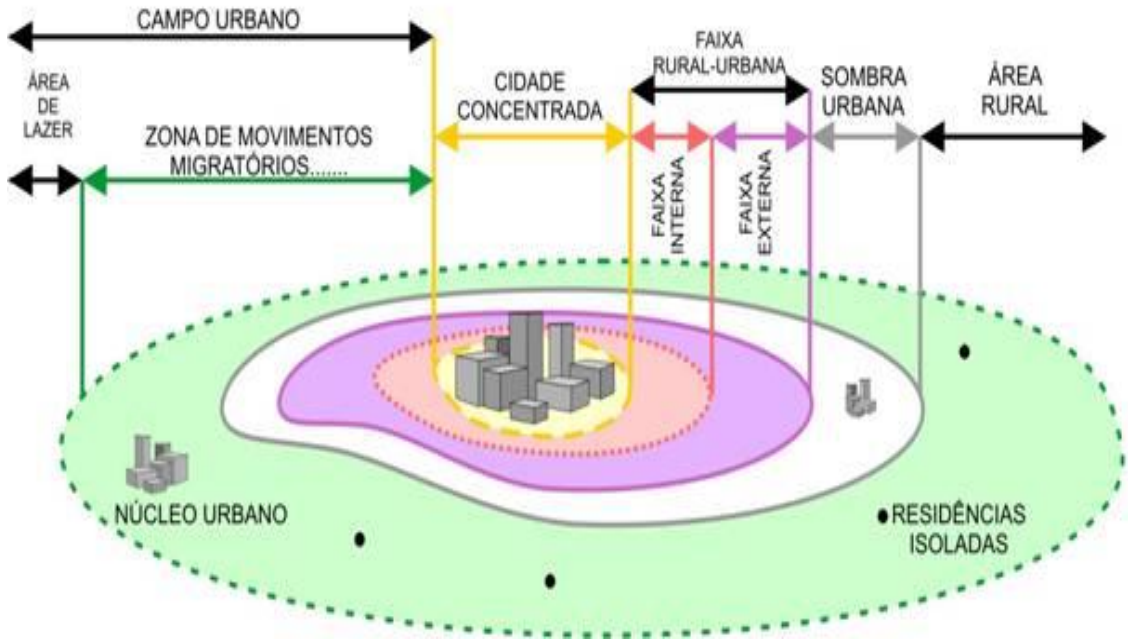
Nesse sentido, a área periurbana ou franja rurbana vai surgindo de formas diferenciadas dependendo do desenvolvimento de cada cidade, assim como lembra Vale (2005), citando Zárate:

> a) desenvolvimento descontínuo: a franja surge regularmente ao redor da cidade central, originando uma área de baixa densidade demográfica; b) desenvolvimento radial: o crescimento ocorre de forma segmentada ao longo das principais vias de acesso; c) desenvolvimento em saltos: usos de solo urbano misturam-se aos usos de solo exclusivamente rural(ZÁRATE, 1984, p. 104 *apud* VALE, 2005, p. 79).

Outra possibilidade para se definir os espaços periurbanos pode ser a teoria das coroas periurbanas proposta por Bryant e Russwurm (1982) como comprovado na figura 03, onde:

> A primeira seria franja rural-urbana ou periurbana, que se subdivide em franja interna (total conversão do solo rural em urbano) e franja externa (predomínio do uso rural do solo com alguns elementos urbanos). A segunda é a sombra urbana que se caracteriza pela presença de trabalhadores que vivem no campo, mas trabalham na cidade, e pelas moradias rurais. E a terceira é a área rural, cuja influência urbana ocorre pela presença das residências secundárias, já que a agricultura continua em pleno funcionamento.

FIGURA 03: Coroas Periurbanas.



FONTE: Bryant; Rsswurm (1982) *apud* Molinero (1990, p. 325) *apud* Vale (2005, p. 80).

Do mesmo modo, até as relações socioeconômicas serão estabelecidas de formas diversas, devido à complexidade nas interações existentes nessa área, visto que, a mesma comporta interesses extremamente diferentes e divergentes dentro da lógica econômica atual.

Sendo assim, Entrena Durán (2004) citando Pahl (1965) resumiu as características socioeconômicas dessa área em questão:

> *'Segregación'. La capacidad diferencial de pago de las viviendas nuevas, que se deriva de los desiguales niveles aquisitivos de los diversos estratos de la población, se traduce en la aparición de formas de segregación residencial. Éstas se manifiestan con mayor o menor intensidad en los distintos territorios rururbanos o periurbanos; 'Inmigración selectiva'. La franja rururbana atrae residencialmente, em particular, "a los commuters, gentes móviles de clase media que tienden a vivir y a trabajar en mundos sociales y económicos distintos y separados de los que son propios de las poblaciones ya más consolidadas" (Pahl, 1965, 72). Quienes vienen a vivir a la franja rururbana constituyen un pequeño sector del total de la comunidad urbana, y tienden a conservar su orientación hacia la ciudad. Son muchos los estudios que han demostrado la existencia en estas personas de una pauta de vinculaciones que no aparece relacionada con la propia de la franja rururbana en la que residen; 'Desplazamiento cotidiano pendular (commuting)'. Lo que se acaba de decir en el párrafo anterior se debe a que muchas de las personas residentes en la zona rururbana sólo suelen estar en ella por lãs noches, durante los festivos y los fines de semana. La mayor parte de su vida cotidiana se desarrolla en los centros urbanos a los que se desplazan diariamente, por lo general, con el propósito de trabajar. Esto no afecta solamente a las personas mejor situadas económicamente, sino también a las menos acomodadas. Los desplazamientos cotidianos desde la periferia al centro y viceversa dependen de la disponibilidad de medios de transporte y de su coste, los cuales actúan como factores más o menos restrictivos del diario ir y venir o commuting de un considerable número de personas; 'El derrumbamiento de jerarquías geográficas y sociales'. Esta es uma de las conclusiones más interesantes de Pahl y anticipa ya el concepto de la franja rururbana como un área diferenciada. En este sentido, no resultan ya directamente aplicables a la franja rururbana las ideas convencionales propias de la teoría de la centralidad, ya que, (...) está surgiendo en dicha franja eso que ha dado en llamarse la ciudad difusa o dispersa (dispersed city).* (PAHL 1965) *apud* (ENTRENA DURÁN, 2004, pp. 45-47)[7].

[7] - *Segregação*- A capacidade diferencial de pagamento das novas moradias, que deriva dos desiguais níveis aquisitivos dos diversos estratos da população, se traduz no aparecimento de formas de segregação residencial. Estas se manifestam com maior ou menor intensidade nos distintos territórios rururbanos ou periurbanos; *Imigração seletiva*- A franja rururbana atrai residencialmente, em particular, os commuters, gente móvel de classe média que tendem a viver e trabalhar em mundos sociais e econômicos diferentes e separados dos que são próprios das populações mais consolidadas (Pahl, 1965, p. 72). Os que vêm a viver na franja rururbana constituem um pequeno setor do total da comunidade, e tendem a conservar sua orientação para a cidade. São muitos os estudos que tem mostrado, nessas pessoas, a existência de vinculações que não aparecem relacionadas com a própria da franja rururbana em que residem. Deslocamento cotidiano pendular (commuting)- O que se acaba de dizer no parágrafo anterior se deve a que muitas pessoas residentes no solo rururbanosó estão nela durante a noite, dias festivos e fins de semana. A maior parte de sua vida cotidiana se desenvolve nos centros urbanos, onde em geral se deslocam diariamente, com o propósito de trabalhar. Isto não só afeta as pessoas melhor situadas economicamente, como também as menos acomodadas. Os deslocamentos cotidianos da periferia ao centro e vice-versa dependem da disponibilidade de meios de transporte e de seu custo, nos quais atuam como fatores mais ou menos restritivos do diário ir e vir o commuting de um número considerável de pessoas; *O derrubamento de classe geográficas e sociais*- Esta é uma das conclusões mais interessantes de Pahl e já antecipa o conceito de franja rururbana como uma área diferenciada. Neste sentido, já não resultam aplicáveis a franja rururbana as idéias convencionais próprias da teoria da centralidade, já que,

Nesse cenário, as áreas periurbanas são muito mais complexas do que se pensa, haja vista que o espaço está em constante movimento e esta área mantém relações socioeconômicas, políticas e culturais constantes com a cidade, bem como com o campo. Dessa forma, o espaço periurbano engloba pessoas com estilos de vida extremamente urbanos, mas também gente com características rurais. Sendo assim, "o espaço torna-se fluido, permitindo que os fatores de produção, o trabalho, os produtos, as mercadorias, o capital passem a ter uma grande mobilidade" (SANTOS, 2005, p. 42).

Nessa perspectiva, España (1991) citado por Vale (2005) considera que os espaços periurbanos constituem-se como espaços plurifuncionais, devido às rápidas transformações que existem entre as atividades econômicas, sociais e físicas, além do grande dinamismo existente nesta área que está atrelada a um centro urbano.

Vale a pena ressaltar que embora o olhar do mercado e do capital para as áreas mais afastadas dos centros urbanos seja muito mais econômico ligado à atividade industrial, a lógica rural vai estar direcionada para o uso da terra enquanto área propícia para as atividades agropecuárias (SOUZA, 2005). Dessa forma, deve-se encarar que as áreas periurbanas não estão dominadas apenas pelas atividades industriais e de serviços, e que ainda existem pessoas que desenvolvem culturas agropecuárias tentando ter um modo de vida mais ligado ao tradicional do campo.

Mesmo assim, nesse *mix* entre as lógicas urbanas e rurais Souza (2005) ainda nos remete ao fato de que a atração de parcela da população que residia nas cidades e que se transferiram para os lugares mais afastados desta, é de aproximação da natureza, contato com ar puro, tranquilidade, apesar do ritmo de vida dessas pessoas estar controlado pelo tempo da cidade, pelo relógio apressado da vida urbana. Na verdade a propaganda do contato com o natural está apenas servindo à lógica urbana do capital:

> O que pode confundir é que, na franja rural-urbana, muitas vezes a face visível do espaço (a paisagem) continua tendo um aspecto "rural", às vezes até belamente bucólico – algumas plantações, muito verde, grandes espaços servindo de pastagem para algumas cabeças de gado -, enquanto, na verdade, por trás disso se verifica uma presença insidiosa e cada vez mais forte da "lógica" urbana de uso do solo. Grandes áreas servindo de pastagem para umas tantas cabeças de gado, por exemplo, nada

---

(...) está surgindo na dita franja isso que tem dado a chamar de cidade difusa ou dispersa (dispersed city). (PAHL 1965) *apud* (ENTRENA DURÁN, 2004, pp. 45-47).

> mais são, frequentemente, que uma "maquiagem" para glebas mantidas como reserva de valor por empreendedores urbanos; são, assim, terras de especulação, "em pousio social", por assim dizer, e que serão convertidas, depois de muitos anos ou mesmo após algumas décadas, em altos loteamentos populares ou condomínios fechados de alto *status*, dependendo de sua localização (SOUZA, 2005, p. 27).

Nesse sentido, verifica-se a lógica do mercado imobiliário nesses espaços, com a intenção de assegurar mais áreas adequadas para a construção, posteriormente, de modernos empreendimentos de residências, tornando assim, o espaço entre Campina Grande e Lagoa Seca mais atrativo para a população de maior poder aquisitivo, contribuindo assim, para o aumento da população urbana.

Sendo assim, o município de Campina Grande conta com uma população urbana estimada em 385.213 habitantes em uma área de 594,179 km² e Lagoa Seca com 25.900 habitantes e uma área de 107,589 km² (IBGE, 2010), cabe a tentativa de entender melhor o processo de modificação das áreas periféricas entre essas cidades, que contém traços de formação de um espaço periurbano, para isso merece destaque um esboço do processo de formação, territorialização e expansão urbana, as quais traremos na seção seguinte.

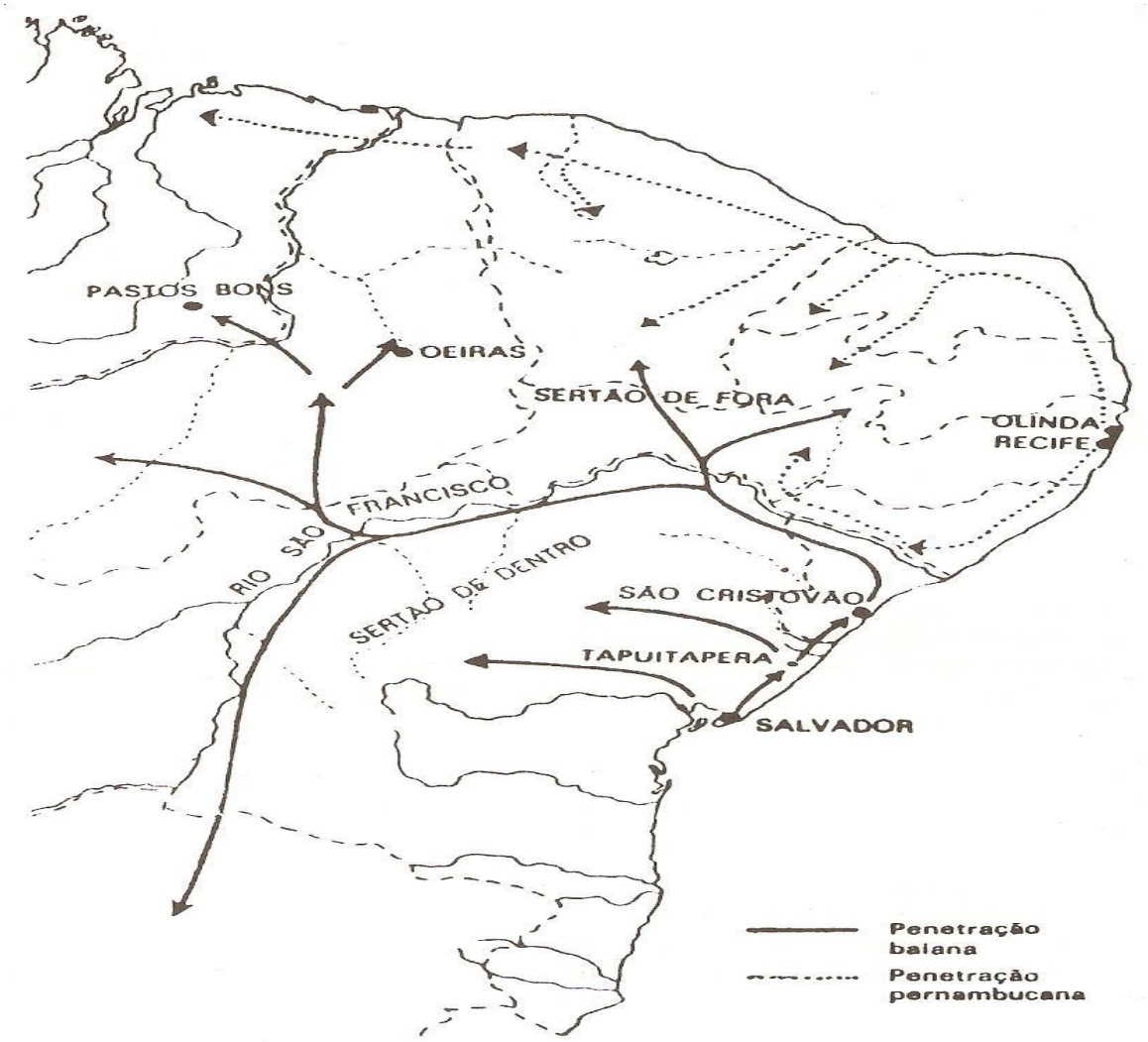
II - FORMAÇÃO E EXPANSÃO DAS ÁREAS URBANAS DE CAMPINA GRANDE E LAGOA SECA – PB

O processo de povoamento e formação do Nordeste brasileiro ocorreu através das correntes de povoação que se originaram em Salvador e Olinda e tinham como objetivo garantir terras para a metrópole portuguesa. Com isso, o interior da região começou a ser habitada por estranhos que se dedicavam em aprisionar a população nativa e explorá-la, bem como garantir o suporte econômico da região canavieira e, ao mesmo tempo, assegurar a sua ocupação para a metrópole portuguesa.

A penetração dessas correntes pelo interior servia como apoio à atividade canavieira que era desenvolvida na faixa litorânea, que não comportava mais as atividades do açúcar e do criatório na mesma área, e ao mesmo tempo garantia à corte portuguesa o direito sobre as novas áreas conquistadas (FURTADO, 1980, p. 57).

Dessa forma, a economia do gado vai se interiorizando pela região, originando uma ocupação da área sob uma organização socioespacial, que garantia o suporte econômico da região produtora da cana, e ao mesmo tempo, assegurava a ocupação e povoamento da área a favor de Portugal (ARAÚJO, 2008, p. 04). (ver figura 04).

FIGURA 04: Correntes de povoamento pernambucano e baiano no interior nordestino.



FONTE: ANDRADE, 1995, p. 34.

Nesse sentido, as correntes de povoamento do interior do Nordeste brasileiro tornaram-se importantes pelo fato da atividade do criatório se dar, muitas vezes, de forma extensiva e mudar a todo instante no espaço, garantindo muitas terras para a coroa portuguesa.

É sob essa organização espacial, com esse caráter econômico e político que vão emergir os territórios de Campina Grande e de Lagoa Seca, no interior do Estado da Paraíba. Com o aprisionamento da população nativa, que já residia na área, e o estabelecimento das fazendas para fixar os rebanhos de gado, começava-se a montar uma estrutura de poder que se organizava com o fazendeiro, detentor de terras e de

gado, passando pelos vaqueiros, seus trabalhadores mais fiéis e mais confiáveis, até os meeiros, parceiros, agregados, entre outros, que se contentavam com uma parcela muito pequena da produção. À população indígena restava apenas o trabalho escravo e as últimas posições perante o fazendeiro.

Nesse contexto, tomando como base a fazenda de gado e as concessões de terras que foram surgindo, os territórios das cidades supracitadas foram tomando forma e mais tarde evoluindo para freguesias, vilas até se constituírem enquanto municípios e cidades.

2.1 – As mudanças nas dinâmicas socieconômicas de Campina Grande e de Lagoa Seca – PB: da fazenda à cidade.

Campina Grande se origina a partir das ações de aprisionamento dos índios Ariús pelo Capitão-mor Teodósio de Oliveira Ledo, que seguindo o curso do rio Piranhas levara a colonização ao sítio das Barrocas e ali estabeleceu parada.

Quando se inicia o povoado de Campina Grande, a Capitania da Paraíba já contava com algumas aglomerações populacionais, a exemplo da Capital, Cabedelo, Baía da Traição, dentre outros (CÂMARA, 1988).

Apesar de seu surgimento ter se dado algum tempo depois da Capital, que é até justificável pelo fato de na faixa litorânea o cultivo da cana-de-açúcar ter ganhado importância, Campina Grande vai se destacando aos poucos, pelo comércio desenvolvido em seu interior.

Câmara considera que a cidade viveu duas fases importantes para que ganhasse destaque em todo o estado:

> A primeira fase do povoado caracteriza-se pela atração. Sua feira atraiu almocreves e boiadeiros. A segunda pela adaptação. Aqueles homens, nossos primeiros fregueses, adaptaram-se às nossas estradas, fazendo do povoado o principal ponto de convergência do interior da capitania. Nossos matutos também se adaptaram, identificando-se com os segredos do comércio (CÂMARA, 1988, p. 21-22).

É importante lembrar, que este primeiro comércio desenvolvido no povoado de Campina Grande estava voltado para a economia de farinha e cereais, que eram

cultivados nas fazendas que ficavam ao lado do povoado e que eram responsáveis pela atração dos tropeiros e comerciantes que passavam Por ele, uma vez que, "os 'engenhos de farinha de pau' ou as chamadas 'casas de farinha' levaram o lavrador a fazer da povoação da Campina Grande um ponto de convergência de tropeiros e boiadeiros dos sertões" (CÂMARA, 1999, p. 28).

Pode-se dizer que a farinha estabeleceu um elo forte entre o povoado de Campina Grande e as pessoas que transitavam do sertão para o litoral, fazendo com que estes tomassem o povoado como ponto obrigatório de parada e pousio.

Ainda tomando como referência Câmara, este atribui ao povoado de Campina Grande o título de civilização da farinha mesmo antes da civilização do couro proposto por Capristano de Abreu para o interior do Nordeste, tendo como base o grau de importância que este cereal alcançou em seu território e influenciou a vida dos moradores, sendo responsável pelos primeiros progressos econômicos campinenses, além da elevação da aldeia à freguesia e mais tarde à vila.

Campina Grande, localizada na porção oeste do Planalto da Borborema, na Mesorregião do Agreste paraibano e mais precisamente na Microrregião de Campina Grande (ver figura 04), fica encravada entre o brejo, com terras mais encharcadas, e o cariri, com terras mais secas, destacando-se como ponto de transição entre essas Microrregiões[8]. Desta posição estratégica entre diversos ambientes com potencialidades diferenciadas, pode-se dizer que a cidade tirou partido plenamente, tornando-se um ponto de ligação entre o agreste, a serra úmida (brejo) e o semiárido rústico (cariri).

Sendo assim, as atividades desenvolvidas no povoado foram sendo divididas a partir das condições naturais das fazendas as quais ela englobava e aqui insere-se o povoado de Lagoa Seca. Nessas circunstâncias Câmara (1999) acrescenta que:

> Graças às condições favoráveis à agricultura dos terrenos encharcados do brejo, nelas a criação não pôde prosperar. Em pouco tempo estavam todos reservados à agricultura e os rebanhos iam-se melhor aclimatando nos campos das outras zonas, porque mais enxutos e mais sadios. Tal distinção levou o povo a batizar o brejo de – terra de plantar – e os outros de – terra de criar (CÂMARA, 1999, p. 28-29).

[8] "A cidade de Campina Grande está situada na extremidade sul do Agreste, em local próximo às zonas do Brejo, da Caatinga e do Cariri" (CÂMARA, 1988, p. 23).

A respeito das zonas que ficaram reservadas para a criação dos animais, Câmara ainda esclarece:

> As zonas eram o que mais tarde foram consideradas como as Microrregiões do Estado. Então Campina Grande matinha fronteira com as seguintes zonas (ou Microrregiões): Ao nordeste, solo montanhoso, terra roxa, árvores frondosas nos altos e baixos, água doce, inúmeros mananciais. Era o "Brejo". Ao noroeste, solo levemente acidentado, terra arenosa, vegetação xerófila, água salobra, ausência de mananciais. Era o "agreste". Ao suleste, planícies, árvores enfezadas nos "tabuleiros" e frondosas nas margens dos ribeiros, água pouco abundante. Era a "caatinga". Ao sudoeste, planícies, vegetação rarefeita e entremeada de cactáceas, pouca água. Era o "cariri". (*Idem, Ibdem*).

Nesse contexto, os agricultores iam-se melhor adaptando a estas zonas e essas áreas passaram a adquirir uma identidade socioespacial a partir da cultura que estava sendo desenvolvida. Assim, estavam as áreas do brejo e do agreste destinadas às atividades agrícolas, ao passo que o cariri e a caatinga com a atividade do criatório por possuir uma terra mais seca e apta para este tipo de atividade.

Dessa forma, o uso do travessão foi obrigatório para separar as áreas supracitadas, uma vez que o gado não poderia invadir as áreas das plantações. Nesse sentido, Epaminondas Câmara esclarece o uso do travessão com as áreas que compunham a zona de criar e a zona de plantar:

> O travessão veio fatalmente para proteger os roçados contra a invasão dos rebanhos, ficando, de início, delimitada a zona agrícola (Brejo e Agreste), pelo seguinte traçado – Oiti, Lagoa Seca, Imbaúba, Grota Funda, Lagoa de Roça de Campinotes, Camuçu, Ribeiro etc. Ficando, porém, a parte ocidental do Agreste no "lado de fora", isto é, na zona de criar (CÂMARA, 1988, p. 23).

Vale ressaltar, que o território da cidade de Lagoa Seca, bem como do sítio Oiti, pertencente ao mesmo município, estavam incluídos na zona que foi demarcada pelo travessão, evidenciando que estas áreas estavam voltadas para as atividades agrícolas, principalmente a da farinha de mandioca, que servia para abastecer a feira da cidade de Campina Grande.

Dessa forma, Campina Grande foi crescendo, aumentando a sua população e o seu comércio foi se desenvolvendo, tendo na farinha o seu principal produto de comercialização e de atração das pessoas que vinham de outras localidades do Estado.

Só mais tarde é que a cidade vai se destacar no comércio do gado, uma vez que, Costa (2003), lembrando Andrade (1986), atenta-nos para o fato de que Campina Grande se transforma em feira de gado por estar em um ponto geográfico estratégico servindo de porta de penetração para o Sertão e para o Cariri, além de enfatizar que a população mais pobre da cidade vivia dessa atividade[9].

Sendo assim, o papel de importância que Campina Grande vai ganhando através do comércio, primeiro da farinha de mandioca e mais tarde do gado, vai ser determinante no perfil socioeconômico da cidade. Contudo, Costa esclarece o papel econômico da cidade para o litoral bem como para o interior do estado:

> ... a prematura "vocação" comercial de Campina Grande, que embora atendesse aos anseios de um mercado açucareiro exportador, estava diretamente relacionada a uma economia interna de abastecimento da população do interior da Paraíba, cuja produção se fazia de forma marginal, porém atrelada à monocultura da cana-de-açúcar. Assim, estabeleceu-se entre estes territórios uma complementaridade e uma hierarquização comandadas a partir do externo espaço metropolitano (COSTA, *op. cit.*, p. 23).

Foi graças a evolução do comércio que Campina Grande foi se desenvolvendo e crescendo até que em 1769 foi desmembrada da Freguesia de Nossa Senhora dos Milagres de São João do Cariri de Fora, hoje São João do Cariri, e criada a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição (CÂMARA, 1999).

É a partir da evolução do seu comércio que a cidade vai ganhando novos objetos, as interações entre a população vai mudando ao passo que as famílias mais abastadas, como os descendentes do desbravador Teodósio de Oliveira Ledo, confinam-se em suas fazendas para não manterem contato com a população de comerciantes e pobres que circulavam e habitavam a área "urbana" de Campina Grande (COSTA, 2003).

[9] O declínio da feira de cereais de Campina Grande vai ocorrer pela concorrência de outras feiras no Brejo do Estado, a exemplo da feira de Areia, e a feira de Icó (CE) que conseguia atrair os tropeiros e comerciantes do Sertão paraibano.

É importante lembrar que o crescimento urbano de Campina Grande vai se constituindo com as edificações das casas de muitos fazendeiros, que as tinham para passar fins de semana, ou dias de festas, e eram denominadas de casas da "rua". (*Idem*).

Porém, ainda de acordo com Costa (2003), quando menciona Câmara (1999), das famílias tradicionais e influentes que Campina Grande teve, a única que permaneceu na Freguesia foi a família Nunes, contudo, esteve enclausurada na rua das Barrocas, preferindo não entrar em contato com os comerciantes que se localizavam no Largo da Igreja.

Nesse sentido, a diferenciação de classes que esteve presente no período de desbravamento e povoamento de Campina Grande pelos Teodósio de Oliveira Ledo, foi se reproduzindo com o desenvolvimento e crescimento do povoado, sem levar em consideração que os mais fracos economicamente foram quem ergueu a cidade e a constituíram como ponto de atração importante para o Estado com o desenvolvimento da feira.

Depois de ser criada a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição, Campina Grande se firma ainda mais como ponto promissor no comércio estadual, por estar num entrocamento de estradas e caminhos, tornando-se passagem obrigatória na circulação de mercadorias e pessoas no interior do Estado paraibano (COSTA, 2003).

Quando Campina Grande se torna vila, sob o nome de Vila Nova da Rainha em 1790 desempenhava um papel importante na economia do interior do Estado[10], porém possuía poucas edificações e a população ainda mantinha um ritmo de vida muito ligado aos costumes rurais.

[10] De acordo com Câmara, 1988: "A jurisdição do município (dizemos jurisdição porque não havia limites municipais definidos na época) abrangia todo Cariri (exceto serra do Teixeira), parte do Agreste (...), parte do Brejo (...)" e aqui citamos o território de Lagoa Seca que também fazia parte do território criado como Vila Nova da Rainha, em Campina Grande.

Contudo, Epaminondas Câmara confirma a segregação existente no interior da vila:

> Eram dois agrupamentos de moradias tão próximas quanto rivais. Lá em baixo as Barrocas de gente antiga, reservada, patriarcal. Cá em cima, o oitão e a frente da Igreja, de povo humilde, desambientado que arranjava o pão com as especulações do pequeno comércio farináceo e das missangas (sic!) da feira que ainda se conservava ao longo das Barrocas (CÂMARA, 1999, p. 40).

A vila recém criada, não dispunha dos meios de abastecimento de água para suprir as necessidades da população. O abastecimento se dava a partir dos mananciais localizados em Lagoa Seca, que segundo Câmara (2003) distavam mais de uma légua do povoado. Também se poderia encontrar água com baixo nível de qualidade nos arredores da vila.

Com o tempo, a vila foi ganhando uma população mais letrada, como juízes municipais, vigários que se fixavam em tempo maior para o serviço religioso, além de professores de latim. A presença desses indivíduos tornou o espaço urbano da vila mais seletivo e mais atrativo aos olhos dos fazendeiros e dos senhores de engenho localizados no Brejo (CÂMARA, 1988, p. 41). Era a própria vida que se desdobrava das propriedades agrícolas, do rural ao pé da letra, e começava a esboçar uma urbanidade, isto é, hábitos, mentalidades e atividades nitidamente diferentes dos pátios e sedes das fazendas e roçados.

Sendo assim, em 11 de outubro de 1864 Campina Grande foi elevada à categoria de cidade, embora não apresentasse feições de uma cidade, visto que, o seu crescimento urbano e populacional vinha sendo dado a passos lentos (COSTA, 2003).

Porém até o final do século, a cidade apresentava em torno de quinhentas casas tendo um aumento de mais cem por volta de 1907, data que chega à Campina Grande a estrada de ferro patrocinada pela empresa Great Western. (CÂMARA, *op. cit*.).

Segundo o mesmo autor, as obras na cidade foram muito suaves, não havendo muitas obras públicas ou melhoramentos:

> A não ser o aumento de casas e alguns prédios construídos com finalidade especial – Cadeia Nova, Casa de Caridade, Grêmio de Instrução, Paço Municipal etc. a cidade apresentava pequenas diferenças em 1907 comparada com 1864. As mesmas igrejas embora remodeladas, as mesmas casas de mercado, os mesmos açudes, os mesmos comboios de almocreves, o mesmo movimento de boiadas, o mesmo *modus vivendi*, a mesma rotina, os mesmos costumes. E tudo se renovou com a ferrovia que influiu sobremodo para integrar sua gente e sãs cousas (sic!) a um sentido mais moderno, ou menos antiquado, se quisermos falar com mais franqueza (CÂMARA, *op. cit*., p. 50).

Vale salientar que a chegada do primeiro trem na cidade aconteceu no ano de 1907, e dessa forma, as melhorias que poderiam acontecer no espaço urbano começaram a ser feitas a partir daquela data, visto que, este aparato técnico instalado no espaço campinense permitiu uma agilidade maior nas trocas de mercadorias e de pessoas entre Campina Grande e outras localidades, a exemplo da cidade do Recife – PE. Dessa forma, a cidade paraibana ganhou na estrada de ferro, junto com a produção do algodão (dois ícones da modernidade), um impulso maior para o seu crescimento e desenvolvimento. Assim, Câmara (1988) considera que a junção da ferrovia e do algodão contribuiu para o aumento do número de edifícios na cidade e que, estimando que a mesma poderia chegar a comemorar o seu centenário com uma edificação urbana de cerca de vinte e seis mil edifícios.

Nesse contexto, percebe-se que Campina Grande sofreu muita influência da estrada de ferro, uma vez que sua inauguração foi um marco para a cidade, bem como o evento mais esperado e marcante de todos os tempos. Dessa forma, Costa (2003) citando Nascimento (1997) reafirma que a estação ferroviária se tornou um dos locais mais frequentados pelo povo campinense, uma vez que, as notícias e novidades que chegavam do Recife encontravam-se primeiro com o povo de Campina Grande, antes mesmo de serem difundidas pelo interior do Estado da Paraíba.

É interessante perceber que este aparato técnico fixado no espaço não teve só uma repercussão econômica para a cidade. Ele foi também relacionado como área de lazer para a população (a mais abastada, supõe-se) acrescentando um sentimento de se estar participando das modificações e modernizações da qual a cidade estava passando. Quanto à população mais pobre, restava apenas frequentar a estação para deixar o algodão e depois voltar para suas áreas de origem, ainda marcadamente rurais.

Nesse sentido, Antonio Costa, citando Aranha, afirma:

> Com a chegada do trem a Campina Grande, o movimento de tropeiros provenientes do Cariri e do Sertão para a cidade se intensificou. Traziam o algodão e retornavam para as suas regiões abastecidos de mercadorias. O ritmo desse movimento que continuou acelerado até a década de 30 (séc. XX), só diminuindo após os anos de 1940 com a difusão do caminhão (ARANHA, 1993, p. 8 *apud* COSTA, 2003, p. 33).

Dessa forma, ainda segundo Costa (*Idem*), percebe-se que a produção do algodão vai dar à Campina Grande uma especialização funcional que foi responsável pela hegemonia comercial da cidade no ano de 1917. Destarte, a partir dessa especialização, Campina Grande se afirma como importante capital regional, estando na área de influência econômica do Recife.

Nesse contexto, Campina Grande vai se destacando no comércio do algodão que era produzido no Sertão paraibano e se difundia pelo restante do país e até de outras partes do mundo a partir das linhas férreas da Great Western aqui instaladas.

Dessa maneira, Ronaldo Dinoá (1988) complementa que:

> Nos anos trinta e quarenta, Campina Grande chegou a dividir juntamente com Liverpool [na Inglaterra] [...], o primeiro lugar no comércio algodoeiro internacional. Daqui de Campina, o algodão nordestino era transportado para a Inglaterra, onde seria industrializado (DINOÁ, 1988, p. 29).

Dessa forma, nota-se que a produção do algodão que era irradiada para o restante do mundo através de Campina Grande, contribuiu sobremaneira para o crescimento e desenvolvimento socioeconômico, político e cultural da cidade.

Vale a pena reafirmar que esse desenvolvimento foi sendo moldado e modernizado, visto que a cidade já vinha passando por um período de crescimento (lento, porém não estabilizado) com o comércio dos cereais, mais precisamente da feira de farinha de mandioca, e mais tarde com a feira do gado. Contudo, o impulso maior e que colocou Campina Grande como ponto de destaque nacional foi o comércio do algodão.

Nesse sentido, Campina Grande vai conquistando novos territórios e expandindo cada vez mais sua área de influência, e aumentando o poder sobre as demais localidades vizinhas com a instalação de áreas industriais em seu entorno que estavam diretamente relacionadas com o comércio do algodão, como afirma Maria Braga de Sá:

> O período (1940-60) foi marcado por transformações espaciais significativas para Campina Grande, que registrou grande índice de crescimento e viu a formação de duas zonas industriais nos eixos rodoviários que cortam a cidade – BR 230 e BR 104 (SÁ, 2000, p. 182 *apud* COSTA, 2003, p. 43).

Ainda em Costa (2003) percebe-se que estes tipos de empresas que se instalaram no entorno de Campina Grande eram originalmente de nível pequeno e médio, de caráter familiar. Somente mais tarde as grandes empresas vieram somar-se a esse contexto:

> Outra característica desse processo industrial estava na origem das empresas, pois como mostra Aranha (1993, pp. 12-13), as firmas que se instalaram em Campina Grande em 1925 eram dedicadas à atividade algodoeira, em sua maioria de pequeno e médio porte. Este perfil industrial começou a mudar, a partir de 1930, com a entrada de poderosas multinacionais do setor algodoeiro, tais como a SANBRA e a Anderson Clayton, que abalaram os pequenos empreendimentos algodoeiros locais (COSTA, 2003, p. 43).

Sendo assim, a produção algodoeira começa a se modernizar com essas novas empresas, especialmente na etapa de beneficiamento, que dão um caráter mais industrial e uma maior especialização nas etapas da produção. Deste modo, por possuir mais capital - que é responsável pelo incremento na produção, com pessoal, maquinários – as grandes empresas agilizaram o processo de beneficiamento de comercialização do algodão e derivados. Consequentemente, os pequenos produtores e comerciantes foram os maiores prejudicados com a inserção dessas novas empresas, que chegaram carregadas de aparatos técnicos e inseridas num nível capitalista de produção muito mais elevado que os produtores locais.

Ainda em Costa, nos chama atenção o fato de Campina Grande ter sido marcada por tipos variados de atividades que lhe caracterizaram em cada fase, inclusive em períodos recentes:

> Tem sido comum caracterizar determinadas etapas da vida econômica e social de Campina Grande a partir de um tipo de atividade econômica desenvolvida, como se a cidade tivesse se constituindo em verdadeiros ciclos econômicos. Assim, no início da sua história são suas feiras de cereais e de gado, que dão vida a essa localidade. Posteriormente a cidade passou a ser conhecida como praça algodoeira. Depois foi o comércio atacadista que contribuiu para o distintivo de Campina Grande como empório comercial. Por fim a industrialização esboça-se como uma atividade com probabilidade de definir uma nova função para Campina Grande (COSTA, *op. cit.*, p. 49).

Nesse contexto, com o crescimento urbano da cidade a partir da década de 1970 do século passado, as áreas que antes compunham outros tipos de indústrias começam a serem transferidas para uma zona planejada, o distrito industrial, deixando uma área na cidade especializada para este tipo de atividade, enquanto as áreas mais centrais voltam-se para outros usos, incentivando o mercado imobiliário.

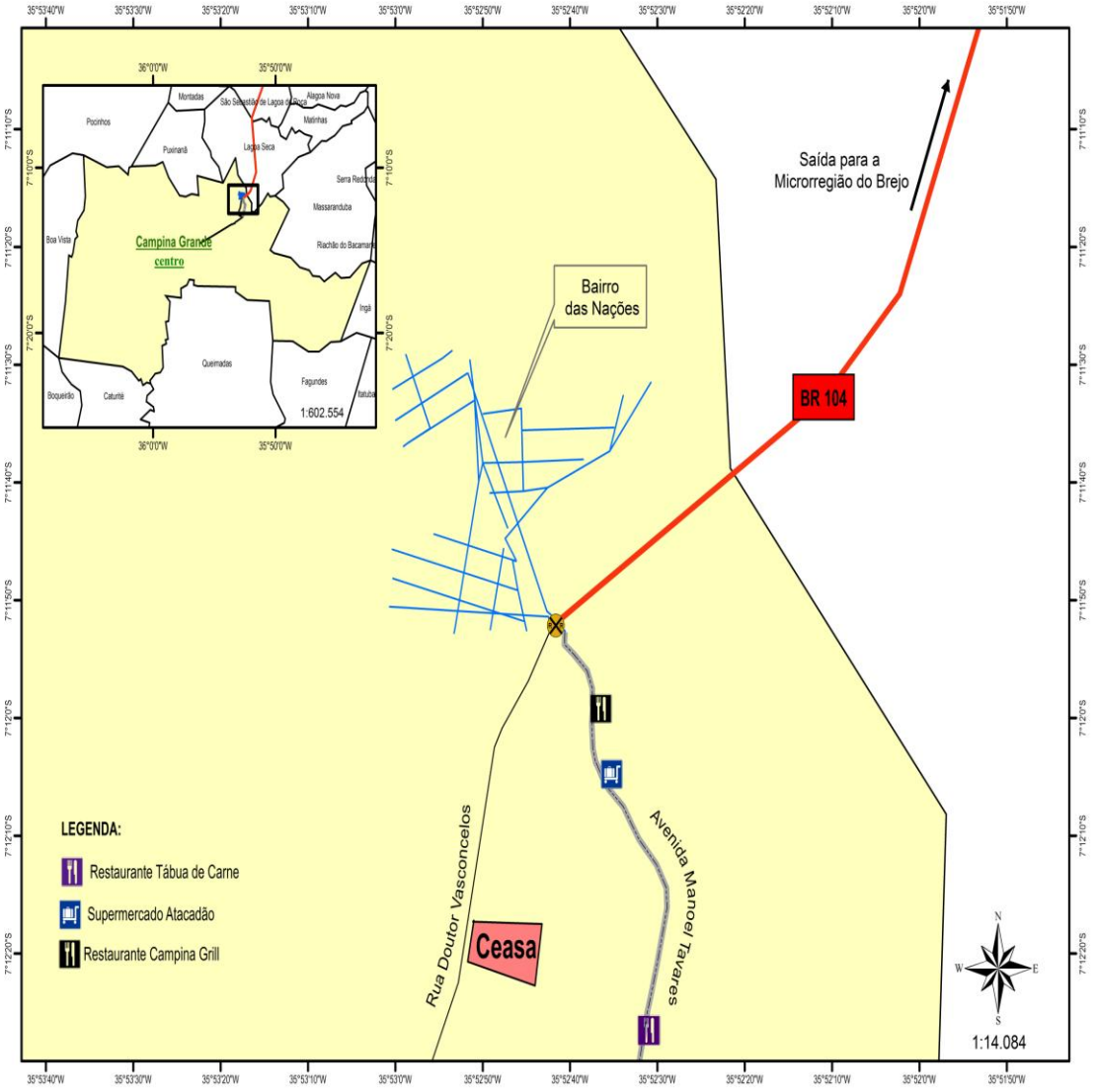
Da mesma forma, observa-se que outros objetos geográficos foram sendo inaugurados no espaço campinense, como construções e aberturas de ruas e avenidas, conjuntos habitacionais, que vão possibilitando a expansão urbana de Campina Grande e dotando essas áreas de outras funcionalidades. Nesse sentido, comprova-se o papel do Estado como agente principal de modelação do espaço urbano.

É importante destacar que com a descentralização das atividades, a cidade vai se re-territorializando, conseguindo fazer chegar aos locais mais distantes do centro atividades que não existiam ali, e tornando essas áreas singulares dentro da dinâmica urbana pela especialização funcional que elas passam a carregar, como mostra a figura 05. Nesse sentido, continuando em Costa:

> Iniciou-se nesse momento o processo de descentralização das atividades aglutinadas no centro da cidade com a construção do Distrito dos Mecânicos no bairro do Jardim Paulistano, a CEASA[11] (Central de Abastecimento) no bairro do Alto Branco, do Shopping Center Campina Grande no Bairro de São José e do Terminal Rodoviário Argemiro de Figueiredo no Bairro do Catolé (COSTA, *op. cit.*, p. 53).

[11] A CEASA é uma central de abastecimento de produtos agrícolas, inaugurada em 1982, onde alguns agricultores da região, inclusive de Lagoa Seca, comercializam a sua produção de hortaliças, que posteriormente são vendidos para as feiras e supermercados da cidade de Campina Grande e que trataremos mais adiante.

FIGURA 05: Descentralização de atividades para áreas mais afastadas do centro da cidade.



Elaboração: Girlan Cândido da Silva. Organização: Araújo, 2012.

Com base na figura acima, percebe-se a localização da CEASA, bem como a funcionalidade adquirida na Avenida Manoel Tavares, destinada aos serviços de alimentação com restaurantes, bares e supermercados, bem como o bairro das nações, que se configura como um bairro de moradia de classe média e alta, localizado mais distante do centro da cidade.

Contudo, as últimas décadas destacaram a cidade de Campina Grande também como forte ponto de atração educacional bem como pelos serviços médicos hospitalares, como ainda afirma Costa:

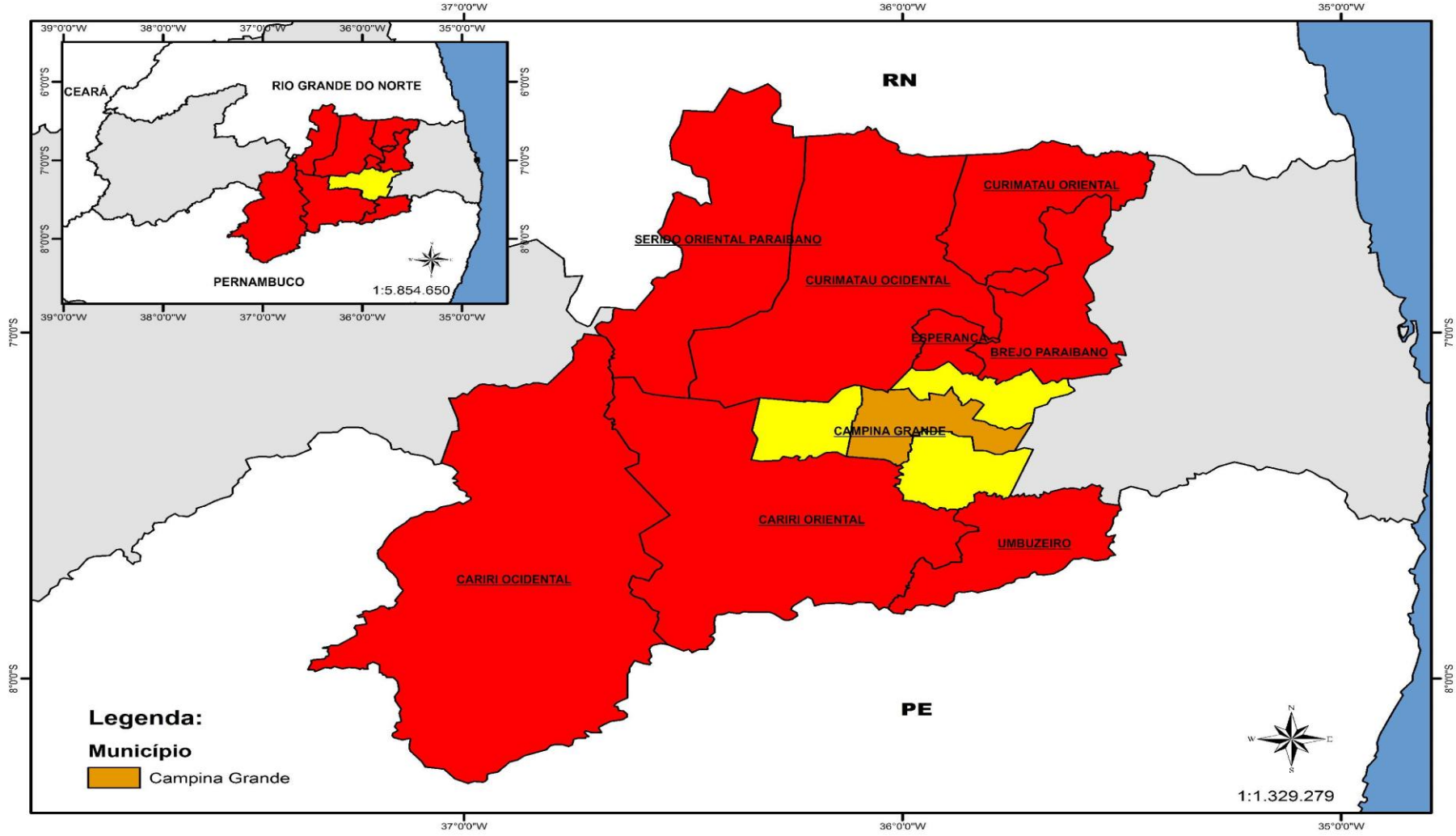
> A função comercial que deu origem e consolidou Campina Grande como pólo regional apesar de ainda ser a mais importante, não tem mais a abrangência do passado. A função industrial que se esboçou nos anos sessenta embora de muita importância, não consolidou a cidade como pólo tipicamente industrial. Hoje, porém, a cidade volta-se para a função de prestadora de serviços, principalmente para as atividades educacionais e médico-hospitalares (COSTA, *op. cit*., p. 59).

Dessa forma, a cidade ganhou destaque no Brasil tornando-se ponto de atração de uma população muito grande de estudantes que, vindos de vários estados do país, se estabelecem na cidade no período previsto dos cursos superiores de graduação, sendo que alguns destes, após a conclusão do curso ainda permanecem em Campina Grande para tentar a carreira profissional.

Por outro lado, os serviços voltados para atendimento médico também ganharam importância, uma vez que a cidade recebe todos os dias, pacientes de várias partes do estado da Paraíba, bem como de cidades localizadas em estados vizinhos como Pernambuco e Rio Grande do Norte, que se deslocam para Campina Grande a fim de receberem atendimentos médicos já que se encontram geograficamente mais próximas desta cidade do que das capitais ou cidades mais importantes dos seus estados de origem.

Nesse sentido, Campina Grande consegue polarizar uma área muito grande dentro do estado denominada de compartimento da Borborema (figura 06), além de transpassar os limites estaduais, alcançando outros territórios, visto que a cidade é conhecida como forte ponto de atração nos serviços educacional e hospitalar.

FIGURA 06: Influência econômica que Campina Grande desempenha em relação a outras regiões do estado da Paraíba.



Elaboração: Girlan Cândido da Silva. Organização: Araújo, 2012.

A partir dessas particularizações que a cidade vai adquirindo, montando locais especializados em determinados serviços em toda sua área urbana, o espaço campinense vai dotando-se de novas técnicas e assumindo novas funções que contribuem para o seu processo de territorialização, que aos poucos, vai se aproximando de outras áreas como é o caso do entorno da BR 104, saída para o Brejo paraibano, onde Campina Grande limita-se com o município de Lagoa Seca. Neste trecho da franja rural-urbana, a olhos nus, não existe mais uma divisão clássica que separe as duas cidades, visto que o espaço está permeado por habitações, supermercados, lojas, restaurantes, oficinas, condomínios, dentre outros objetos em construções, em um estágio de quase conurbação.

Nesse sentido, o município de Lagoa Seca também merece algumas considerações acerca do seu processo de formação e das etapas que passou até se constituir como município independente.

O processo de ocupação do território da área que hoje se constitui o município de Lagoa Seca seguiu os mesmos moldes daqueles que foram empreendidos em Campina Grande, com a chegada do colonizador português aprisionando os índios e montando suas fazendas para o criatório de animais e para garantir a ocupação dessas áreas interioranas.

Contudo, o seu povoamento de fato só começa a partir dos anos de 1928 e 1929, quando o Senhor Cícero Faustino da Silva adquire um terreno de aproximadamente 4,5 hectares para comercializar carne. Esta propriedade localizava-se às margens da estrada, que hoje é a BR-104, onde atraiu muitos tropeiros que por ali passavam contribuindo para posteriormente aumentar a população e formação do povoado. (PLANO DIRETOR DE LAGOA SECA, 2006).

Lagoa Seca, por se encontrar na área do Brejo paraibano, onde as condições climáticas não são muito favoráveis para o criatório de animais, se enquadrou na área que ficava dividida com um travessão (como vimos em Câmara, 1988) destinada apenas para a agricultura, ficando a outra área com a atividade do criatório.

Nesse sentido, o povoado de Lagoa Seca esteve diretamente ligado ao povoado de Campina Grande, uma vez que, fazia parte do território total da segunda, distribuído em fazendas em volta do povoado sede.

Dessa forma, o território de Lagoa Seca vai se constituindo, ao longo do tempo, como espaço especializado nas atividades agrícolas. A mandioca era um produto que ganhava destaque, visto que em 1936 é instalada a cooperativa de beneficiadores de mandioca de Lagoa Seca (CÂMARA, 1988, p. 124) para dar mais impulso à produção e um maior apoio aos produtores.

Nesse período Lagoa Seca se constituía como Distrito de Paz, chegando a alcançar o título de vila mais tarde, como explica Câmara:

> O decreto lei federal nº 311 de[cretou que as sedes municipais tiveses] sem a categoria de *cidades* e as distritais de *vilas*. Desta maneira, as povoações do município, já distritos de paz (Pocinhos, Puxinanã, Lagoa Seca, Massaranduba, Galante, Fagundes, Queimadas e Conceição), foram (ex-vi) elevadas a categoria de VILAS (*Idem, Ibdem*).

Por ser cortada pela estrada, que hoje se constitui a BR-104[12], Lagoa Seca foi crescendo e se desenvolvendo tendo como base a agricultura, porém não ganhou destaque como Campina Grande, que por sua maior centralidade também se encontrava em pontos de passagens de várias pessoas que saíam do Sertão em direção ao litoral.

Contudo, Lagoa Seca vai se tornar pouso de religiosos, uma vez que, um ano após sua elevação à vila, chegaram os primeiros frades na cidade e já em 1940 a primeira pedra do seminário franciscano Santo Antonio é instalada, e que posteriormente se tornou convento (CÂMARA, 1988).

Nesse sentido, Lagoa Seca vai se especializando também nas atividades religiosas, tendo um poder de atração de muitos religiosos de várias partes do estado bem como do país e ganhando destaque nesse segmento, contando hoje com duas comunidades religiosas: os Franciscanos e os Maristas.

Entretanto, Lagoa Seca só vai conquistar a emancipação política em 04 de janeiro de 1964, quando deixa de ser distrito da cidade de Campina Grande e passa a ser um município independente (Plano Diretor da cidade de Lagoa Seca).

[12] Vale ressaltar que a BR-104 só foi inaugurada em 1960, porém a cidade já era cortada por algumas estradas de terra que serviam de passagem para os tropeiros e outros viajantes que se destinavam para outras regiões do estado.

Contudo, a emancipação política não tornou o município, de fato, independente, visto que, como acontece na maioria dos municípios menores, alguns serviços como saúde e educação ainda seriam e são prestados pela cidade de Campina Grande, por se encontrar muito próximo e também pelo fato da prestação desses serviços serem de qualidade melhor.

Acontece também de grande parte da população do município residir na zona rural sem as condições de vida adequadas, como nos alerta o Plano Diretor da cidade:

> Destaca-se o fato de que 66% da população de Lagoa Seca vive na zona rural, não tem acesso a saneamento básico e, em algumas localidades, ainda é possível se encontrar casas de taipa e sem banheiro. A água para o consumo humano é proveniente de poços, cisternas ou barreiros. É uma (...) [área] composta por minifúndios maciçamente explorados, e com intenso uso de agrotóxico (PLANO DIRETOR DE LAGOA SECA, 2006, p. 09).

Nesse sentido, Lagoa Seca vai preservar durante toda sua história o seu caráter econômico voltado para as atividades agrícolas, se destacando no Estado como produtora de hortaliças. Por isso que a cidade mantém o seu comércio especializado, porém não muito atrativo para gerar mais capital.

Dessa forma, a cidade vai crescendo apoiada na produção de hortaliças, que é fonte de renda para várias famílias do município e também aliada ao comércio da cidade de Campina Grande. Isto a torna muito dependente da dinâmica campinense, por oferecer serviços ao ponto que Lagoa Seca não consegue se dissociar dessas atividades para se desenvolver autonomamente. Completando o quadro, muitas pessoas trabalham em Campina Grande, “costurando” essa ligação diariamente.

Nesse contexto, as áreas urbanas dos municípios em questão foram se expandindo, se incrementando com o progresso da economia e tornando as áreas rurais mais diminutas, estreitas, dificultando o desenvolvimento das atividades agrícolas, como veremos na seção seguinte.

2.2 - Impactos da expansão urbana sobre as áreas rurais de Campina Grande e Lagoa Seca – PB.

A cidade de Campina Grande, desde o início de seu povoamento, esteve vinculada às atividades agrárias, uma vez que se tornou espaço de criar, enquanto a área mais voltada para o Brejo desenvolvia as atividades ligadas à agricultura. Sendo assim, o espaço campinense vai se identificando para o comércio e a partir dessas relações estabelecidas historicamente é que o seu espaço urbano vai ganhando impulso para, mais tarde, se constituir como cidade propriamente dita.

Contudo, as atividades agropecuárias nunca se apagaram por completo do espaço campinense, mesmo com o advento do crescimento e expansão urbanos. Elas ainda persistem, sobretudo, com os pequenos agricultores que continuam desenvolvendo suas atividades nas áreas que ainda lhes restam para trabalhar.

Vale salientar que os espaços permanentes para o desenvolvimento das atividades agropecuárias foram muito reduzidos, devido ao aumento de outras atividades ligadas aos setores secundários e terciários da economia, e que por carregarem uma significação maior em arrecadação se tornaram mais importantes para o capital e as administrações municipais do que as atividades ligadas à agricultura e pecuária. Daí não se ter mais, em Campina Grande, extensas áreas permanentes para este tipo de atividade, como verificado Na tabela 01.

TABELA 01: Utilização das terras em atividades agropecuárias em Campina Grande – PB.

Lavouras	Nº de estabelecimentos agropecuários (unidades)	Área de estabelecimentos agropecuários (hectares)
Permanentes	252	507
Temporárias	1954	5839

FONTE: IBGE, 2006.

E ainda verifica-se que a quantidade de homens ocupados com as atividades agropecuárias é maior do que a quantidade de mulheres no mesmo período, contabilizando 4109 homens ao passo que as mulheres somaram 2155, ou seja, apesar de muita gente ter se desligado das atividades primárias, ainda existe uma quantidade

considerável de pessoas que continuam trabalhando no campo, com atividades que se caracterizam como a agricultura e a pecuária. Para o sexo feminino é mais fácil se desvincular desse tipo de atividade e ir em busca de outras oportunidades nos centros urbanos, mais precisamente na cidade de Campina Grande , especialmente no que tange aos serviços domésticos.

Contudo, vale a pena ressaltar que grande parte do contingente humano que trabalha nas atividades ligadas à agricultura e à pecuária é de uma faixa etária mais elevada, muitas vezes já aposentados. Os mais jovens que ainda permanecem, são aqueles que ainda não abandonaram o campo e por isso seguem o estilo de vida dos mais velhos ou ainda alguns que mesmo trabalhando em outras atividades na cidade, continuam a desenvolver as atividades primárias como forma de complementação da renda familiar (informações obtidas em pesquisa de campo, 2011).

O município de Lagoa Seca possui uma quantidade maior de terras reservadas para lavouras permanentes, preservando um caráter mais agrário de sua economia, visto que, toda sua história territorial de ocupação foi com base nessa atividade, como encontrado na tabela 02:

TABELA 02: Utilização das terras em atividades agropecuárias em Lagoa Seca – PB.

Lavouras	Nº de estabelecimentos agropecuário (unidades)	Áreas de estabelecimentos agropecuários (hectares)
Permanentes	939	2508
Temporárias	1489	4141

FONTE: IBGE, 2006.

Dessa forma, percebe-se que as áreas de lavouras permanentes de Lagoa Seca são maiores que as de Campina Grande, uma vez que a primeira compõe uma agricultura bem diversificada, se destacando em todo o Estado pela produção de hortaliças, como bem nos esclarece o plano diretor da cidade:

> **Lagoa Seca constitui-se num município eminentemente agrícola**. Vale ressaltar que é uma agricultura bastante diversificada. Essa diversificação, inclusive subdivide o município em áreas de acordo com a produção: áreas das frutas, do roçado, da verdura, e outros. Observa-se também que essa agricultura necessita de bastante atenção, pois é ela que mantém a população do município (PLANO DIRETOR DE LAGOA SECA, 2006, p. 09). (grifo nosso).

Sendo assim, essa característica marcante de município agrícola engloba o conjunto do seu território. A área em estudo, todavia, por situar-se num eixo rodoviário que se liga a Campina Grande, vai apresentar uma ruralidade um pouco diferenciada com objetos variados no espaço, como será discutido adiante. Porém, as especificidades de todo o território de Lagoa Seca, confirmam essa tendência agrícola do município, como registrado na figura 07:

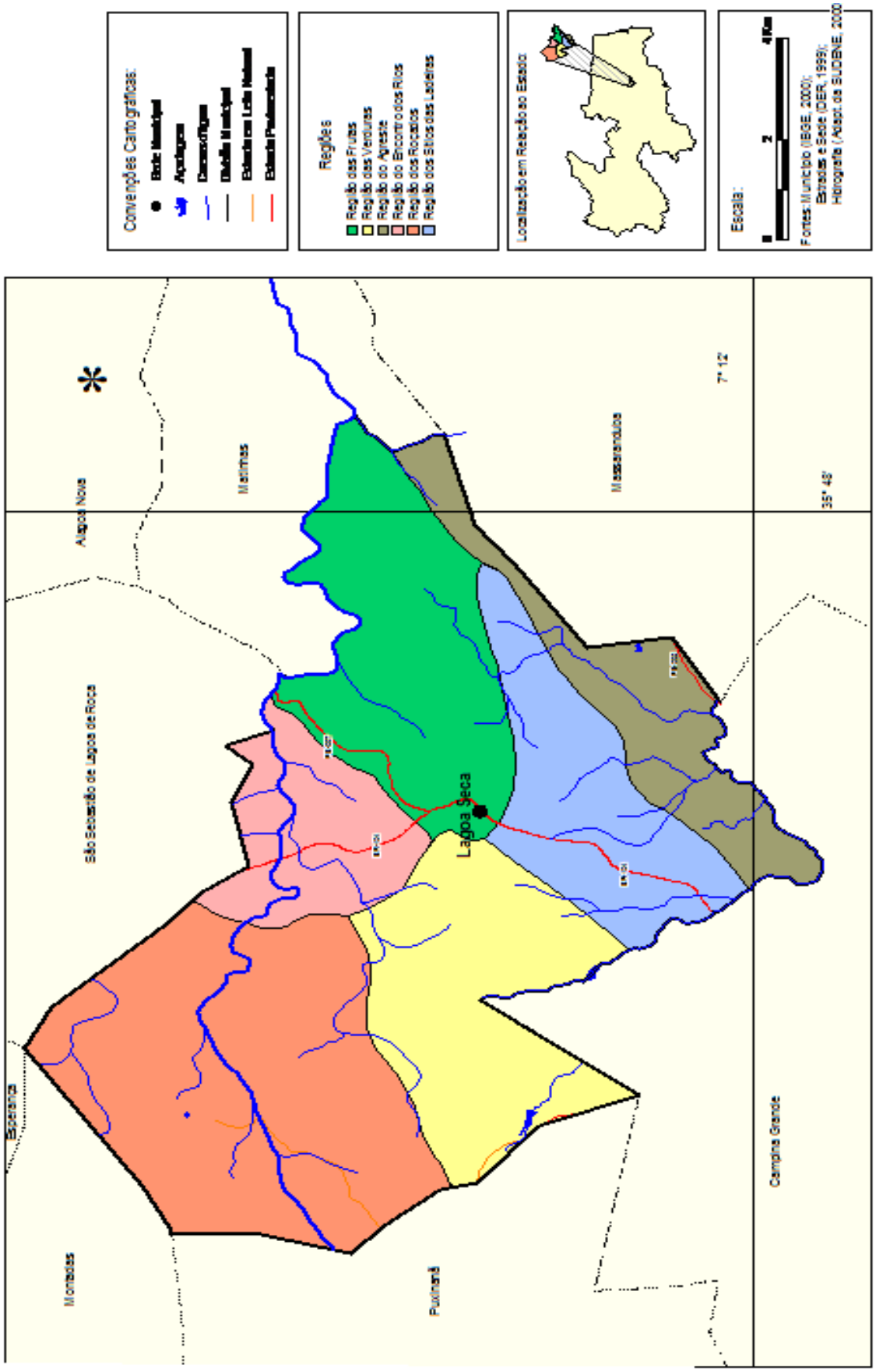


FIGURA 07: Áreas agrícolas de Lagoa Seca – PB.

FONTE: PLANO DIRETOR DE LAGOA SECA. 2006.

No entanto, no que diz respeito às lavouras temporárias a cidade de Campina Grande consegue manter uma quantidade maior de unidades e de hectares plantados, principalmente nas culturas de milho e feijão, em comparação com Lagoa Seca.

É importante lembrar que as lavouras temporárias são bem mais variadas e conseguem garantir um revezamento do terreno (rotação de terras e/ou de lavouras), o que torna a agricultura fonte de renda durante todo o ano para as famílias que produzem.

Apesar de ter tido sua área urbana sempre em crescimento, o município de Campina Grande não se tornou exclusivamente urbano, desenvolvendo também atividades ligadas à agropecuária, com criação de animais e uma agricultura de base familiar que engloba o cultivo de alimentos consumidos por toda a família e que também servem como fonte de renda para as famílias produtoras, uma vez que os produtos são também vendidos nas feiras da cidade. Neste sentido, é interessante que se observem os dados organizados na tabela 03:

TABELA 03: Produção nas lavouras permanentes e temporárias de Campina Grande – PB.

Produtos Lavouras permanente e temporária	Nº de estabelecimentos até 31/12.	Quantidade produzida até 31/12. (toneladas)	Valor da produção até 31/12. (Reais)
Banana[13]	11	88	106 mil
Laranja	6	10	03 mil
Cana-de-açúcar	10	02	01 mil
Feijão de cor em grão	253	235	246 mil
Feijão fradinho em grão	1179	2192	2181 mil
Mandioca	109	125	36 mil
Milho em grão	1445	10232	3715 mil

FONTE: IBGE, 2006.

[13] Os produtos banana e laranja compõem as lavouras permanentes.

Deste modo, os produtos cultivados nas áreas de lavouras permanentes não correspondem a uma grande quantidade que expresse destaque, mas por outro lado, a produção temporária se mantém diferenciada e constante, o que garante a reprodução do capital pelas famílias que estão ligadas ao processo produtivo.

Da mesma forma acontece com a produção de Lagoa Seca, que além das hortaliças desenvolve outros tipos de culturas, como se pode constatar na tabela 04:

TABELA 04: Produção nas lavouras permanentes e temporárias do município de Lagoa Seca – PB.

Produtos lavouras permanente e temporária	Nº de estabelecimentos até 31/12.	Quantidade produzida até 31/12. (toneladas)	Valor da produção até 31/12. (reais)
Banana[14]	281	908	1165 mil
Laranja	251	1445	15855 mil
Cana-de-açúcar	04	02	01 mil
Feijão de cor em grão	427	1424	1664 mil
Feijão fradinho em grão	416	204	184 mil
Mandioca	502	1832	246 mil
Milho em grão	750	631	239 mil

FONTE: IBGE, 2006.

[14] Igualmente como em Campina Grande, as produções de banana e laranja compõem as lavouras permanentes.

Neste caso, a maioria dos resultados da produção agrícola em Lagoa Seca é maior do que a produção em Campina Grande, pelo fato de que esta cidade se encontra mais próxima do Brejo paraibano e é mais influenciada por ela, onde as condições climáticas para a plantação são muito melhores se comparadas com Campina Grande. Daí, mais terra pra se cultivar aliado com melhores condições naturais, resulta numa maior produção.

O contrário acontece com o efetivo de criatório nas áreas rurais das duas cidades. Campina Grande, por possuir condições melhores para a criação de diferentes espécies de animais, consegue concentrar uma população maior que Lagoa Seca. Observe-se a tabela 05:

TABELA 05: Contingente pecuário do município de Campina Grande – PB.

Espécie de efetivo	Nº de estabelecimentos agropecuários (unidades)	Nº de cabeças
Asininos	242	355
Aves	1577	255078
Bovinos	912	13501
Caprinos	126	1281
Equinos	377	918
Muares	152	199
Ovinos	211	4494
Suinos	314	1576

FONTE: IBGE, 2006.

Nesse sentido, aliado às condições climáticas que ajudam na adaptação dos animais, Campina Grande ainda é ponto de encontro de muitos criadores das localidades

vizinhas, uma vez que ainda desenvolve a feira semanal de animais e possui criatórios próprios em seu território.

Já o município de Lagoa Seca possui um efetivo mais modesto, porém se mantém como município eminentemente agrícola, com produção de hortaliças e outros tipos de lavouras, além de efetivos animais. Isto pode ser constatado na tabela 06 e em sua comparação com a tabela 05:

TABELA 06: Contingente pecuário do município de Lagoa Seca – PB.

Espécies do efetivo	Nº de estabelecimentos agropecuários (unidades)	Nº de cabeças
Asininos	55	59
Aves	562	57288
Bovinos	837	5340
Caprinos	65	499
Equinos	61	298
Muares	27	30
Ovinos	107	1903
Suinos	253	1231

FONTE: IBGE, 2006.

Sendo assim, pressupõe-se que as áreas rurais da cidade de Campina Grande sentiram com maior intensidade o processo de territorialização urbana do que as áreas rurais de Lagoa Seca. É mais compreensível esse processo quando observamos que Campina Grande, a partir do seu comércio, tornou-se ponto de atração de muita gente de várias partes do estado e até de estados vizinhos, que se beneficiam de seus serviços, a

destacar os médicos-hospitalares e os ligados à educação, forçando essa urbanização para áreas mais distantes.

Com isso a cidade expandiu muito sua rede urbana em direção às áreas rurais, causando uma compressão e consequentemente diminuição das atividades nesses espaços. O contrário ocorreu com Lagoa Seca que continuou com sua economia de base primária, desde o seu surgimento, e que precisa das atividades agrárias para manter a economia do município, mesmo nos setores em que as estradas interligam as zonas rurais de modo mais fácil e rápido à zona urbana campinense.

Nesse sentido, atraídos pela tendência nacional, estes municípios englobaram próximos às bordas de suas áreas urbanas o novo estilo de moradia que são as granjas e residências de segunda moradia, os condomínios horizontais fechados, hotéis fazenda, dentre outros, que, por conseguinte, força a dinamização do comércio no local com a instalação de restaurantes, bares, lojas, supermercados, entre outros equipamentos que vão dar suporte no atendimento dessa nova classe que chega a áreas antes ocupadas pela população de classe social mais baixa, principalmente do município de Campina Grande. Além disso, a agricultura de frutas e hortaliças dinamiza o espaço periurbano entre Campina Grande e Lagoa Seca, sendo desenvolvida por grupos familiares que garantem o sustento e a reprodução da unidade familiar.

É a partir dessa mobilização existente nessas bordas que trataremos a seguir da formação de espaços periurbanos entre Campina Grande e Lagoa Seca, tentando entender este processo e sua dinamização.

III - A FORMAÇÃO DA ÁREA PERIURBANA ENTRE LAGOA SECA E CAMPINA GRANDE - PB.

Os questionamentos a respeito das delimitações das áreas rurais e urbanas têm sido motivo de várias discussões, visto que, com o avanço do capitalismo e sua constante modernização o campo absorveu muitas atividades que eram características da cidade, bem como os centros urbanos começaram a desenvolver atividades ligadas ao campo, como o caso da agricultura urbana. A par da problemática esboçada teoricamente nos itens iniciais, passar-se-á no presente capítulo a um estudo de caso na Paraíba, retomando-se e aprofundando-se algumas referências e discussões específicas sobre periurbanização.

Nesse sentido, a área periurbana entre as cidades de Campina Grande e de Lagoa Seca tornou-se motivo principal de nossa inquietação, em que buscaremos entender como esse processo de produção do espaço chega ao Brasil e se dissemina por todo o território nacional, alcançando o território paraibano, tornando-o partícipe das mudanças ocorridas no país.

Dessa forma, analisaremos as bases desse processo para posteriormente adentrarmos nas modificações no espaço que margeia as cidades supracitadas, bem como as modificações socioeconômicas e culturais que alteraram todo um modo de vida e uma lógica estabelecida no espaço em questão.

3.1 – A periurbanização entre Campina Grande e Lagoa Seca

Como visto no decorrer do capítulo primeiro, os espaços periurbanos se constituem como uma extensão da área urbana das cidades em direção ao campo. Sendo assim, a população urbana que foi se transferindo para essas áreas em busca de mais tranquilidade, sossego, contato direto com a natureza, segurança, dentre outros, não contempla mais exclusivamente a população dos países europeus e norte-americanos.

O Brasil já se encontra nesse processo de mudança comportamental de sua população de classe média e alta desde os fins da década de 1960 do século passado, e no estado da Paraíba desde a década de 1990.

Nesse sentido, entre Campina Grande e Lagoa Seca uma quantidade considerável de pessoas que residiam na primeira cidade já se transferiu para residir em condomínios horizontais fechados, loteamentos, bairros verdes, construíram chácaras que funcionam apenas em fins de semana e dias festivos, pousadas, além de uma série de serviços que estão instalados nessa extensão territorial, mais precisamente ao longo da BR-104.

Nesse sentido, percebe-se que as áreas periurbanas estão sob a influência do sistema capitalista em vários pontos do território nacional, onde o mercado imobiliário insidiosamente lança mão das características dos espaços mais rurais para atrair um segmento da população que anseia por uma vida mais tranquila e longe dos centros urbanos agitados. Dessa forma as propagandas de loteamentos, condomínios, etc. são recheadas de neologismos e referências aos aspectos bucólicos, agrestes e ecológicos dos espaços em transformação. Esses lugares serão para o consumidor – que vive via de regra nos centros urbanos movimentados, barulhentos e violentos – um reencontro com a natureza, com o ar puro, com a tranquilidade do campo, porém por trás de todo apelo da propaganda está a lógica do capital. Tais situações se reproduzem na área do presente estudo de caso, como se pode constatar nas imagens do espaço entre Campina Grande e Lagoa Seca apresentadas adiante (Figuras 08 e 09).

FIGURA 08 – Placa afixada às margens da BR entre Campina Grande e Lagoa Seca.

Mural com lotes à venda do Residencial Atmosphera Eco Residence, na área periurbana entre Campina Grande e Lagoa Seca – PB. Destaque para a frase no topo do mural exaltando os aspectos naturais.
FONTE: ARAÚJO, 2010.

FIGURA 09: Propaganda de um "Bairro Planejado" entre Campina Grande e Lagoa Seca.

Outdoor de um loteamento na área periurbana entre Campina Grande e Lagoa Seca – PB. Em destaque, frase que exalta as características naturais do lugar.
FONTE: ARAÚJO, 2011.

Como se pode analisar nas figuras anteriores, a propaganda de venda dos empreendimentos imobiliários destaca fortemente as características de se viver bem estando perto da natureza. No primeiro *outdoor*, percebe-se que a propaganda do condomínio Atmosphera Eco Residence exalta a natureza de uma forma teatral, quando diz que nesse condomínio a natureza é um espetáculo, e ainda remete a ideia de que seus moradores irão desfrutar desse "show" de um lugar privilegiado, no caso o camarote (sua casa). Já no segundo *outdoor*, a exaltação as características naturais do lugar aparecem quando se coloca esse bairro como o mais arborizado da região Nordeste, fazendo uma supervalorização do lugar na intenção de atrair mais adeptos desse novo estilo de viver.

Sendo assim, as áreas mais afastadas dos centros das cidades vão ganhando importância e atraindo cada vez mais um contingente populacional de hábitos urbanos, mas que busca a qualidade de vida no ambiente verde dos campos, tal como se verifica nos empreendimentos encontrados entre os municípios em tela, a exemplo do bairro planejado "Cidade Juraci Palhano" e do condomínio de luxo Atmosphera

EcoResidence. Sobre a busca dos atributos positivos do meio rural Priscilla Bagli (2006) alerta:

> Buscam-se atributos não encontrados nos espaços urbanos. Se os problemas ambientais e sociais de tais espaços (poluição atmosférica e dos cursos d'água, desconforto térmico em virtude da escassa vegetação, aumento da violência, barulho, mau cheiro) constituem-se como fundamento para a busca de uma outra realidade, então essa busca transforma-se em uma estratégia para a construção de outros territórios, consequentemente, para a formação de novas territorialidades (BAGLI, 2006, p. 154).

É a busca por novos lugares, para suprir as necessidades de uma classe social que almeja por novas condições de vida, ou seja, um refúgio momentâneo, visto que, esta população mantém uma relação muito próxima com a cidade no que diz respeito aos serviços, trabalho, saúde, lazer ou educação.

Como se pode observar, o espaço periurbano entre as cidades de Campina Grande e de Lagoa Seca enfrenta tal mudança também, onde os interesses do capital imobiliário já dominam essa área, inaugurando um período de grandes modificações no espaço.

Porém, vale a pena destacar que este espaço se caracteriza como uma área periurbana não só pela presença de condomínios horizontais fechados, chácaras para segunda moradia e loteamentos. Nela o solo ganha outros níveis de uso, quais sejam: área natural voltada para o lazer e descanso temporário de quem deseje desfrutá-la, como o caso da pousada Magia do Verde, localizada na zona rural de Lagoa Seca; área rural de caráter familiar em sua maioria, que desenvolve atividades ligadas à produção de horticultura, além da área urbana já comentada anteriormente, dentre outros.

Dessa forma, compreender o espaço periurbano não é tarefa simples, dado a imensidade de informações que ele carrega, tanto na paisagem como nas ações entre os atores que o compõe. Sendo assim, a próxima sessão no convida para aprofundar e entender melhor a dinâmica desse espaço através das modificações e permanências que ocorreram durante todo o período de formação desse espaço periurbano entre as cidades de Campina Grande e de Lagoa Seca, no estado da Paraíba.

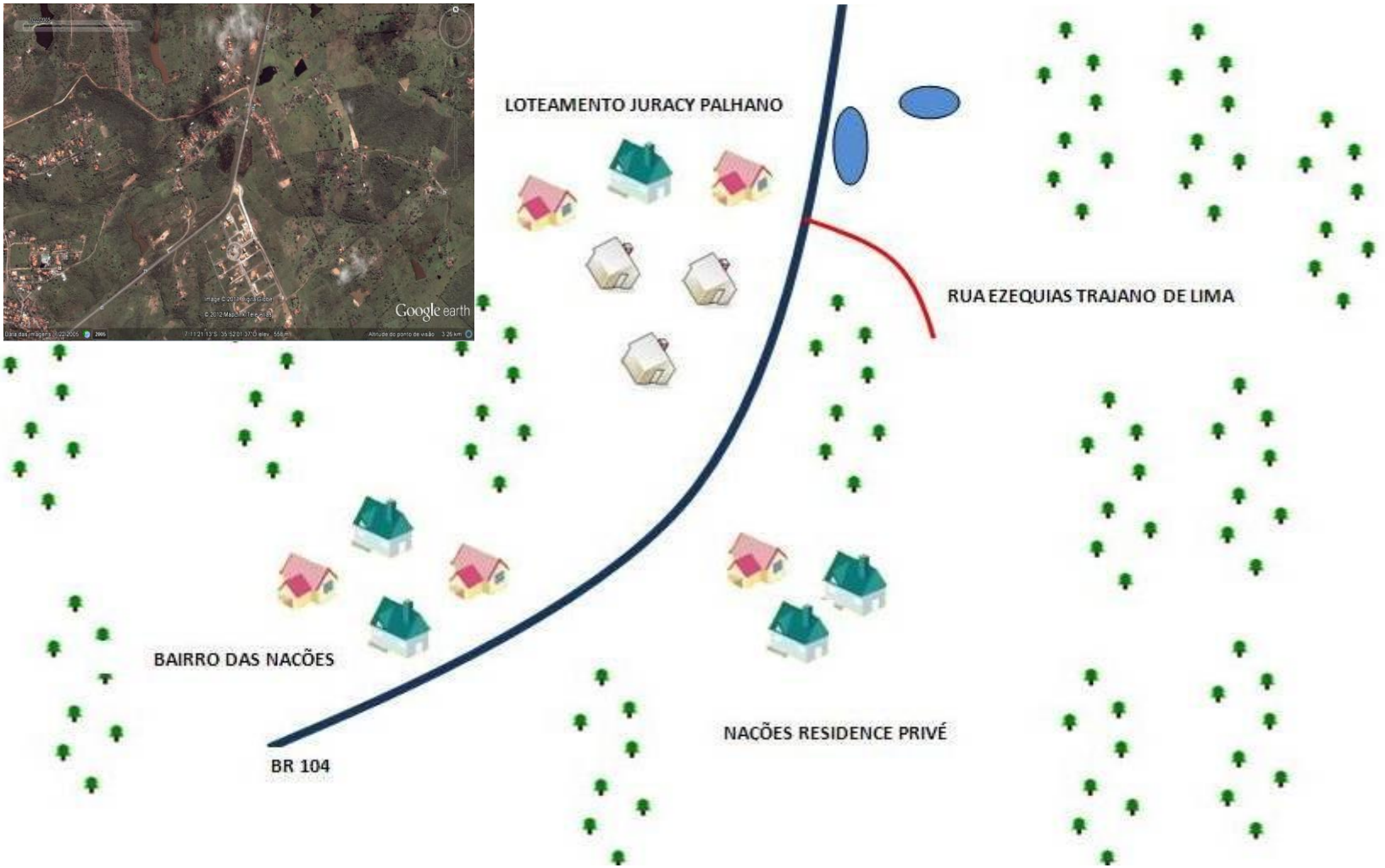
3.2 – As modificações e permanências na área periurbana entre Campina Grande e Lagoa Seca – PB.

Diante da discussão a respeito da compreensão dos espaços periurbanos, aqui, explicitando o caso entre as cidades de Campina Grande e de Lagoa Seca, percebem-se muitas mudanças, mas também algumas formas de permanências por parte da população que já vivia nessa área e que continuou a desenvolver as atividades com as quais já estavam acostumados, dentre outras recém-instaladas. De sorte que é comum encontrarem-se pessoas que continuam agricultores, porém trabalham em tempo parcial como vigilantes, domésticas, empregados da construção civil, taxistas e etc.

Uma vez que a presente pesquisa não se trata de um levantamento sociológico com rigor estatístico, reconhece-se aqui que a categoria geográfica da paisagem é como um termômetro que nos indica a intensidade das mudanças que aconteceram e que continuam sendo processadas no espaço, a partir da variação dos elementos que o compõem. Esta categoria traz consigo a própria história do lugar assim como afirma Ferreira (2009, p. 47), citando Dolfuss (1991), isto é, a tradução da fisionomia, dos ritmos de atividades, dos fluxos e das densidades humanas. Através da análise da paisagem pode-se inferir algumas das mudanças no perfil da população, como apontado acima.

Observando o espaço periurbano entre Campina Grande e Lagoa Seca percebe-se que em todo o trecho às margens da rodovia federal BR-104 a paisagem incorporou novos objetos e novas ações ao longo dos anos, impulsionando outra funcionalidade do espaço em que as atividades ligadas à agropecuária perderam uma parcela considerável de sua área de abrangência para as atividades industrial, assentamentos de moradia adensada e de serviços. Mudança também é percebida à medida que nos afastamos da rodovia e adentramos pelo território, com a presença de chácaras que funcionam como segunda moradia na zona rural do município, pousadas etc. e uma área destinada à agricultura mais reduzida que em tempos anteriores a esse processo novo. (Figuras 10, 11).

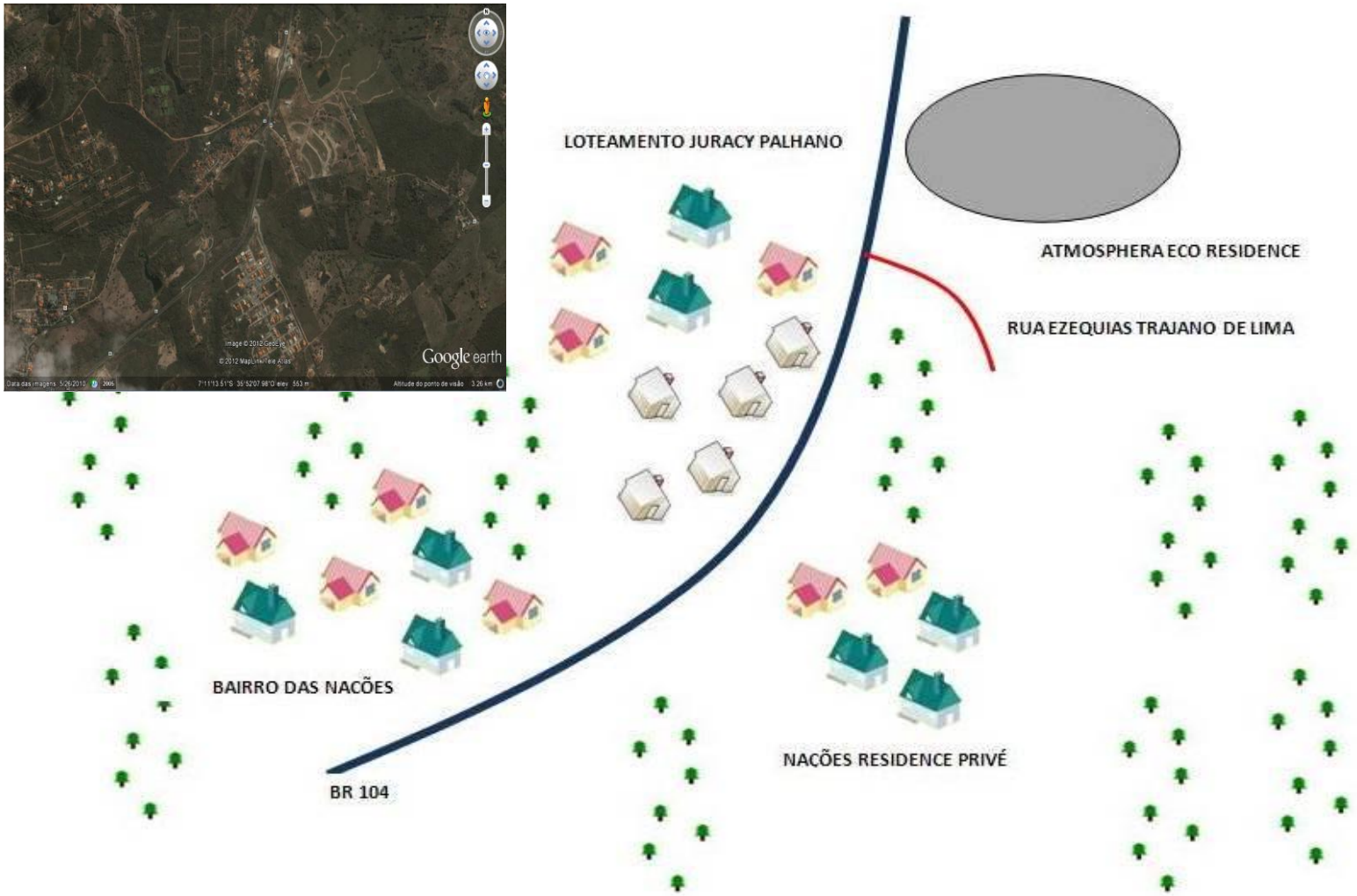
FIGURA 10: Croqui do espaço periurbano entre Campina Grande e Lagoa Seca a partir de imagem de satélite de 2005.



Percebem-se poucas aglomerações de imóveis em uma área verde mais extensa.

Elaboração: Diego Mentor. Organização: Araújo, 2012.

FIGURA 11: Croqui do espaço periurbano entre Campina e Lagoa Seca a partir de imagem de satélite de 2011.



Percebe-se que a área verde mais extensa começa a ser delimitada por loteamentos e outros serviços.

Elaboração: Diego Mentor. Organização: Araújo, 2012.

Foram aparecendo na paisagem do lugar objetos geográficos que atendem às renovadas necessidades do sistema capitalista, com interesses voltados para a exploração dessa área e a obtenção de novas formas de arrecadação de impostos e lucros decorrentes do aumento do preço da terra. O mercado imobiliário se insere nessa fração do espaço e modifica a paisagem com a construção dos condomínios horizontais fechados, como o Atmosphera Eco Residence que até meados dos 2000 não existia na área estudada, como verificado na figura 10, e o Sierra Home Resort, localizado na saída de Campina Grande para Lagoa Seca. Neste último condomínio horizontal, as propagandas de marketing o colocam como um dos mais modernos do Norte, Nordeste e que está localizado a apenas 2 km do centro de Campina Grande (Figura 12).

FIGURA 12: Ilustração do condomínio Sierra Home Resort em Campina Grande.

FONTE: Folder de propaganda do empreendimento, 2007.

Observando-se atentamente o folder acima reproduzido pode-se perceber que são enfatizados: a) a proximidade do Sierra Home Resort com a cidade, uma vez que as avenidas campinenses levam até o entroncamento rodoviário vizinho à BR-104 e uma das avenidas perfaz uma distância de apenas 2km do centro; b) o terreno possui topografia privilegiada, posto que é elevado no mínimo 12m do entorno, garantindo

supostamente vista privilegiada, privacidade e isolamento de ruídos, pessoas, etc.; c) o esquema do loteamento, na metade superior da ilustração, destaca o verde e a organização racional das parcelas no espaço, com arruamentos padronizados e uma área comum às margens da BR-104, como que isolando também o condomínio do fluxo intenso de veículos; d) outra informação que merece destaque é que, apesar da ênfase no verde e no isolamento, alguns objetos tipicamente urbanos estão destacados no desenho, como a densa malha viária, supermercados e outros estabelecimentos comerciais; e) por fim, o tamanho médio dos lotes informado é de 535m^2, o que representa uma metragem bem maior do que o habitual nas moradias das cidades, onde os edifícios residenciais multifamiliares modernos têm cada vez menos espaço. Ou seja, são as novas regras do mercado para um lugar "perfeito para morar e viver bem", com o que há de melhor do campo e da cidade – desde que a clientela possa pagar.

É importante lembrar, que as propagandas do mercado imobiliário enfatizam muito a questão do viver bem, da tranquilidade, do conforto, do contato com a natureza, porém sempre próximos do centro da cidade, que é o lugar onde essas pessoas trabalham, estudam, se divertem, dentre outros.

Outros pontos a destacar é que em volta dessas edificações surge todo um aparato técnico para suprir as necessidades dessa nova classe social que se estabelece nessa área, como uma série de restaurantes, supermercados (a exemplo do Atacadão que fica ao lado do condomínio), lanchonetes, um viaduto que facilitou bastante o trânsito da área (não referido no folder, ver figura 13), beneficiando diretamente essa classe social que vive em condomínios fechados mais afastados da cidade e, no entanto mantém a vida em função das atividades oferecidas no centro desta, dentre outros. Sendo assim, essa nova organização espacial vai formando um espaço solidário ao periurbano, com novas atividades que se instalam nesse espaço, onde vários setores da economia são montados em um determinado lugar para suprir as necessidades de uma parcela da população (FIGURA 13, 14).

FIGURA 13: Viaduto Elpídio de Almeida em Campina Grande, ligando o centro em direção ao norte e facilitando o tráfego de veículos de quem mora nos bairros próximos dos condomínios fechados.

FONTE: www.pbagora.com.br. Acessado em 06/12/2011.

Exemplo bastante ilustrativo disso é o comércio de beira de estrada. Ao mesmo tempo em que o rural se urbaniza, alguns de seus elementos culturais vão sendo transformados em folclore, mercadoria ou aspectos pitorescos, criando no espaço periurbano novas representações do que seria o próprio campo. Neste sentido, o artesanato "típico" talvez seja o modelo mais flagrante de hibridização, como se pode observar na Figura 14. A loja retratada mantém uma "fachada" (com toda a força que a palavra tem) que remete às casas de taipa, ao antigo e à pobreza que outrora grassavam no interior, na roça. No entanto, o público de origem urbana quer e precisa dessas referências – re-significadas, logicamente – para afirmar e sentir a (nova) ruralidade almejada, todavia em outra condição social.

FIGURA 14: Loja de artesanato, às margens da BR-104, ao lado de condomínios fechados.

FONTE: ARAÚJO, 2010.

Mais uma vez, percebe-se que a paisagem vai ser a primeira a sofrer por uma remodelagem, a partir da instalação desses novos objetos e ações no espaço, contudo, ela não apaga por completo as marcas do passado, constituindo-se uma baliza da história do lugar, porque vai ser na paisagem que o lugar vai guardar a história de diferentes momentos contados, rememorados e re-interpretados.

No cenário do nosso estudo de caso, as modificações na paisagem não se restringem ao condomínio Sierra Home Resort. Na fronteira dos municípios de Campina Grande e de Lagoa Seca, existem outros condomínios horizontais fechados que alteraram bastante a fração visível do espaço, como o Nações Residence Privé e o Atmosphera Eco Residence.

Estes empreendimentos começaram a dar outra feição à paisagem por volta dos fins da década de 1990, quando a população mais abastada de Campina Grande foi

atraída por esse novo estilo de morar e se distanciou mais das áreas centrais e se aproximou do ambiente rural em busca de mais tranquilidade, conforto e segurança.

São empreendimentos fortemente homogeneizados (e homogeneizantes) que utilizam de um forte apelo mercadológico, exagerando, muitas vezes, na propaganda, no que diz respeito à segurança, conforto, sofisticação, tudo para atrair ainda mais o público que pode pagar por esse serviço e que deseja se auto-segregar, como define o *release* do grupo do condomínio Sierra Home Resort:

> Viva a praticidade, total segurança, privacidade e o conforto que nenhum outro condomínio pode proporcionar.
>
> De beleza incomparável, o Sierra foi projetado por renomados profissionais. Uma moderna e atraente infra-estrutura especialmente concebida para quem deseja viver bem e com muito estilo.
>
> Pensando no bem-estar de toda família, o Sierra está investindo nas mais avançadas tecnologias. Toda a rede elétrica e telefônica é subterrânea, um exclusivo item de segurança**, conforto e estética, que não sofre interferências do meio ambiente.** A pavimentação das ruas e áreas internas é feita de piso intertravado, **ecologicamente correto** e de altíssima durabilidade, o que proporciona resistência, beleza e excelente qualidade (Folder de propaganda do condomínio, 2007). (grifos nossos).

Diante desse texto, percebe-se que a propaganda consegue enfatizar muitos dos atrativos e dos serviços oferecidos no condomínio para quem adquirir um lote. Todavia, alguns termos podem não condizer com a realidade, mas são postos na mídia para atrair mais compradores, passando uma ilusão que só aquele empreendimento é capaz de oferecer tal serviço, como por exemplo, a frase "viva o conforto que nenhum outro condomínio pode proporcionar". As contradições merecem igualmente reflexão: ao mesmo tempo em que se invoca a natureza (afinal, trata-se de empreendimento "ecologicamente correto"), a estética é precisamente calculada "sem interferência do meio ambiente" (!), como se isso fosse possível.

A homogeneização acima referida reflete esta necessidade de apartação-mimetização da natureza, uma vez que a vegetação local quase sempre é removida (ou fica enclausurada nas reservas de mata, em partes afastadas, pantanosas ou íngremes dos terrenos) e os jardins planejados passam a transmitir a monotonia "segura" das plantas que "enobrecem a paisagem", posto que compradas a empresas especializadas em

jardinagem e paisagismo. Ironicamente o paisagismo aqui consiste em domesticar a antiga configuração rural (pobre, pitoresca, grosseira) para que se pareça mais com os valores ecológicos e ideológicos dos novos moradores – estética, saúde, exclusividade.

Ainda segundo esse tipo de propaganda, o apelo por morar com mais tranquilidade, longe das áreas urbanas e mais próximas das áreas rurais, verdes, entra em contradição quando se incrementam os condomínios com todos os objetos de uma vida urbana, citadina, repleta das mais avançadas tecnologias. Ou seja, mora-se numa área mais distante do centro da cidade, com características de rural, porém dentro do condomínio e das residências os objetos dispostos podem passar a sensação de se estar na cidade. Quanto mais adensadas as residências, mais isto se torna verdadeiro.

Vale ressaltar que os condomínios horizontais fechados não se encontram exclusivamente na faixa de transição entre as cidades de Campina Grande e de Lagoa Seca. Existem outros localizados nas outras bordas da primeira cidade, como mostrado na tabela 07:

TABELA 07: Condomínios distribuídos nas bordas da cidade de Campina Grande.

CONDOMÍNIOS	QTDE DE LOTES	REALIZAÇÃO
Atmosphera Eco Residence	162	Andrade Marinho Empreendimentos
Nações Residence Privé	100	G4 Construções e Empreendimentos Imobiliários
Alphaville	391	Alphaville Urbanismo
Sierra Home Resort	197	Rocha Cavalcante
Campos do Conde	700	Scopel Desenvolvimento Urbano e Conde Desenvolvimento
SierraVille	470	Andrade Marinho Empreendimentos

FONTE: ARAÚJO, 2012.

Como quer que seja, não é só a paisagem que vai mudando, ganhando novos significados. O uso do solo passou a ter outra finalidade, os costumes da população que sempre viveu nessas áreas mudaram, tendo em vista a nova organização espacial que se fixou no lugar e que forçou tal mudança– sobretudo nas relações entre os antigos e novos habitantes.

No caso do residencial Nações Residence Privé, seu processo de construção ocorreu a partir da segunda metade da década de 1990, e foi necessária a transferência da população rural que residia na área onde hoje está o condomínio.

No espaço que hoje concentra este condomínio havia um povoado rural chamado Guabiraba, onde algumas famílias residiam em sistema de morada (não eram donos, apenas ocupantes) e mantinham o sustento da instituição familiar advindo das atividades agropecuárias. Por ser uma área em que o relevo se apresenta mais elevado, aparece como destaque para quem passa pela BR-104, principalmente no sentido Campina

Grande-Brejo do Estado. O proprietário desse povoado vendeu o terreno para que fosse construído o condomínio, deslocando toda essa população para uma área bem menor, próxima ao residencial[15]. A antiga área de moradores que praticavam agricultura familiar mudou radicalmente de face, como se pode observar na figura 15.

FIGURA 15: Vista do condomínio Nações Residence Privé, entre Campina Grande e Lagoa Seca – PB.

Ao lado esquerdo, no fundo, notam-se prédios próximos, já em Campina Grande.

FONTE:ARAÚJO, 2010.

Um olhar mais atento a imagem observa-se a proximidade do condomínio fechado Nações Residence Privé com a cidade de Campina Grande, quando percebe-se mais ao fundo esquerdo uma proximidade de prédios, bem como em primeiro plano uma área verde, sem nenhuma construção, dando um caráter mais rural ao lugar. Do mesmo modo, a rua que dá acesso ao condomínio, é solo público, mas contém

[15] Informações obtidas em entrevistas com moradores do antigo sítio Guabiraba, em julho de 2010.

características de privado quando observa-se toda uma infraestrutura montada em direção ao condomínio.

Dessa forma, o solo em questão ganhou outro uso, com nova funcionalidade, para atender a outro tipo de população. No tocante à população que foi transferida a maioria não continuou desenvolvendo a agropecuária, visto que não dispunham mais de terras suficientes para esta atividade.

Sendo assim, a população que foi transferida desta área rural passou a residir em um arruado muito próximo ao condomínio supracitado e ficou denominada pelo poder público de Lagoa Seca como rua Ezequias Trajano[16], (Figura 16):

FIGURA 16: Rua Ezequias Trajano de Lima ao lado do residencial Nações Residence Privé.

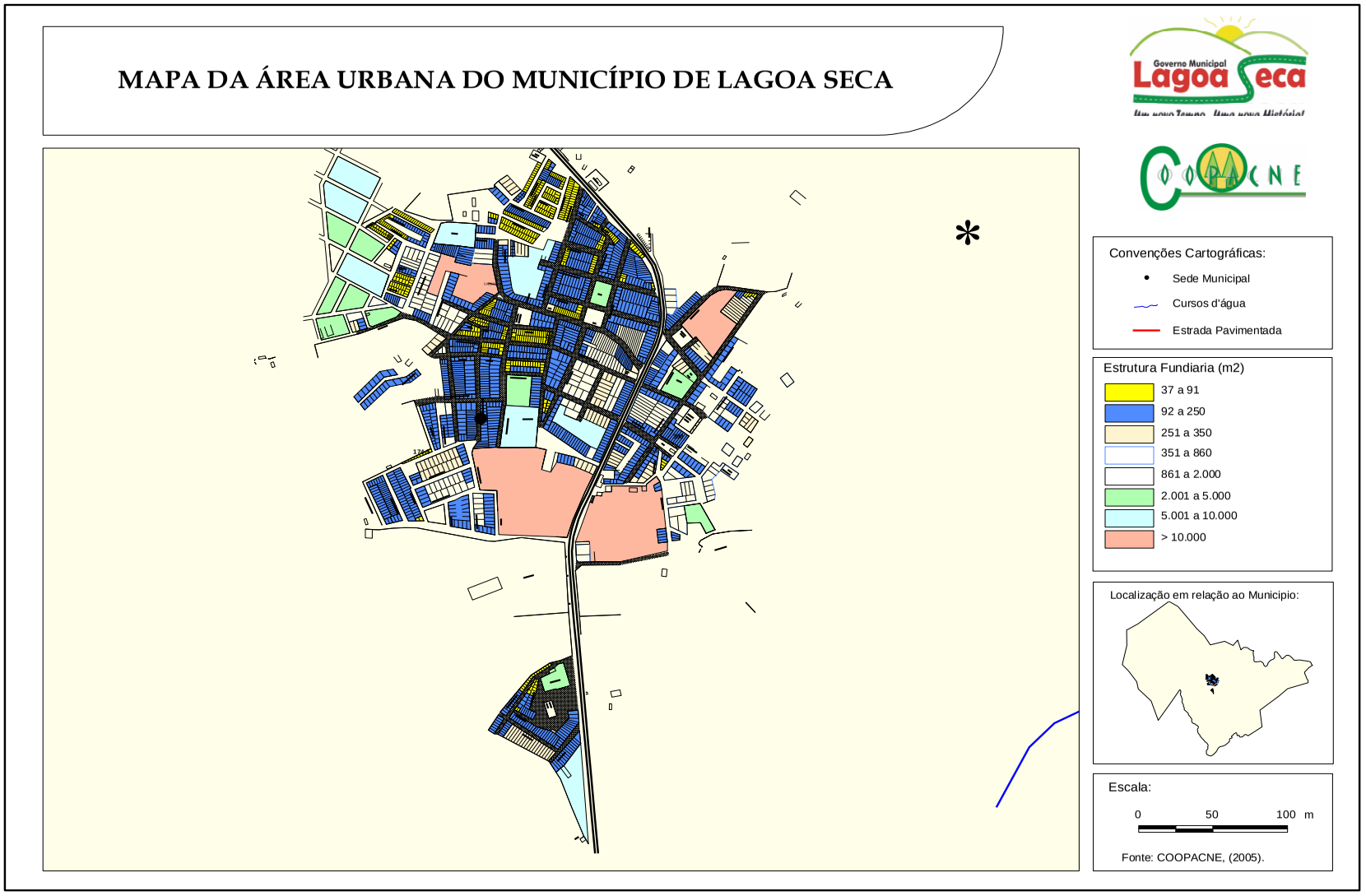
FONTE: ARAÚJO, 2010.

[16] - Ezequias Trajano foi o proprietário de toda a extensão territorial que compõe atualmente o condomínio fechado Nações Residence Privé e a rua Ezequias Trajano.

Nesse sentido, a rua Ezequias Trajano de Lima se constitui como um enclave entre os condomínios Nações Residence Privé e o Atmosphera Eco Residence, com uma população de classe social baixa. Essa população se constitui dos antigos agricultores que ocuparam por muito tempo a área que hoje se encontra o primeiro condomínio.

Após a construção do residencial, o poder público municipal de Lagoa Seca incluiu a área do condomínio, juntamente com a rua Ezequias Trajano, no perímetro urbano do município a fim, presumidamente, de arrecadar mais impostos, uma vez que os valores cobrados pelo IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) são maiores que os do ITR (Imposto Territorial Rural) (figura 17). Porém, para os moradores desta rua não era cobrada nenhuma forma de tributo pelo poder municipal até o presente ano. As relações entre os moradores/agricultores e o antigo dono da fazenda não foram objeto de investigação no presente estudo, mas aventa-se que, como eram pessoas de poder aquisitivo mais baixo, camponeses, as formas de pagamento pela moradia e uso do solo estabeleciam-se verbalmente e segundo os costumes de uma sociedade de interconhecimento.

FIGURA 17: Área urbana do município de Lagoa Seca.

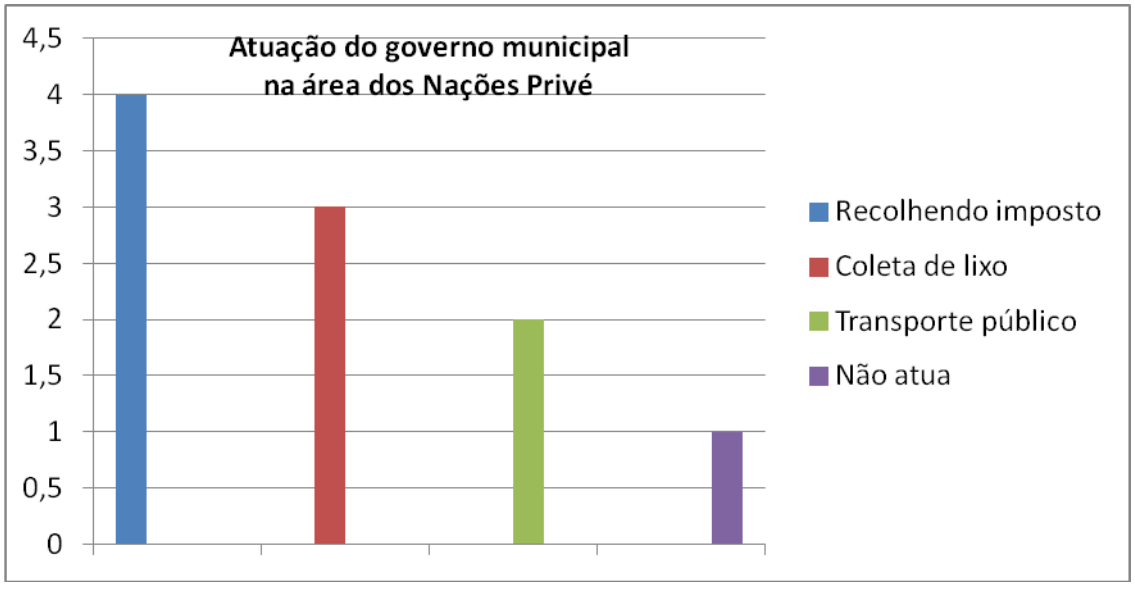


FONTE: PLANO DIRETOR DE LAGOA SECA, 2006.

Importante destacar que os condomínios fechados se encontram geograficamente mais distantes do núcleo urbano da cidade maior, e, no entanto, estão dentro do perímetro urbano de Lagoa Seca, o que justifica o caráter econômico dessa inclusão, tendo em vista que, por serem áreas maiores, contribuem com maior quantidade de capital em detrimento das residências da rua já citada anteriormente, além da condição financeira totalmente divergente dos moradores dessas edificações. Daí os prováveis motivos para que mesmo estando dentro da área urbana não contribuírem com o pagamento do IPTU (Imposto sobre propriedade territorial urbana).

Nesse contexto, para a maioria dos moradores do residencial Nações Residence Privé o poder público atua com mais vigor no que diz respeito à cobrança do imposto, deixando muito a desejar em outros serviços como coleta de lixo, segurança e transporte público, dentre outros, que acabam sendo privatizados. No Gráfico 01 encontram-se tabulados os dados de uma enquete realizada no local durante esta pesquisa, quando foram entrevistadas 10 pessoas:

Gráfico 01 – Atuação do governo municipal na área do Nações Residence Privé, de acordo com 10 moradores entrevistados, Lagoa Seca-PB.



FONTE: Pesquisa de campo, 2011.

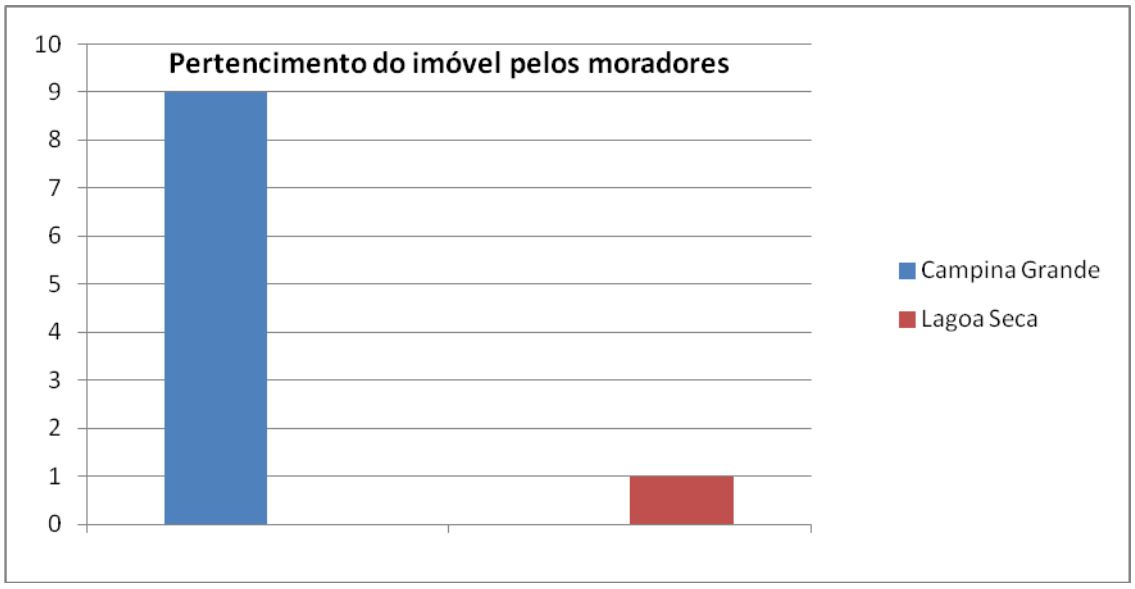
Como os condomínios têm toda uma organização interna, de segurança, coleta de lixo, limpeza interna, entre outros, o governo municipal não se preocupa com o atendimento dos serviços que lhe cabem fora dos muros destes, uma vez que a própria

área externa desse condomínio está projetada de uma forma que aparenta fazer parte exclusivamente dele, onde na verdade se configura como uma via pública, portanto, de acesso à toda população.

Sendo assim, a prefeitura se isenta ou não desenvolve com regularidade as atividades as quais são de competência dela e não apenas dos condomínios horizontais fechados.

Ao mesmo modo, os moradores não reclamam desse atendimento por alegarem que não dispunham de tempo suficiente para reivindicar esta atividade, visto que, suas vidas estão todas voltadas para a cidade de Campina Grande, chegando ao ponto de considerarem que suas residências pertencem muito mais à Campina Grande do que mesmo a Lagoa Seca, pela influência direta que a primeira cidade exerce sobre suas vidas, como demonstra o gráfico 02:

GRÁFICO 02: Pertencimento territorial do imóvel a partir da opinião dos moradores do residencial Nações Residence Privé, Lagoa Seca-PB.



FONTE: Pesquisa de campo, 2011.

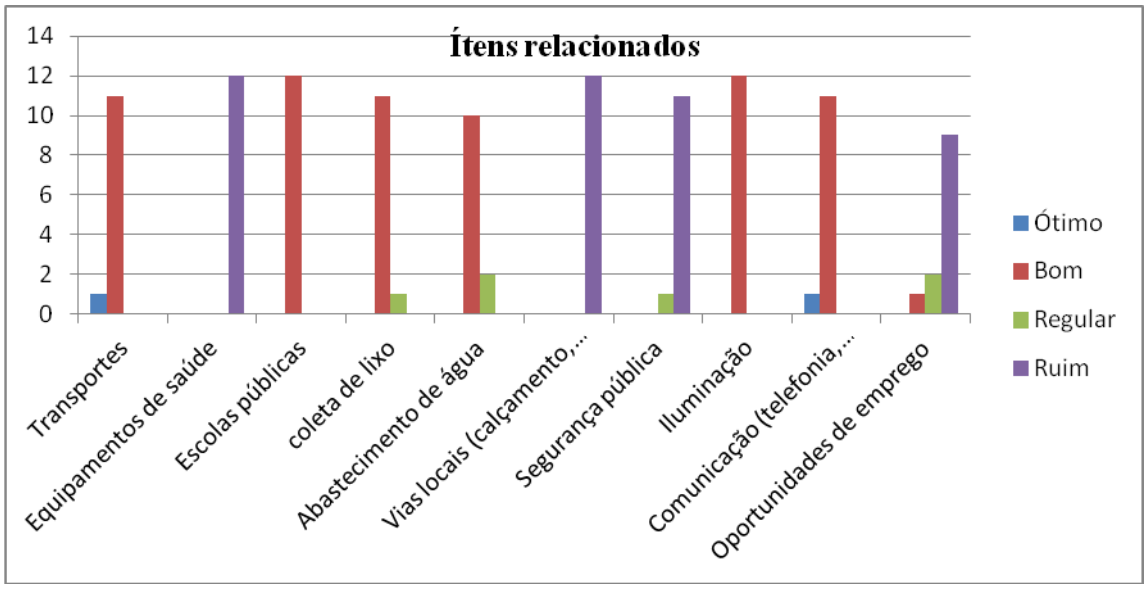
Sendo assim, tudo fica muito conveniente para os dois lados, uma vez que o poder municipal de Lagoa Seca está mais interessado em arrecadar os impostos oriundos dos condomínios, e os moradores desse tipo de residencial– por votar e "viver" na cidade de Campina Grande – não se interessam de cobrar nenhuma ação do governo de Lagoa Seca, tendo em vista que os serviços que são falhos em volta do condomínio,

a própria administração privada consegue resolver. Afinal, para que o condomínio se torne mais atrativo e obtenha mais lucro com a venda de mais lotes é preciso que não só a área interna esteja em ordem, como também toda a área em seu entorno, haja vista que existem outros condomínios de mesmo porte social e econômico neste espaço gerando uma competitividade entre eles.

Diante dessa problemática, ainda verifica-se nesta mesma área os loteamentos mais populares, isto é, aqueles que contemplam pessoas de classes sociais diferentes, menos abastadas que nos exemplos dos ditos "privês". São espaços que também tentam vender sua imagem e seus serviços vinculados com a natureza e com o viver bem, como o loteamento Juracy Palhano.

Nesse espaço verifica-se que os serviços públicos não são oferecidos de maneira igualitária para toda a população, como mostrado no gráfico 03 a partir de entrevistas realizadas com 12 moradores:

GRÁFICO 03: Serviços públicos prestados à população, na opinião dos entrevistados do bairro Juracy Palhano, Lagoa Seca-PB.



FONTE: Pesquisa de campo, 2011.

Nesse sentido, percebe-se que os serviços relacionados com saúde, infra-estrutura, segurança pública e oportunidades de emprego, são os que mais necessitam de intervenções públicas para garantir uma qualidade de vida muito melhor para a população que reside nessa área.

Contudo, o processo de extensão e desenvolvimento desses loteamentos não cessou com essas deficiências no serviço público local. Dessa forma, o loteamento Juracy Palhano encontra-se às margens da BR-104 e vai se prolongando pelo interior. Começou a se formar já na década de 1980, numa época em que a área ainda era considerada pelo poder público municipal como rural e composta por uma população de nível social mais baixo. Só a partir dos fins dos anos 1990 que vai se expandido e ganhando outra forma, com a aquisição de terrenos por pessoas de classe social mais elevada e, como consequência, a inclusão da área no perímetro urbano de Lagoa Seca (Figuras 18, 19, 20). Outra forma de mudança da paisagem local que acarreta transformação também no comportamento das pessoas que ali residem, na forma de consumo do espaço, que não tem mais na agricultura o ponto principal de geração de renda. Interessante notar que o bairro é colocado nas propagandas como “cidade” Juracy Palhano, mas ao mesmo tempo a sua característica definidora é alardeada como a arborização mais intensa, o que remete ao campestre.

FIGURA 18: Entrada do loteamento Juracy Palhano, com *outdoor*.

A propaganda na entrada do loteamento Juracy Palhano, às margens da BR-104, mistura valores rurais e citadinos. Mais ao fundo, à direita, percebe-se a entrada de outro condomínio fechado: O Atmosphera Eco Residence.

FONTE: ARAÚJO, 2010.

FIGURA 19: A parte mais antiga do loteamento Juracy Palhano, Lagoa Seca-PB.

Com casas mais populares e com infraestrutura precária, lembrando uma periferia pobre. Ao fundo, prédio em Campina Grande.

FONTE: ARAÚJO, 2011.

FIGURA 20: Na parte mais recente do loteamento Juracy Palhano, Lagoa Seca-PB.

São observadas ruas calçadas como esta e casas mais modernas, com muros elevados. Reflexo da "urbanização" do campo a partir de novos valores estéticos, ideológicos e de mercado.

FONTE: ARAÚJO, 2011.

Sendo assim, o bairro Juracy Palhano se constitui em uma área com divisão social, como obervado nas figuras anteriores. Mesmo fazendo uma propaganda de bairro mais arborizado do estado, dentro dele existe uma segregação social, quando se percebe residências de caráter mais simples e que não dispõe de nenhuma infraestrutura como na figura 19, até residências mais modernas com sistema de esgoto e calçamento como verificado na figura 20. Dessa forma, percebe-se que o bairro se encontra dividido social e economicamente, diferenciando-se dos condomínios que apresentam homogeneização socioeconômica e cultural.

Os moradores da parte mais antiga do loteamento Juracy Palhano são filhos do município de Lagoa Seca, que pertenciam em sua maioria à parte rural do município e que por questões de não terem mais terra suficiente para desenvolver as atividades as quais sempre foram acostumados se mudaram para áreas mais próximas da cidade e por isso mantêm forte identidade com o lugar em que vivem. Já os moradores da parte mais recente do mesmo loteamento chegaram à busca de conforto e proximidade com áreas mais verdes e mais tranquilas. Mantêm uma relação de exterioridade com o lugar porque não encontram afinidades que os aproxime, haja vista que, essas pessoas passam praticamente o dia inteiro fora e só retornam para casa à noite. É o que Lefebvre (1973) analisa:

> *Los habitantes apenas tienen conciencia de un orden interno en su sector, pero los residentes en los conjuntos se consideran y perciben "no pabellonarios". Y reciprocamente en el seno de la oposición, las gentes de los grandes conjuntos se instalan em la lógica del habitat y las gentes de los pabellones en lo imaginário del habitat. Los unos guardan la organización racional (en apariencia) del espacio. Los otros, la presencia del sueño, de la naturaleza, de la salud, al margen de la vida malsana y desagradable*[17]. (LEFÈBVRE, 1973, p. 37).

Sendo assim, as visões que os moradores das duas partes do loteamento têm da área são totalmente diferentes, uma vez que, os primeiros consomem este espaço na íntegra, como espaço de vivência, de lazer, de trabalho, em detrimento dos segundos que só o utilizam como o espaço de recolhimento na hora do descanso diário, tendo em

[17] - Os habitantes apenas têm consciência de uma ordem interna em seu setor, mas os residentes dos conjuntos se consideram e se percebem "não barraqueiros". Reciprocamente no centro da oposição, as pessoas dos grandes conjuntos se instalam na lógica do habitat e as pessoas dos barracos no imaginário do habitat. Os primeiros guardam a organização racional (em aparência) do espaço. Os outros, a presença do sonho, da natureza, da saúde, à margem da vida insalubre e desagradável (LEFEBVRE, 1973, p. 37).

vista que o espaço de lazer, de consumo, de trabalho dessa parcela da população está localizado na cidade de Campina Grande, distante apenas 5 km destes.

Nesse sentido, se confirma a visão que cada morador tem do seu espaço a partir do uso que é feito dele e do imaginário ou ideologia da natureza: o "sonho" a que se refere Lefèbvre, evidenciado nos slogans das propagandas vistas entre Campina Grande e Lagoa Seca. Quem usa mais o espaço (os moradores locais de origem rural) tem uma relação mais próxima do que aqueles que só o fazem para os momentos de descanso familiar (os moradores de privês e condomínios). Com base nisto, cabe ressaltar que o espaço periurbano não se constitui apenas por luxuosos condomínios horizontais fechados, loteamentos de classe média, chácaras que funcionam como segunda moradia, dentre outros. O espaço periurbano também é formado pela camada mais pobre da população, que viu seu espaço de desenvolvimento social e de trabalho sendo, aos poucos, comprimido pela influência do grande capital e interesse imobiliário. Tal fenômeno é muito claro na área aqui estudada. O periurbano "gentrificado", isto é, arranjado esteticamente para domesticar a natureza ao gosto das pessoas de posses, é na verdade um ideal de consumo, uma paisagem à venda, mas que está ladeado pela nova condição (rural?) dos menos aquinhoados e dos pobres do campo, que vivem inclusive a realidade de uma vida insalubre e pouco agradável, como o caso do arruado à margem do condomínio de luxo. Portanto, há um periurbano que está além das belas fachadas e jardins da BR-104.

De fato, nesse cenário de grandes modificações econômicas, culturais e sociais, aparecem vários tipos de organizações sociais com loteamentos mais populares, como o caso do Ipuarana, localizado bem próximo da área urbana de Lagoa Seca. O mesmo é composto, em sua grande maioria, por pessoas do próprio município. São moradores oriundos da zona rural, filhos de agricultores que não desenvolvem mais esta atividade e no momento estão ocupados na construção civil, no setor público municipal ou mesmo em atividades autônomas.

Este loteamento vem crescendo muito nos últimos cinco anos devido ao fato do espaço entre Lagoa Seca e Campina Grande estar em grande evolução econômica, com uma ampla valorização dos terrenos que contemplam áreas verdes. Desse modo, percebe-se que essa ideia de viver bem perto da natureza também domina o imaginário e

os desejos da camada mais simples da sociedade de Lagoa Seca. Embora os preços dos terrenos tenham aumentado consideravelmente nesse período, saltando de R$ 6.000,00 (seis mil reais) por volta do ano de 2005 para R$ 30.000,00 (trinta mil reais) no ano de 2011, muita gente ainda deseja desfrutar dessa nova onda imobiliária e aderir às novas maneiras de viver "perto da natureza e longe da agitação", valor antes restrito aos mais abastados [18].

No entanto, apesar de grandes modificações na paisagem, no cotidiano dos moradores do espaço periurbano em questão, nas relações sociais, no uso do solo, entre outros, o fator que ainda permanece dominante é o da agricultura. Isto é tão mais verdadeiro quanto mais nos afastamos dos grandes eixos viários (BR e melhores estradas vicinais locais, maior distância dos centros urbanos, etc.) Mas há, inclusive, áreas contíguas aos novos assentamentos residenciais que permanecem rurais.

Sendo assim, a agricultura ainda é a principal atividade econômica para algumas famílias e o cultivo de hortaliças a sua fonte de renda, principalmente para grupos familiares que se encontram na zona rural do município de Lagoa Seca, como o caso dos sítios Oiti, Rosa Branca e Mineiro, que estão próximos das áreas dos condomínios fechados, chácaras, loteamentos, configurando o espaço periurbano estudado.

É importante destacar que nesse espaço rural as famílias que estão inseridas no processo de produção agrícola geralmente não desenvolvem outro tipo de atividade que não seja a agricultura. Porém, a maioria das famílias utiliza agrotóxicos e agroquímicos nas culturas como forma de acelerar o processo de desenvolvimento da plantação e assim poder vender mais para supermercados, Ceasa de Campina Grande e feiras em Lagoa Seca, Campina Grande e outros municípios vizinhos. Conforme pesquisa *in loco*, de todos os sítios de Lagoa Seca que trabalham com hortaliças, apenas uma família no sítio Oiti não utiliza agrotóxicos nas culturas. O proprietário nos informou em entrevista que tem o apoio do SEBRAE, participa de programas de capacitação de manejo com as plantações e os cuidados que deve tomar para que suas culturas não sejam contaminadas com as dos vizinhos. Sendo assim, ele consegue, juntamente com o SEBRAE, participar

[18] - Segundo informações obtidas em entrevistas com proprietários de residências e terrenos do loteamento Ipuarana, o tamanho da maioria dos terrenos, em geral, é de 10m de largura por 12m de comprimento. Segundo eles, a causa para o aumento do preço dos mesmos é a grande valorização da área após a instalação dos condomínios horizontais fechados (Fonte: trabalho de campo, 2010-11).

de feiras orgânicas no próprio município, em outras cidades do estado, e até para estados vizinhos.

Assim, as relações socioeconômicas que se estabelecem da zona rural de Lagoa Seca divergem das estabelecidas nas margens da BR-104 e próximas a ela. Sendo assim, é importante analisar como se dão essas relações e como estão interligadas com o espaço periurbano em questão.

3.3 – As relações socioeconômicas no espaço periurbano entre Campina Grande e Lagoa Seca – PB.

A pesquisa constatou que as modificações mais visíveis no espaço periurbano em questão vão apontar para a porção territorial que margeia a BR-104, tendo em vista que tal zona está em um ponto de grande movimento de pessoas e mercadorias que se deslocam para o Brejo do estado bem como desta Microrregião para a cidade de Campina Grande.

Nessa fração territorial, como mostrado, a terra foi adquirindo novos valores diferentes e novos significados a partir da atração populacional que ia acontecendo com o passar do tempo. Sendo assim, com a construção dos condomínios horizontais fechados de alto padrão econômico, áreas que até então desenvolviam atividades de agricultura e pecuária se transformaram em locais especializados de moradia para uma parcela da população de classe média e alta.

Nesse sentido, a terra perdeu o significado de bem de consumo e produção para se transformar em mercadoria fracionada, o seu tamanho passou a ser calculado em m² (metro quadrado) abandonando os cálculos por hec. (hectare), como é típico acontecer nos territórios agrários que sofrem influência direta das cidades.

Sendo assim, o primeiro fator econômico de mudança se dá pelo preço da terra, uma vez que, o preço dos lotes nos condomínios fechados ou nos loteamentos são muito elevados e só a população mais abastada economicamente pode comprá-los. Por vezes a venda da terra fracionada permanece mais lucrativa que a produção de gêneros animais e vegetais, o que desestimula a agricultura.

Nesse cenário é que se distribuem condomínios horizontais fechados a exemplo dos já citados Sierra Home Resort, Nações Residence Privé, Atmosphera Eco Residence, que oferecem uma quantidade considerável de lotes para venda.

Importante ressaltar, mais uma vez, que esses lotes estão revestidos por um valor que só a população mais abastada pode pagar. Em média são lotes de até 600 m² que podem chegar a um valor aproximadamente de R$ 200.000,00 (duzentos mil reais)[19]. Ao fim da construção tais residências chegarão a um valor exorbitante para os padrões locais anteriormente praticados; portanto, o caráter altamente seletivo desses empreendimentos é evidente.

Da mesma forma são os loteamentos, que em torno da década de 1990 não tinham tanto atrativo econômico e os lotes não representavam um valor tão alto. No loteamento Ipuarana, como já dito, que é uma área mais popular, o valor dos terrenos cresceu muito em uma década, cerca de 500%[20]. Sendo assim, com o atrativo que o espaço periurbano entre Campina Grande e Lagoa Seca adquiriu com o decorrer do tempo, com os condomínios fechados, o valor econômico da terra em volta deles também cresceu, apoiado na propaganda feita pela mídia imobiliária de se viver bem e melhor, mais perto da natureza, mais segurança e comodidade, por se estar mais próximo do centro de Campina Grande.

Diante desse contexto, essa fração do espaço viu no decorrer dos anos, mais precisamente nos fins da década de 1990, um aumento nas atividades econômicas principalmente aquelas ligadas ao setor de serviços, como lojas de artesanatos, de plantas ornamentais, bares, restaurantes entre outros.

A maioria dessas atividades teve início a partir das construções dos condomínios horizontais fechados, e daí outro grande motivo para que estejam margeando a rodovia federal, como uma alternativa a mais de renda familiar para quem abandonou total ou parcialmente atividades agrícolas tradicionais para viver de comércio e serviços para as pessoas oriundas da cidade (Figuras 21, 22, 23, 24). Exemplos de atividades "neo-rurais" são os restaurantes "típicos" e a produção e venda de mudas de plantas

[19] Informações obtidas em entrevistas, junto ao mercado imobiliário, bem como por alguns dos proprietários desse tipo de residência no decorrer do ano de 2010.
[20] Informações obtidas em entrevistas com moradores do Loteament Ipuarana, em novembro de 2011.

ornamentais, frutíferas ou grama para o ajardinamento dos terrenos recém-adquiridos, como mostrado nas figuras 21 e 22.

FIGURA 21: Placa de restaurante no espaço periurbano entre Campina Grande e Lagoa Seca, em local mais afastado da BR - 104.

FONTE: ARAÚJO, 2011.

FIGURA 22: Placa às margens da BR-104 informando local de venda de plantas ornamentais.

FONTE: ARAÚJO, 2011.

FIGURA 23: Placas de restaurante e de venda de lotes do condomínio Nações Residence Privé, às margens da BR-104.

FONTE: ARAÚJO, 2011.

FIGURA 24: Restaurante às margens da BR-104, bem próximo ao condomínio Nações Residence Privé e ao Atmosphera Eco Residence.

FONTE: ARAÚJO, 2011.

Na figura 23 pode-se vislumbrar com certa ironia o nome do estabelecimento “O Matutão” ao lado de placa que evidencia a periurbanização. Vale ressaltar que outro restaurante, o RL (Recanto da Lagoa) que pode ser observado na figura 24, já estava instalado quando iniciou o processo de periurbanização mais intensa dessa área, uma vez que, como já foi citado anteriormente, a BR-104 dá acesso ao Brejo do estado e muitas pessoas transitam por ela, fazendo parada quando necessário para se alimentarem.

Dessa forma, até se chegar ao núcleo principal da cidade de Lagoa Seca verifica-se às margens da rodovia federal uma quantidade considerável de restaurantes, bares, lojas dos mais variados estilos, além de granjas, chácaras que vão dando uma forma diferente ao espaço e que nos incitam a considerá-lo como um espaço periurbano.

É importante lembrar que as relações socioeconômicas estabelecidas na área se dão em função desses novos objetos instalados no espaço, embora a maioria dos moradores dos condomínios horizontais fechados não consumam todos os produtos oferecidos, tendo em vista que suas vidas estão condicionadas aos serviços oferecidos pela cidade de Campina Grande. Sem embargo, outro traço típico da periurbanização é o fluxo intenso de pessoas nos finais de semana, em busca de lazer e escapismo do estresse urbano, e muitos desses equipamentos estão ali justamente para servir aos passantes.

Portanto, fica claro mais uma vez que a periurbanização vai muito além da sua face mais visível e retumbante, que são os condomínios de luxo. De um modo geral, os serviços de restaurantes, bares, que estão distribuídos no espaço periurbano em estudo conseguem se manter em funcionamento muito mais em função das pessoas que transitam pela BR-104 em direção ao Brejo do estado e à outras áreas do que pela população que reside no lugar.

Já o setor que comercializa plantas para jardins, gramas, etc. consegue manter uma relação econômica maior com os condomínios e loteamentos, uma vez que é um segmento que trabalha com produtos de ornamentação e já está territorializado no espaço periurbano entre Campina Grande e Lagoa Seca, sem ter a necessidade de se deslocar até a primeira cidade para adquiri-los.

Fazendo referência à agricultura que é praticada no espaço periurbano supracitado, percebe-se que ainda são preservas as características daquela atividade tal como realizada ao longo do povoamento da localidade de Lagoa Seca, ou seja, de caráter familiar e voltado para as necessidades desse grupo produtor.

Todavia, muitos agricultores fazem uso de agrotóxicos em suas culturas, com o intuito de aumentar a produção e assim poder arrecadar mais capital para a reprodução da agricultura praticada, bem como para a manutenção da própria unidade familiar.

De um modo geral, a população que administrativamente está localizada na área rural de Lagoa Seca, mas que se insere nessa área permeada entre objetos e práticas do rural e urbano, tem suas atividades muito fincadas nas relações econômicas praticadas na agricultura, como por exemplo, a participação familiar em todos os processos de produção, o arrendamento, a parceria, dentre outros. Dessa forma, o município supracitado confirma a sua característica primordialmente rural se comparado ao de Campina Grande, com quem estabelece uma relação muito intensa para a produção desse espaço periurbano.

Como já foi observado, a agricultura desempenha um papel muito importante para a economia do município de Lagoa Seca, uma vez que se destaca no estado como grande produtora de hortaliças, embora essa produção seja com o uso intenso de agrotóxicos na maioria de suas lavouras.

Nesse cenário, as plantações se territorializam pelo espaço e para quem passa pela BR-104 é perfeitamente possível vislumbrar as lavouras de hortaliças e frutíferas em volta das residências (Figuras 25, 26).

FIGURA 25: Panorama do Sítio Oiti, em Lagoa Seca, a partir da BR-104.

No sítio Oiti é comum a presença de fruteiras, como a banana em primeiro plano, mas o que mais chama a atenção é a lavoura de hortaliças, como o chuchu em "latadas" que podem ser vistas na colina, em segundo plano.

FONTE: ARAÚJO, 2011.

FIGURA 26: Lavoura de hortaliças no sítio Oiti, Lagoa Seca-PB.

Na mesma propriedade da foto anterior, lavoura de hortaliças no sítio Oiti vista de outra entrada. Percebe-se que a casa está cercada pelas plantações de hortaliças.

FONTE: ARAÚJO, 2011.

No trabalho de campo foi constatado que a unidade familiar prevalece na produção e comercialização, embora existam casos em que é contratada mão-de-obra assalariada, que o proprietário paga por produção. Vale ainda salientar que o uso de agrotóxicos e a produção destinada podem representar indícios de uma mudança maior no quadro da pequena produção rural na localidade.

É importante lembrar que apesar da maioria das unidades de produção de hortaliças em Lagoa Seca utilizar agrotóxicos na produção, ainda existem algumas unidades familiares que trabalham exclusivamente com produtos livres de quaisquer ameaça química em suas lavouras, como ocorre no sítio Oiti, no mesmo município. São elementos de permanência e modernidade convivendo lado a lado no meio rural. A produção "orgânica" supracitada é um elemento de inovação que invoca caracteres da tradição, demonstrando o quanto os fenômenos estão imbricados nas zonas em periurbanização (Figura 27).

FIGURA 27: Plantação de hortaliças no sítio Oiti, Lagoa Seca-PB.

Esta plantação de hortaliças no sítio Oiti, em Lagoa Seca, é feita livre de agrotóxicos. Ao fundo percebe-se outro sítio, com plantações de laranjas com uso de agrotóxicos.

FONTE: ARAÚJO, 2011.

Nessa unidade de produção, o proprietário trabalha juntamente com sua família, que participa de todos os processos de cultivo onde o lucro é revertido para a manutenção da prática agrícola e reprodução da unidade familiar. Uma permanência do rural tradicional, mesmo que a lavoura orgânica possa ser vista como inovação – o que de fato é muito comum em zonas periurbanas. Vale relembrar que o proprietário trabalha em conjunto com o SEBRAE, onde desenvolve técnicas de como lidar com esse tipo de produção (Figura 28).

FIGURA 28: Irrigação manual em plantação de hortaliça, Sítio Oiti, Lagoa Seca-PB.

Proprietário da produção orgânica no sítio Oiti, regando manualmente as lavouras de hortaliças.

FONTE: ARAÚJO, 2011.

Nesse sentido, a produção se concentra em uma área menor do que as outras produzidas no município, porém a qualidade dos produtos é bem maior, tendo em vista que é comercializado em feiras orgânicas na cidade de Lagoa Seca, Campina Grande e destinada também para outros municípios do estado e estados vizinhos.

Sendo assim, percebe-se que a produção de hortaliças e frutas de Lagoa Seca está bem dividida por localidades rurais que estão entremeadas com loteamentos, granjas, condomínios, pousadas, tornando essa área das plantações, que o poder público

municipal denomina de rural, também com suas especificidades– mesmo que as mudanças de uso típicas da periurbanização sejam vizinhas.

Dessa forma, percebem-se outras situações semelhantes à do sítio Oiti, com a produção de hortaliças, como já foi observado anteriormente. Neste sentido podem-se acrescentar os sítios Rosa Branca e o Mineiro, que se destinam à produção de laranjas, e por último o sítio Vale das Nascentes. Este último, todavia, já começa a se desviar da produção agrícola para entrar no mercado imobiliário.

Na área do Vale das Nascentes, predominantemente rural, percebe-se uma quantidade considerável de granjas que funcionam como residências de segunda moradia, para uma população abastada da cidade de Campina Grande, que só frequenta suas residências em períodos de férias, festas, feriados e fins de semana (Figuras 29, 30, 31).

FIGURA 29: Entrada de granja no sítio Vale das Nascentes, em Lagoa Seca – PB.

O uso agrícola foi trocado pelo lazer.

FONTE: ARAÚJO, 2011.

FIGURA 30: Entrada de granja no sítio Vale das Nascentes, Lagoa Seca - PB.

Destaque para a valorização do verde na entrada.

FONTE: ARAÚJO, 2011.

FIGURA 31: Entrada de granja no sítio Vale das Nascentes, Lagoa Seca – PB.

A estetização de uma vida bucólica é evidente.

FONTE: ARAÚJO, 2011.

propagandas dos condomínios horizontais fechados, também apela para questões

relacionadas com a natureza, como ar puro, tranquilidade, dentre outros. Com características bucólicas e propagandas desse tipo, consegue atrair muitas pessoas que ainda residem na área urbana de Campina Grande e de outras cidades do estado da Paraíba (Figuras 32, 33, 34).

FIGURA 32: Entrada da pousada Magia do Verde, em Lagoa Seca – PB.

O próprio nome é bem indicativo dos sentidos atribuídos ao espaço.

FONTE: ARAÚJO, 2011.

FIGURA 33: Área social da pousada Magia do Verde, em Lagoa Seca – PB.

O paisagismo confere o efeito de imersão na vegetação.

FONTE: ARAÚJO, 2011.

FIGURA 34: Apartamentos tipo chalé na pousada Magia do Verde. Percebe-se uma área de preservação vegetal ao fundo.

FONTE: ARAÚJO, 2011.

Sendo assim, as relações socioeconômicas estabelecidas nesse espaço periurbano acontecem de várias formas, uma vez que, nas chácaras muitas pessoas que residem nessa área trabalham como faxineiras, moradores, jardineiros, entre outros[21], e têm nessas atividades uma forma a mais de incrementar a renda familiar, embora não estabeleçam um contato assíduo com os patrões, tendo em vista que estes só aparecem esporadicamente e seja mantida uma distância nas relações entre eles.

Nas pousadas, as relações sociais entre empregados e clientes não são muito próximas, tendo em vista que as pessoas querem desfrutar do ambiente com privacidade. Economicamente, é uma fonte de geração de renda, visto que além das diárias tem todos os produtos que são comercializados no interior da pousada.

Sendo assim, o espaço periurbano entre Campina Grande e Lagoa Seca se constitui como um espaço dinâmico, e as mudanças e permanências que ocorrem nessa área fazem parte do movimento do espaço geográfico. Sendo assim, coube tentar, ao longo do texto, compreender e explicar este processo de dinamização do espaço físico com a população que nele atua.

[21] - Vale salientar que os funcionários que exercem a função de moradores de algumas granjas, chácaras, têm suas funções trabalhistas regularizadas junto à previdência social. Os demais prestam serviços como diaristas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o processo de globalização em expansão, o desejo de se firmar em áreas mais tranquilas, mais afastadas dos centros urbanos está se proliferando nos países desenvolvidos e também nos países em desenvolvimento (VALE, 2005), uma vez que, o espaço que margeia as cidades começa a adquirir novas funções e se envolve de aparatos técnicos para tornar o povoamento dessas áreas mais rápido e confortável para um público de hábitos citadinos.

Contudo, esses benefícios são direcionados, a princípio, a uma parcela significativa da população que tem condições financeiras para adquirir lotes em condomínios de luxo, terrenos para construção de chácaras, casas para segunda moradia, hospedagem em pousadas rurais, dentre outros. À população de renda mais baixa cabe se fixar nas áreas que ainda não interessam ao mercado imobiliário.

Ao longo de toda a pesquisa discutimos as relações socioeconômicas existentes no espaço entre as cidades de Campina Grande e de Lagoa Seca, evidenciando que o uso e ocupação do solo foi adquirindo novas formas e novas funções a partir de empreendimentos imobiliários que deram outro significado a área, eliminando aquela antiga definição dualista do campo e da cidade.

A cidade se expandiu em direção ao campo e levou os seus costumes e características definidoras, e ao mesmo tempo absorveu as peculiaridades do campo formando um *continnum* territorial.

Dessa forma, não podemos mais analisar o campo apenas pelas atividades agrícolas, nem pelo modo de vida tranquilo e lento, administrado pelas forças da natureza, uma vez que outras atividades ligadas a outros setores da economia já chegaram nessa porção territorial e a população agregou esses valores, fazendo coexistir no mesmo espaço atividades diversas, com ritmos diferentes.

Do mesmo modo, a cidade não é mais percebida exclusivamente pelas características industriais e o movimento contínuo. Ao se aproximar das áreas mais afastadas do seu centro, a cidade ganhou outras formas, absorveu novas características, embora demonstre ainda uma superioridade física frente ao campo.

Sendo assim, as discussões a respeito do espaço periurbano entre Campina Grande e Lagoa Seca tornaram-se coerentes graças ao processo de territorialização dessas cidades - principalmente da primeira, que se expandiu em direção as suas periferias, especializou essas áreas para um segmento social que absorveu com muita rapidez esse novo estilo de vida e com ele levou uma série de atividades que antes estavam localizadas em outros pontos da zona urbana.

Na faixa transitória entre Campina Grande e Lagoa Seca, o espaço que margeia a BR-104 é marcado por condomínios fechados, bairros verdes, uma série de serviços (restaurantes, bares, lojas), além das áreas interioranas à rodovia federal que se constituem com chácaras, pousadas, restaurantes e espaços destinados à agricultura familiar de hortaliças. Tudo isso ocasionou uma mudança econômica, política, cultural que dinamizou muito o espaço, uma vez que, as pessoas vivem circulando destas áreas para Campina Grande bem como para Lagoa Seca para trabalhar, estudar, passear, constituindo um espaço periurbano dotado de muita dinamicidade.

Embora esse fenômeno tenha se iniciado primeiramente em países europeus e norte-americanos, a formação do espaço periurbano no Brasil tem início na década de 1960, e no estado da Paraíba, mais precisamente em Campina Grande e Lagoa Seca, só teve início a partir de meados da década de 1990, com a implantação de alguns condomínios horizontais fechados, loteamentos populares, chácaras, dentre outros.

Nesse contexto, evidencia-se que o espaço entre Campina Grande e Lagoa Seca vem se transformando ao longo das últimas décadas, incorporando atividades da cidade e ainda conservando as do campo, transformando o estilo de vida de uma população que vivia até meados da década de 1990 do século passado com os traços marcantes da vida rural, modificando o uso do solo em favor dos empreendimentos imobiliários que valorizam essa nova tendência nacional dos residenciais do tipo privê, deixando claro que hoje não se pode delimitar ou conceituar com exatidão o que seja o urbano nem o rural.

Estamos vivendo uma fase em que estas áreas se transformaram em um *continuum* que mantêm suas características próprias, embora elas estejam se permutando emprestando seus traços marcantes definidores ao outro e formando este espaço de muitas modificações e contradições, que chamamos de espaço periurbano.

Dessa forma, as ações públicas nesse espaço devem considerar esse processo de mudança e transformação dessa área, observando que se trata de um espaço dinâmico, vivo, que contém muito mais do que o urbano e o rural, mas um novo conceito, uma continuidade espacial, em que as ações do processo de urbanização não podem ter uma priorização em detrimento das ações realizadas no campo, haja vista, que este espaço periurbano contém as áreas urbanas e também as rurais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Ricardo. Do setor ao território: funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo. **IPEA** (Texto para discussão), São Paulo/Rio de Janeiro, n. 702, 2000.

_____. **Agricultura familiar e uso do solo**. São Paulo em Perspectiva. Abr/jun, vol. 11, nº 2: 73-78.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A questão do território no Brasil**. São Paulo – Recife: Hucitec, Ipesp, 1995.

ARAÚJO, J. S. B. **Transformações/permanências no espaço agropecuário de Boa Vista – PB após a instalação da mineração de bentonita**: um estudo de caso das localidades rurais de Bravo e Urubu. Monografia (Graduação em Geografia). Departamento de História e Geografia. Universidade Estadual da Paraíba, 2008.

BAGLI, Priscilla. **Rural e urbano nos municípios de Presidente Prudente, Álvares Machado e Mirante do Paranapanema**: dos mitos pretéritos às recentes transformações. Dissertação (Mestrado). Departamento de Geografia. Faculdade de Ciências e Tecnologias. Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2006.

CÂMARA, Epaminondas. **Datas campinenses**. Campina Grande: Ed. Caravela, 1988.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 8. ed. 2ª reimpressão. Coleção repensando a geografia. São Paulo: Contexto, 2009.

COSTA, Antonio Albuquerque da. **Sucessões e coexistências do espaço campinense na sua inserção ao meio técnico-científico-informacional**: a feira de Campina Grande na interface desse processo. Dissertação (Mestrado em Geografia). Departamento de Geografia. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2003.

DINOÁ, Ronaldo. **Memórias de Campina Grande**. 1. Volume. 1988.

ENTRENA DURÁN, Francisco. **Los límites difusos de los territórios periurbanos**: una propuesta metodológica para el análisis de su situación socioeconómica y procesos de cambio. Sociologias, Porto Alegre, ano 6, nº 11, jan/jun 2004, p. 28-63.

FERREIRA, Rubio José. **Agricultura na cidade do Recife – PE**: complementaridades rural-urbana e dinâmica espacial. Dissertação (Mestrado). Departamento de Pós-Graduação em Geografia. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2009.

FOLDER DE PROPAGANDA. **Condomínio Sierra Home Resort**. 2007.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 17. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1980.

GUALDANI, Carla; BRAGA, Roberto; OLIVEIRA, Bernadete Castro. **Transformações do uso do solo em área de transição rural-urbana no município de Rio Claro – SP**. III Simpósio Nacional de Geografia Agrária – II Simpósio Internacional de Geografia Agrária Jornada Ariovaldo Umbelino de Oliveira – Presidente Prudente, 11 a 15 de novembro de 2005.

http://www.pbagora.com.br. Acessado em 06/12/2011.

IBGE. Censo Agropecuário. 2006. http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1. Acessado em 20/07/2011.

LAGOA SECA - PB. Prefeitura Municipal de Lagoa Seca. Plano Diretor Participativo, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **El derecho a la ciudad**. 2. ed. Barcelona: Ediciones Península, 1973.

MAIA, Doralice Sátyro. **O campo na cidade**: necessidade e desejo, um estudo sobre subespaços rurais em João Pessoa – PB. Dissertação (Mestrado). Departamento de Geociências. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1994.

MIRANDA, Lívia Izabel Bezerra de. **Urbanização e dispersão**: as "granjas" de primeira e segunda residência em Carpina – PE. Dissertação (Mestrado). Departamento de Pós-Graduação em Geografia, UFPE. Recife, 1997.

MOREIRA, Roberto José. Configurações de poderes urbano-rurais: fragmentos de discursos e práticas. In: MARAFON, Glaucio José.; RUA, João.; RIBEIRO, Miguel Angelo. (orgs.). **Abordagens teórico-metodológicas em geografia agrária**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.

_____. Cultura, política e o mundo rural na contemporaneidade. In: **Estudos sociedade e agricultura**, 20, abril: 2003.

NORONHA, Elias Oliveira. **O espaço rural no contexto da urbanização difusa**: o estudo da pluriatividade nos bairros rurais Roseira e Toca no município de Jundiaí – SP. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente, 2008.

PAULINO, Eliane Tomiasi. Políticas territoriais e questão agrária: da teoria à intervenção. In: SAQUET, Marcos Aurelio.; SANTOS, Roseli Alves dos. (Orgs). **Geografia agrária, território e desenvolvimento**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

ROSA, L. R. & FERREIRA, D. A. de O. As categorias rural, urbano, campo, cidade: a perspectiva de um continuum. In: SPOSITO, M. Encarnação Beltrão.; WHITACKER, Arthur Magon. (Orgs). **Cidade e campo**: relações e contradições entre urbano e rural. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

_____. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1997c.

SILVA, Ailson Barbosa da. **Dinâmica de periurbanização na franja rural-urbana de Camaragibe**: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social. Dissertação (Mestrado). Departamento de Ciências Geográficas (PPGEO). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2011.

_____. **O papel das técnicas no processo de periurbanização da região metropolitana do Recife – o caso de Aldeia.**

SOBARZO, Oscar. O urbano e o rural em Henri Lefebvre. In: SPOSITO, M. Encarnação Beltrão.; WHITACKER, Arthur Magon. (Orgs). **Cidade e campo**: relações e contradições entre urbano e rural. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
SMITH, Adam. **A riqueza das nações**. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.

SPOSITO, M. Encarnação Beltrão. A questão cidade-campo: perspectivas a partir da cidade. In: SPOSITO, M. Encarnação Beltrão.; WHITACKER, Arthur Magon. (Orgs). **Cidade e campo**: relações e contradições entre urbano e rural. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

VALE, Ana Rute do. **Expansão urbana e plurifuncionalidade no espaço periurbano de Araraquara (SP)**. Tese (Doutorado). Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005.

VEIGA, José Eli da. **A relação rural/urbano no desenvolvimento regional**. Cadernos do CEAM (centro de Estudos avançados Multidisciplinares da Universidade de Brasília, UnB) Vol. 17, Fevereiro 2005, pp. 9-22.

_____. Destinos da ruralidade no processo de globalização. In: Scielo Brasil**. Estudos avançados**, vol. 18, nº 51. São Paulo, May/Aug. 2004.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **O mundo rural como um espaço de vida:** reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

_____. **Raízes históricas do campesinato brasileiro**. XX Encontro Anual da ANPOCS. Outubro, Caxambu, MG, 1996.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

ANEXOS

ANEXO 01: Questionário de pesquisa destinados aos moradores do espaço periurbano entre Campina Grande e Lagoa Seca.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

MESTRADO EM GEOGRAFIA

ALUNO: José Silvan Borborema Araújo

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

1 – Sexo

1. Masculino
2. Feminino

2 – Idade

1. Até 18 anos
2. 19 a 30 anos
3. 31 a 40 anos
4. Acima de 41 anos

3 – Grau de escolaridade

1. Ensino fundamental incompleto
2. Ensino fundamental completo
3. Ensino médio incompleto
4. Ensino médio completo
5. Ensino superior incompleto
6. Ensino superior completo

4 – Há quanto tempo reside nesta localidade?

1. Até 10 anos
2. 11 a 20 anos
3. 21 a 30 anos
4. Mais de 31 anos
5. Não sabe

5 – Sua casa é:

1. Própria
2. Alugada
3. Familiar
4. Emprestada/cedida
5. Outros. Qual?

6 – Sempre morou nesta localidade?

1. Sim
2. Não
3. Não sabe

7 – Houve alguma mudança relacionada com a moradia nos últimos 20 anos? Se sim, descreva onde se localizava a antiga moradia e o motivo da mudança.

8 – Qual motivo levou-os a vir morar aqui?

1. Empregabilidade
2. Contato com a natureza
3. Segurança
4. Possibilidade de moradia melhor
5. Outros. Qual?

9 – Você considera esta área como rural ou urbana? Por quê?

10 – Você paga IPTU ou ITR?

11 – Qual o principal setor da atividade do chefe da sua família?

1. Agricultura
2. Prestação de serviços
3. Indústria
4. Não sabe

SOBRE SUA SITUAÇÃO PROFISSIONAL

12 – Qual o tipo de serviço realiza no seu espaço de trabalho?

13 – Se trabalha em condomínios/chácaras/pousadas/restaurantes etc. qual o tipo de serviço realizado?

1. Jardinagem
2. Serviços domésticos
3. Segurança
4. Administrativo
5. Outros. Qual?

14 – É um trabalhador regular (direitos trabalhistas assegurados)?

1. Sim
2. Não
3. Não respondeu

15 – Qual sua média salarial?

1. Até R$ 500,00
2. De R$ 511,00 a R$ 1.020
3. Mais de R$ 1.020

16 – A renda total de sua família é de:

1. De R$ 511,00 a R$1. 020
2. De R$ 1.0221 a R$ 1.530
3. Mais de R$ 1.531

17 – Qual a carga horária de trabalho semanal?

1. Menos de 40 horas
2. 40 horas
3. Mais de 40 horas

18 – Realiza alguma atividade profissional ligada a agricultura?

1. Sim
2. Não

19 – Se trabalha em cond./chácaras/pousadas/restaurantes etc. seu trabalho é a principal fonte de renda da família?

1. Sim
2. Não
3. Não respondeu

20 – A opção por trabalhar nesta atividade foi por:

1. Falta de outras oportunidades de trabalho
2. Benefícios oferecidos
3. Outros. Qual?

21 – Relacione os itens a seguir com ótimo/bom/regular/ruim, sobre os serviços, equipamentos e infra-estrutura nesta área:

1. Transportes
2. Equipamentos de saúde
3. Escolas públicas
4. Coleta de lixo
5. Abastecimento de água
6. Vias locais (calçamento, acessibilidade)
7. Segurança pública
8. Iluminação
9. Comunicação (telefonia, internet, sinais de rádio e TV)
10. Oportunidades de emprego

22 – Em sua opinião, qual o principal fator de atração populacional desta área?

1. Contato com a natureza
2. Segurança e baixo índice de violência
3. Possibilidade de emprego
4. Tranquilidade
5. Outros. Qual?

23 – Que vantagens se tem em se estar próximo de uma cidade maior como Campina Grande?

24 – Você considera que sua propriedade pertence a que município?

1. Campina Grande
2. Lagoa Seca